

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

CONSTRUÇÕES COM *AGORA* EM JORNAIS DO SÉCULO XIX: UMA  
PERSPECTIVA CENTRADA NO USO

Danielle dos Santos Cleres

2018

CONSTRUÇÕES COM *AGORA* EM JORNAIS DO SÉCULO XIX: UMA  
PERSPECTIVA CENTRADA NO USO

DANIELLE DOS SANTOS CLERES

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Maura da  
Conceição Cezario

Coorientador: Prof. Dr. Marcos Luiz  
Wiedemer

RIO DE JANEIRO

Fevereiro de 2018

CONSTRUÇÕES COM *AGORA* EM JORNAIS DO SÉCULO XIX: UMA PERSPECTIVA  
CENTRADA NO USO

Danielle dos Santos Cleres

Orientadora: Professora Doutora Maria Maura da Conceição Cezario

Coorientador: Professor Doutor Marcos Luiz Wiedemer

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Aprovada por:

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Maura da Conceição Cezario – PPG Linguística, UFRJ (Orientadora)

---

Prof. Dr. Marcos Luiz Wiedemer – UERJ (Coorientador)

---

Prof. Dr. Vinícius Maciel de Oliveira – UERJ

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Natalia Ilse Paulino Machado – UFRJ

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Érika Cristine Ilogti de Sá – UFRJ (suplente)

---

Prof. Dr. Monclar Guimarães Lopes – UFF (suplente)

Rio de Janeiro  
Fevereiro de 2018

CIP - Catalogação na Publicação

C237c Cleres, Danielle dos Santos  
Construções com agora em jornais do século XIX:  
uma perspectiva centrada no uso / Danielle dos  
Santos Cleres. -- Rio de Janeiro, 2018.  
125 f.

Orientadora: Maria Maura da Conceição Cezario.  
Coorientador: Marcos Luiz Wiedemer.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do  
Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós  
Graduação em Linguística, 2018.

1. Gramática de Construções. 2. Linguística  
Funcional Centrada no uso. 3. periódicos do século  
XIX na cidade do Rio de Janeiro. I. Cezario, Maria  
Maura da Conceição, orient. II. Wiedemer, Marcos  
Luiz, coorient. III. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo (a)  
autor (a).

## EPÍGRAFE

“Para que todos vejam e saibam, considerem e juntamente entendam que a mão do Senhor fez isso, e o Santo de Israel o criou”.

Isaías 41:20

## DEDICATÓRIA

Ao meu irmão, Ricardo (*in memoriam*), por todo o incentivo e dedicação que sempre demonstrou a mim.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela graça em ter me guiado a esta difícil e prazerosa trajetória acadêmica. Decidi, após a conclusão do curso de Jornalismo, retornar aos bancos universitários em busca de um sonho esquecido na infância: ingressar na faculdade de Letras. Só Ele e eu sabemos os dias e noites de choro e angústia em prol de um futuro incerto, mas, ainda assim, mantive a minha fé n'aquela que faz nova todas as coisas;

À minha mãe, Adélia, e ao meu *paidrasto* Epiphânio por todo o amor, conselhos e investimentos que me fizeram chegar até aqui. Sempre recebi de vocês orientações de vida e a percepção de que o caminho correto para uma vida digna passa pelos estudos. A educação foi uma moeda inegociável em nossa casa e, se eu tenho amor por esta área do conhecimento, devo a vocês;

Ao meu irmão, Fábio, pelo seu amor, parceria e incentivo ao meu desenvolvimento pessoal; aos meus sobrinhos, André, Anderson e Andressa, por acreditarem no meu potencial e preencherem a minha vida de amor; ao meu marido, Jorge, pela caminhada turbulenta e vitoriosa que juntos partilhamos;

À minha orientadora, Maura Cezario, pelos preciosos momentos em que pude desfrutar de seus direcionamentos em minha vida. Sou grata, principalmente, por ter aceitado orientar o meu projeto na UFRJ. Agradeço pelas broncas, conselhos e incentivos, pois sei que, verdadeiramente, se importa com os alunos e esse modo de agir feito uma “mãezona-acadêmica” é para que venhamos demonstrar todo o nosso potencial;

Ao meu orientador, Marcos Wiedemer, que tem me acompanhado desde a UERJ. Mestre, tu não tens dimensão de quão grata eu sou por tê-lo em minha vida. Mais do que um professor, és um grande amigo. Admiro-o tanto pelo excelente profissional quanto pela pessoa que é! Como pode caber tanta generosidade em uma só pessoa?

Ao grupo Discurso & Gramática pelos preciosos momentos que vivi. Agradeço pelas reuniões de pesquisa, aconselhamentos e a parceria com a qual pude contar;

Agradeço à professora Sonia Câmara e ao Fidel pela confiança depositada em mim. A minha vida acadêmica teve início após ter conhecido vocês! Muito obrigada pela oportunidade em fazer parte do NIPHEI, por terem acreditado em mim ao concederem a

pesquisa de Iniciação Científica. Através de vocês dois, tive acesso ao precioso banco de dados da Biblioteca Nacional e, daí, criar uma pesquisa que unisse Jornalismo e Letras, duas das minhas paixões;

À professora Maria Isaura por ter me acolhido no Pibid e me ensinado que é possível aliar o amor pela docência com a pesquisa acadêmica. Não posso deixar de incluir aqui as professoras do C.E. Francisco Lima, Eliane Balonecker e Tania Nunes, pelos ensinamentos e convívio semanal nas salas de aula. Agradeço por tudo.

Agradeço à minha “*cat family*” por preencher a minha vida de amor;

Agradeço às minhas amigas Sabrina (Sassá), Juliana (Ju), Natália (Nat), Manuela (Manu), Jéssica, Carolina Vasconcelos (Carol) e à minha prima Rapha pelo amor e momentos em que pude contar com as orações, ombros amigos e, principalmente, os ouvidos de vocês. Sem esse apoio, eu não teria conseguido!



## RESUMO

### CONSTRUÇÕES COM *AGORA* EM JORNAIS DO SÉCULO XIX: UMA PERSPECTIVA CENTRADA NO USO

Danielle dos Santos Cleres

Orientadora: Professora Doutora Maria Maura da Conceição Cezario

Coorientador: Professor Doutor Marcos Luiz Wiedemer

Resumo da Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-graduação em Linguística, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Linguística.

Esta pesquisa está embasada nos aportes teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso, mais especificamente nas abordagens de Goldberg (1995; 2006), Traugott & Trousdale (2013) e Bybee (2010). O trabalho consiste num estudo que investiga as construções com *agora*, representadas em sua construção mais abstrata como [(X) *agora* (Y)], em jornais do século XIX que circularam na cidade do Rio de Janeiro. Nosso objetivo principal é analisar os diferentes papéis dessa construção e de seus subesquemas encontrados nestes textos. Os resultados demonstram que há dois grandes subesquemas: o subesquema circunstancial, cujo domínio funcional apresenta caráter adverbial e o subesquema de comparação temporal enunciativa, no qual as microconstruções estabelecem relações comparativas entre as porções textuais e o tempo é não cronológico.

Palavras-chave: Linguística Funcional Centrada no Uso; Gramática de Construção; construções com *agora*.

## ***ABSTRACT***

### **CONSTRUCTIONS WITH *AGORA* (NOW) IN THE 19TH CENTURY NEWSPAPERS: A PESPECTIVE BASED IN USE**

Danielle dos Santos Cleres

Orientadora: Professora Doutora Maria Maura da Conceição Cezario

Coorientador: Professor Doutor Marcos Luiz Wiedemer

*Anstract* da Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-graduação em Linguística, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Linguística.

This research is based on the theoretical contributions of Usage Based Linguistics, specifically on the approaches of Goldberg (1995, 2006), Traugott & Trousdale (2013) and Bybee (2010). It consists of a study of the constructions with *agora* 'now', represented by the abstract construction [(X) *agora* (Y)], in 19th century newspapers published in the Rio de Janeiro city. Our main objective is to analyze the different roles of this construction and its subschemas found in these texts. The results show that there are two major subschemas: the circumstantial subschema, whose functional domain is adverbial and the subschema of enunciative temporal comparison, in which the microconstructions establish comparative relationship between the textual parts and they don't refer to a timeline.

Keywords: Usage-based Linguistics; Construction Grammar; constructions with *agora* 'now'.

## Sumário

INTRODUÇÃO .....	xiv
1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	19
1.1 Linguística Funcional Centrada no Uso .....	19
1.2 Gramática de Construções.....	24
1.3 Contexto .....	30
1.4 Gêneros Textuais.....	32
2 REVISÃO DA LITERATURA.....	36
2.1 O advérbio e as diferentes abordagens.....	36
2.1 Agora como Conjunção Adversativa .....	42
2.2 Agora como Marcador Discursivo .....	44
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....	47
3.1 História da Imprensa na Colônia.....	48
3.2 Amostra.....	49
3.2.1 Correio Braziliense ou Armazém Literário (1808-1822).....	50
3.2.2 O Patriota, Jornal Litterario, Político, Mercantil, etc. do Rio de Janeiro (1813-1814) .....	50
3.2.3 A Aurora Fluminense (1827-1835).....	51
3.2.3.1 O Tempo: jornal politico e litterario (1832-1846).....	52
3.2.3.2 Gazeta da Tarde (1880-1899).....	53
3.3 Procedimentos de análise .....	53
4 ANÁLISES DOS DADOS.....	56
4.1 Padrões construcionais .....	56
4.2 Jornais .....	67
4.2. Categoria gramatical .....	80
4.4 Papéis semântico-pragmáticos dos padrões construcionais .....	89
4.5 Escopo da construção.....	99
4.6 Gêneros Textuais.....	103
4.7- Links entre as construções.....	106
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	118
REFERÊNCIAS .....	122

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Níveis da construção.....	27
Figura 2 - Propriedades de forma e sentido da construção.....	31
Figura 3 - Quantitativo de enunciados por jornais .....	54
Figura 4 - Subesquemas construcionais (construção circunstancial adverbial) .....	58
Figura 5 - Subesquemas construcionais (construção temporal enunciativa).....	66
Figura 6 - Rede Construcional .....	113
Figura 7 - Rede Construcional do esquema PREPOSIÇÃO <i>agora</i> .....	114
Figura 8 - Instanciação comparativa em construções com <i>agora</i> .....	116

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Microconstruções com <i>agora</i> .....	65
Tabela 2 - Relação entre padrões construcionais e jornais do século XIX.....	68
Tabela 3 – Padrões construcionais e funções categoriais.....	82
Tabela 4 - Padrões construcionais e seus papéis semântico-pragmáticos .....	91
Tabela 5 – Relação entre papéis semântico-pragmáticos e jornais .....	98
Tabela 6 - Relação entre tipos de padrões construcionais e seus escopos.....	101
Tabela 7 – Relação entre padrões construcionais e gêneros discursivos.....	105

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Modalidades oral/escrita Fonte: Marcuschi (2008, p. 195).....	34
Quadro 2 - Fatores para análise.....	55
Quadro 3 - Comparação temporal enunciativa.....	61
Quadro 4 - Comparação das estruturas temporais.....	63
Quadro 5 - Comparação temporal das porções textuais.....	64
Quadro 6 - Esquema de microconstruções [PREPOSIÇÃO <i>agora</i> ].....	109
Quadro 7- Esquema da construção [agora QUE]e micro-construção [[(X) agora QUE].....	111
Quadro 8 - Propriedades das construções com <i>agora</i> .....	120

## INTRODUÇÃO

O objetivo dessa dissertação é analisar dados com o elemento *agora* e descrever os padrões construcionais encontrados e estabelecer suas funções nos periódicos fluminenses do século XIX. Ao submetermos este trabalho à luz da Gramática de Construções nas avaliações de Goldberg (1995, 2006), Traugott e Trousdale (2013) dentre outros, juntamente com as acepções teóricas embasadas na Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), percebemos o não esgotamento do assunto e acreditamos que a presente investigação pode contribuir para o aprofundamento do tema.

Observamos que os padrões construcionais são subesquemas de uma construção mais abstrata, a construção [(X) *agora* (Y)]. A hipótese basilar deste trabalho é a de que os diferentes padrões construcionais instanciados por esta construção tendem a ter papéis funcionais diferentes nos textos entre si. Pretendemos, então, compreender as táticas discursivo-pragmáticas que promoveram estas instanciações de uso.

Esse estudo está fundamentado na LFCU, corrente teórica que considera a língua em situações reais de uso e os contextos em que ocorrem. Portanto, concordamos com as considerações de Bybee (2013, p. 49), segundo a qual “a premissa básica da teoria centrada no uso é que a experiência com a língua cria e impacta as representações cognitivas da linguagem”. Nessa visão, a estrutura da língua é modificada pelos usuários e obedece às necessidades discursivas compartilhadas em um contexto social.

Muito importante também para o nosso trabalho é a Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995; 2006), segundo a qual as línguas são formadas por construções conectadas por links formais e funcionais. As construções são pareamentos forma-função conectados numa rede linguística. De acordo com esse modelo, formas diferentes têm papéis semântico- -sintáticos distintos. Aproveitando também as contribuições da sociolinguística e do LFCU, preferimos dizer que formas diferentes tendem a ter funções distintas. Mesmo tendo funções distintas, há sempre algum traço em comum entre os subesquemas ou padrões construcionais que nascem de uma construção mais abstrata. Assim buscaremos verificar que funções distintas os subesquemas tendem a desempenhar nos jornais estudados. Também buscaremos verificar que links comuns esses subesquemas têm. Iniciamos esta discussão com uma breve retrospectiva com o intuito de esclarecer e justificar esta investigação. A pesquisa

tem sua origem durante o curso de Especialização em Língua Portuguesa da UERJ/FFP e integrou o projeto *Agora, virei um marcador discursivo* sob a direção do Prof. Dr. Marcos Luiz Wiedemer. Iniciamos a busca de dados em três jornais do século XIX, seis do século XX e um da presente centúria. A análise foi feita a partir do modelo da Gramaticalização (cf. HOPPER & TRAUGOTT, 1993), Heine et alii (1991)) e constatou que, a depender do gênero textual jornalístico, o item *agora* tende a apresentar polifuncionalidade nas sincronias pesquisadas. Ao mapearmos a trajetória do elemento, constatamos o *continuum* Advérbio > Conjunção > Marcador Discursivo. Observemos os exemplos abaixo, o primeiro faz parte do gênero “carta” e o segundo do gênero “entrevista”, ambas as amostras foram retiradas de Cleres (2016):

(1) Tive eu e minha mulher licença para hirmos ao paço dos nossos Reis quando quiséssemos... A minha mulher tocou um bom quinhão porque conta hoje no rol dos seus amigos, as Exmas. Sra. Duqueza \*\*\* camareira Mór de \*\*\* Dona \*\*\* filha do meu amigo Dom \*\*\* e muitas outras famílias distintas tanto pela sua honra como pelas suas elevadas posições sociaes. Vim para o Porto e nesta cidade os obséquios e honras longe de diminuirẽm forão em aumento ali bem como em Lisboa não me faltarão pessoas gradas a oferecerem-me os seus serviços e amizades: casas, para me asilar, dinheiro, etc, etc .. tudo se me ofereceu. Graças ao Supremo Creator; mas eu de nada me quis utilizar por isso que a ninguém pretendo incomodar.

Passarei **agora** a falar desta sempre illustre e sempre nobre província do Minho minha clara pátria natal onde vi a luz do dia e recebi a Sacro-Santa — Água Baptismal. Aqui é impossível descrever-lhe em um quadro aproximado a recepção que me fizeram e as honras que recebi de todas as autoridades locaes e das principaes e mais gradas pessoas desta abençoada terra.

Visitas de famílias e seus chefes, músicas, foguetes ,immensissimos presentes das melhores fructas, e de aves e de outros muitos objectos; de tudo fui obsequiado; não tenho um momento de descanso e apenas em alta noite e por algumas horas me deixam em paz! Eu confesso ao meu amigo que estou admirado de mim mesmo porque conheço merecimento para tanto; mas que se Deus protege o Japonique? Vou concluir esta massada para mais não ser por esta fastidioso ao meu bom amigo.”

(*A Carapuça: Jornal satyrico para recreio das famílias.* – 1857)

Neste exemplo, percebe-se que o item *agora* integra porções amplas do texto e desempenha funções discursivas, de modo a contribuir para o desenvolvimento do assunto. Constata-se que, após a inclusão do item, o assunto é alterado e o tópico eleito é o relato da província que o casal escolhera para residência.

Cleres (2016) observa que a função de marcador discursivo é possível pela menção a fatos ocorridos e organizados em sequência. Segundo Cleres:

o elemento **agora**, juntamente com a forma verbal **passarei**, apesar de ainda apresentar traços prototípicos — [+ escopo verbal], [+ circunstanciação] e [+ mobilidade] — não possui a referência temporal vinculada ao presente e apresenta o traço [+ referência temporal futura], devido à flexão verbal e também exerce a função de Organizador Textual com introdução de novo tópico, visto que há o anúncio de que a topicalização será somente sobre a estada na cidade do Porto (CLERES, 2016, p. 39).



(2) “(...) Mas a coisa deveria surgir dos interessados, que são os trabalhadores, representando um poder de pressão. **Agora** inventaram uma palavra chamada ‘diálogo’. Não sei porque meus colegas de imprensa usam esta palavra. Não há diálogo quando alguém lá de cima diz: ‘olha, tu propões isso e eu vou ver se te dou.’”  
(O Globo - 1978)

Neste exemplo, “o elemento associado ao verbo conjugado no pretérito perfeito ‘*inventaram*’ permite o sentido de ‘*nos últimos tempos*’ para o espectro temporal, e isso comprova a amplidão do caráter fórico do elemento quanto ao seu alcance temporal.”  
(CLERES, 2016, p. 48)

A presente dissertação se insere no projeto desenvolvido pelo grupo de pesquisa Discurso e Gramática (D&G), com sede na Universidade Federal do Rio de Janeiro sobre *Construcionalização e Mudanças Construcionais no português do Brasil*, coordenado pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Maura da Conceição Cezario. Dessa forma, o presente trabalho almeja apresentar os resultados obtidos vindos do peculiar recorte: jornais extintos do século XIX. Trata-se de uma análise sincrônica, com o objetivo de descrever e analisar os padrões construcionais (ou subesquemas, na nomenclatura de TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013) em diferentes jornais.

Ao analisarmos os dados, concluímos que os dados com *agora* se distribuem em 8 padrões construcionais. Depois verificamos que tais padrões eram todos instanciações do esquema mais abstrato [(X) *agora* (Y)]. Buscaremos descrever formalmente cada padrão<sup>1</sup> e demonstrar os papéis dessas construções nos jornais. Também procuraremos demonstrar que os subesquemas estão conectados em rede e explicitar os links semântico-pragmáticos entre eles.

O trabalho foi estruturado na seguinte forma: no capítulo 1, apresentamos os pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso, da Gramática de Construções, bem como os conceitos aplicados em nossa análise. Também delinearemos um breve panorama acerca das definições de Gênero Textual e de Contexto. No segundo capítulo, revisaremos alguns trabalhos relevantes sobre o *agora* e as diversas funções já estudadas. O 3º capítulo descreve os procedimentos metodológicos usados na coleta e interpretação dos dados. O capítulo 4 apresenta a análise dos dados segundo um conjunto de fatores com o objetivo de damos conta das características formais e semântico-pragmáticas dos subesquemas instanciadas pelo esquema [(X) *agora* (Y)] e (b) apresenta como tais

---

<sup>1</sup> De acordo com Hoffmann e Trousdale (2011) “padrão significa que, uma construção esquemática mais geral contribui com todas as suas informações a uma mais específica, a menos que a última construção contém informações específicas que substitui o mais geral”.

subesquemas estão conectados em rede. E, por fim, no capítulo 5, teremos as considerações finais.

Esperamos contribuir para a compreensão do pareamento forma e função da construção [(X) *agora* (Y)] e seus subesquemas nos jornais do século XIX. Como sou formada em jornalismo, também espero contribuir para a apresentação de traços diferentes e comuns dos jornais a partir dos usos da construção em análise.

# 1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Este capítulo está segmentado em quatro seções, a saber. Na primeira (1.1), apresentamos o suporte teórico da Linguística Funcional Centrada no Uso, que dá sustentação a presente pesquisa. Na segunda seção (seção 1.2), abordamos os pressupostos da Gramática de Construções, abordagem que é importante para analisarmos os padrões encontrados. Na seção seguinte, (seção 1.3), há considerações em relação ao contexto linguístico. Por fim, apresentamos uma rápida discussão sobre o gênero jornalístico (1.4).

## 1.1 Linguística Funcional Centrada no Uso

Nesta seção, apresentamos os pressupostos teóricos que sustentam a análise das construções em que o elemento *agora* está presente, a *Linguística Centrada no Uso*, também denominada de Linguística Funcional Centrada no Uso (doravante LFCU<sup>2</sup>), que é o casamento teórico entre o Funcionalismo Norte-americano (nos modelos de Talmy Givón, 1979, Sandra Thompson (1988, 1998) John Haiman, 1985 dentre outros), o Cognitivismo (presente na linha de William Croft, George Lakof, Adele Goldberg, entre outros); e mais atualmente, tem dialogado fortemente com os diferentes modelos de Gramáticas de Construções, como os desenvolvidos por Goldberg (1995; 2003), Croft (2001), e especialmente, Traugott e Trousdale (2013).

Na literatura sobre linguística, Bolinger é considerado um dos pioneiros no tratamento da abordagem funcionalista norte-americana. O autor “chama a atenção para o fato de que fatores pragmáticos operavam em determinados fenômenos linguísticos estudados pelos estruturalistas e gerativistas”. Além disso, “Bolinger impulsionou o funcionalismo com suas análises de fenômenos particulares, em especial seu estudo pioneiro sobre a pragmática da ordenação das palavras na cláusula” (CUNHA, 2009, p. 163).

Porém, o estabelecimento do Funcionalismo Norte-Americano deu-se nos anos 70, a partir do texto *The Origins of Syntax in Discourse: a case study of Tok Pisin relatives*, publicado por Gillian Sankoff e Penelope Brown (1976), quando houve um resgate do papel das transformações diacrônicas nas explicações da sintaxe, o que influenciou o trabalho de

---

<sup>2</sup> Bybee (2010, p. 195) afirma que “Usage-based theory developed directly out of, and is in a sense just a new name for, American functionalism, which has been practiced for many decades (Noonan 1998). The first usage-based linguist of the twentieth century was Joseph Greenberg”.

Talmy Givón (1979) e sua divulgação, em *From Discourse to Syntax: Grammar as a processing strategy*, que defendia o cline *discurso>sintaxe>morfofossintaxe > morfofonêmica > zero*, apoiado em evidências de estudos sobre aquisição da linguagem, a trajetória de *pidgins a crioulos e, obviamente*, pesquisas diacrônicas.

Dessa forma, está na base do funcionalismo a defesa do papel comunicativo, e a ideia de que a língua serve ao ser humano e, por sua vez, que o sentido de *função* está na base de qualquer teoria funcionalista. Assim, a teoria prioriza os estudos em que a língua é analisada a partir dos eventos reais de comunicação (contexto linguístico) e da situação extralinguística apresentada. Desta forma, entende-se a língua como um sistema dinâmico e suscetível às influências de conjuntura cultural, social e situacional, o que leva a uma forte vinculação entre discurso e gramática.

Nessa vertente de pesquisa, a gramática é compreendida como entidade emergente (HOPPER, 1998). Dessa feita, o que se tem de percepção gramatical emerge de experiências individuais dos falantes, que são refletidas nas formas linguísticas. As construções gramaticais, por sua vez, têm sua origem na rotinização de agrupamentos de palavras do discurso (BYBEE, 2006). Ao se referir à LFCU, Oliveira e Batoréo (2014, p. 174) reconhecem que “o interesse reside nos padrões convencionais de uso, em expressões que são produzidas e recebidas como um todo de sentido e forma, e que, por causa disso, passam a cumprir empregos gramaticais ou discursivo-pragmáticas na língua”.

As pesquisas funcionalistas, da década de 90, evidenciaram, sobretudo, a gramaticalização de elementos, partindo da análise de itens que passaram a ter papéis mais gramaticais ao longo do tempo. Nesta época, a corrente funcionalista dedicou-se a enfatizar a correlação existente entre *função - forma* e os processos aplicáveis neste fenômeno, porém há uma tendência a se priorizar apenas um dos polos. Nesta *versão clássica*, o Funcionalismo se estabelece como um modelo investigativo capaz de ressaltar a importância do uso linguístico incluindo-o a marcas icônicas e enfatiza as táticas interacionais como causadoras da gramática (ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016).

Nos dias atuais, essa visão linguística abrange o campo de observação, admite abordagens holísticas dos usos linguísticos e abarca as relações contextuais, uma vez que há a admissão de que os itens não produzem sentido isoladamente, tal como afirmam Traugott e Trousdale (2013) e Traugott (2012, 2015), entre outros. Se em sua origem estudava-se apenas

um dos eixos da relação *função - forma*, na contemporaneidade, busca-se o equilíbrio entre ambos.

Sendo assim, é através do emprego que o usuário faz da língua, em sua realização efetiva, que a sistematização funcional e as práticas discursivas são moldadas de tal maneira que promovem um *continuum* entre o léxico e a gramática. Conforme apontam Alonso e Cezario (2015), o usuário é o protagonista tanto nas estruturas que compõem a língua e o léxico quanto nos processos relacionados à mudança linguística.

No tocante a isso, Barlow & Kemmer (2000) postulam que o sistema linguístico de um falante/usuário é fundamentado em *eventos de uso* e essa base reside em representações linguísticas nas seguintes maneiras:

- i. *A íntima relação entre estruturas linguísticas e instâncias de uso da língua;*
- ii. *a importância da frequência;*
- iii. *compreensão e produção como partes integrantes, e não periféricas, do sistema linguístico;*
- iv. *foco no papel da aprendizagem e da experiência na aquisição de linguagem;*
- v. *representações linguísticas como emergentes, ao invés de armazenadas como entidades fixas;*
- vi. *importância dos dados de uso na descrição e construção da teoria;*
- vii. *a íntima relação entre uso, variação sincrônica e mudança diacrônica;*
- viii. *a interconectividade do sistema linguístico com os sistemas cognitivos não linguísticos;*
- ix. *e o papel crucial do contexto na operação do sistema linguístico.*

Já a Linguística Cognitiva, doravante LC, tem sua gênese fomentada na Califórnia, inicialmente em Berkeley, por intermédio dos estudos do linguista americano George Lakoff e, posteriormente, também é praticada em San Diego. A partir disso, estabeleceu-se como uma corrente linguística de abrangência internacional. Nessa visão, a linguagem não é considerada um sistema cognitivo autônomo, ou seja, a cognição linguística estabelece os processos cognitivos gerais entre os demais sistemas, sendo assim, a Linguística Cognitiva

recusa as ideias apoiadas pelo Gerativismo, tais como a modularidade cognitiva e a relação de interdependência entre estes blocos.

Segundo Bispo, Furtado da Cunha e Silva (2013, p. 12), na Linguística Cognitiva,

assume-se que as categorias linguísticas são baseadas na experiência que temos das construções em que elas ocorrem, do mesmo modo que as categorias por meio das quais classificamos objetos da natureza e da cultura são baseadas na nossa experiência com o mundo. Todos os elementos que compõem o processo que leva ao desenvolvimento de novas construções gramaticais surgem do uso da língua em contexto e envolvem habilidades e estratégias cognitivas que também são mobilizadas em tarefas não linguísticas.

Sendo assim, a LC concebe a linguagem como um sistema não autônomo, baseado no uso e na experiência e compreende tanto as relações existentes entre a língua e o cérebro quanto as conexões da língua com a sociedade.

Salomão (2009) afirma que nesta perspectiva teórica há três asserções que devem ser consideradas:

- (a) **A cognição linguística é contínua para as demais categorias pertencentes a esse sistema.** Essa afirmação é tão verídica que é possível conceptualizar e verbalizar o conhecimento cultural das práticas cotidianas. Devido a essa pressuposição, através de processos metonímicos, construções como *O Brasil entra em campo no dia 13 de junho* são possíveis e não causam estranhamento. Logo, não há autonomia na linguagem;
- (b) **A gramática é uma grande rede de construções.** O gerativismo recusou a noção de construção gramatical, porém, a composicionalidade de expressões linguísticas trouxe a necessidade do reconhecimento de que, de fato, há a existência de unidades linguísticas complexas, tais como expressões formulaicas (*Quem está falando* v s *Quem está lá?*), expressões binominais (*cobras e lagartos, corpo e alma*), provérbios (água mole em pedra dura tanto bate até que fura) e “collocations” (*ledo engano*);
- (c) **Todo processo de significação procede pela projeção entre domínios cognitivos.** As relações figurativas (metafóricas e metonímicas) e o tratamento cognitivo da referenciação são processos construídos a partir da percepção cerebral.

Admitimos, então, que ambas as correntes linguísticas estão em comum acordo em vários pontos que foram abarcados pela LFCU. Dentre eles há a rejeição a pretensa autonomia da sintaxe, tanto a pragmática quanto a semântica devem ser apreciadas para a formulação de análises linguísticas, não há distinção estrita entre o léxico e a gramática. Além disso, a gramática é vista como representação cognitiva da experiência dos indivíduos com a língua, neste caso, o uso pode influenciá-la (BISPO; FURTADO DA CUNHA; SILVA, 2013).

De acordo com estes autores, neste modelo teórico existe o reconhecimento de que cada entidade linguística deve ser definida com relação ao papel que é desempenhado nos processos reais de comunicação. Por causa disso, a LFCU prioriza as pesquisas em que haja a inserção de dados reais de fala ou escrita.

Atualmente, esta corrente linguística tem se ocupado em priorizar pesquisas em que as relações situacionais tenham destaque na investigação, uma vez que se admita a estrutura da língua como resultado dos processos cognitivos de domínio geral. Bybee (2010) afirma que esses mecanismos permitem a aquisição dos aspectos mais amplos da língua, os quais observam a própria relação com os demais domínios e a consequente caracterização de um sistema complexo. Por outro lado, os processos de domínio específico promovem a compreensão de capacidades linguísticas peculiares e não admitem o envolvimento com as demais áreas cognitivas.

No meio dos processos de domínio geral que estruturam a linguagem, Bybee destaca:

- a) **Categorização:** É a capacidade que temos de agrupar ou separar elementos classificando-os de acordo com padrões de forma e/ou função.
- b) **Chunking (encadeamento):** processo que permite a formação de unidades linguísticas mais complexas que, através do uso, constitui uma unidade independente;
- c) **Memória rica:** neste procedimento, ocorre o armazenamento de muitos detalhes da experiência linguística (inferenciações, significados, contextos) na memória;
- d) **Analogia:** capacidade de relacionar uma forma a outra através de comparação da forma ou da função de outra categoria.
- e) **Associação transmodal:** capacidade de fazer a associação entre forma e sentido.

Com base nos processos descritos pela autora pode-se afirmar que a constituição da linguagem não é restrita a uma parte específica da cognição, contrariando as considerações formalistas, é, na verdade, integrante da constituição humana.

## 1.2 Gramática de Construções

Nos estudos linguísticos atuais, há várias versões denominadas Gramática de Construções. Focaremos aqui a Gramática de Construções como entendida por Goldberg (1995, 2006) e Croft (2001), e reinterpretada por Traugott & Trousdale (2013, doravante T&T). Neste modelo de T&T (2013), busca-se reinterpretar os fenômenos de gramaticalização, lexicalização e degramaticalização por meio de um único modelo, além de propor uma investigação de níveis mais abstratos da organização linguística, no plano cognitivo (esquemas, subesquemas e microconstruções).

Nessa visão, a unidade básica da língua é a construção. Neste sentido:

“As construções são convencionais na medida em que são compartilhadas entre um grupo de falantes. São simbólicas por serem *signos*, geralmente associações arbitrárias de forma e significado. E são unidades em que algum aspecto do signo é tão idiosincrático (Goldberg, 1995) ou tão frequente (Goldberg, 2006) que o signo é amalgamado como um pareamento forma-sentido na mente do usuário da língua” (Traugott & Trousdale, 2013, p. 1)<sup>3</sup>

A definição de Traugott & Trousdale (2013), compreende que a gramática não apresenta modularidade estrutural: todos os níveis — morfossintaxe, semântica, fonologia, pragmática e funções discursivas — não podem ser apartados. Conforme Bergs e Diewald (2008), a abordagem construcional da gramática enfatiza que a língua consiste numa **unidade simbólica convencional** de pares de forma e sentido, e que essa relação pode ser tratada, com base na estrutura simbólica proposta por Croft (2001) e Croft e Cruse (2004, p. 258).

De acordo com Traugott e Trousdale (2013), no modelo de gramática construcional (a) a unidade básica da gramática é a construção; um emparelhamento convencional de forma e

---

<sup>3</sup> Traduções nossas: Constructions are conventional in that they are shared among a group of speakers. They are symbolic in that they are signs, typically arbitrary associations of form and meaning. And they are units in that some aspect of the sign is so idiosyncratic (Goldberg 1995) or so frequent (Goldberg, 2006) that the sign is entrenched as a form-meaning pairing in the mind of the language user.



significado; (b) a gramática é não modular: morfossintaxe, fonologia, semântica, pragmática, função discursiva não podem ser estudadas separadamente, ou seja, é concebida de forma holística, nenhum nível é central; (c) língua, como outros sistemas cognitivos; é uma relação de “nós” e “ligações” entre eles; (d) a estrutura da linguagem é moldada pelo uso. Portanto, forma e significado devem ser considerados igualmente ao estudar a mudança linguística.

Goldberg (1995, p. 4) interpreta o termo *construções* como pareamentos de forma-sentido em que não há rigidez de previsibilidade nos polos da estrutura ou do significado. Em outras palavras, não há nada no eixo da forma ou do sentido que advogue dependência de composições existentes na língua.

Neste estudo, a autora afirma, de forma assertiva, que a condição primária para a existência de uma construção é que não seja similar a outra já existente. Daí então, a pesquisadora evoca o *princípio da não sinonímia*. De acordo com esse preceito, “se duas construções são sintaticamente diferentes, então, devem ser semanticamente ou pragmaticamente diferentes”.<sup>4</sup>

De posse deste princípio, Goldberg formula dois corolários: (i) Corolário A: Se duas construções são sintaticamente distintas e semanticamente sinônimas, então, não devem ser pragmaticamente sinônimas; (ii) Corolário B: Se duas construções são sintaticamente distintas e pragmaticamente sinônimas, então não devem ser semanticamente sinônimas.

A abordagem defendida por Goldberg constitui-se como o pilar da hipótese principal deste trabalho, isto é, há diferenças de uso nos padrões formais apresentados. Vejamos em (3) e (4):

- (3) Custa á crer, que o Sr. Bitancourt viesse do Pará praticar ainda aqui arbitrariedades no Corpo, que infelizmente Commanda; e que o Sr. Torres, M. da Marinha, consinta athe, que elle opprima os miseraveis recrutas á Bordo da Nao, á ponto de os fazer prestar juramento de Bandeiras á força, mettendo-os para este fim, no mais immundo, e escuro lugar do Porão, quando o não o querem por bem! Athe que não podendo supportarem, por mais tempo, os crueis tratamentos, estes infelizes que estão prompts para jurar, não só huma, como quatro Bandeiras, como hum o dice!

**Agora perguntarei**, Sr. Redactor, se são válidos semelhantes juramentos? Parece-me que não; porque o juramento deve ser he nullo, sendo forçado. Perguntarei tambem, qual a Ley, em que se fundou o Sr. Bitancourt, para fazer assentar Praça ao Sr. Pedro Nolasco Pereira da Cunha, que já fora Guarda Marinha da Armada Nacional, e que tivera sua demissão do Serviço, em 2 de Janeiro de 1831, por a pedir?

*A Cégarréga – 1833*<sup>5</sup>

(4) **Corre agóra** hum rumôr de que Governo de Portugal, conhecendo sua fraqueza, procura valer-se de forças estrangeiras para sujeitar o Brasil; mencionamos isto, para mostrar o erro de tal medida, e pedir encarecidamente, que desistão della. Assevera-se, que o Governo Portuguez pedira socorros militares á França, e lhe offerecêra em compensação cessão de territórios na Goianna Portugueza junto ao Pará. Alem da atrocidade, que essa medida

<sup>4</sup>If two constructions are syntactically distinct, they must be semantically or pragmatically distinct

<sup>5</sup>Este exemplo faz parte do banco de dados da Biblioteca Nacional

envolve, de desmembrar o Brasil, o que irritará por extremo todos os Brasileiros, não he possível que a Inglaterra veja tal cessão com indiferença; e o Gabinete Inglez não pode já olhar para suas conexões políticas com Portugal, no mesmo ponto de vista, que outr'ora olhava.

*Correio do Rio de Janeiro – 1822*

A construção [*agora* **VERBO**], no exemplo (3), é utilizada como marcador discursivo, visto que, para chamar a atenção do leitor a um fato considerado relevante pelo escritor/jornalista, foi empregada de modo a conduzir a concordância para o evento intencionado. Note que a flexão verbal no futuro simples permite a abrangência temporal da construção, estabelecendo um espectro temporal de futuro imediato e integrando-a ao texto, estabelecendo, assim, funções textuais. No próximo exemplo, em (4), a construção [**VERBO** *agora*], notadamente, desempenha uma função adverbial, visto que há o emprego típico desta classe: modifica o verbo e enfatiza a temporalidade situacional. Para a presente pesquisa, elegemos o trabalho de Cezario, Ilogti e Costa (2005), em que há a consideração do estudo da ordem nos adverbiais de tempo e aspecto.

Ao abranger sua teoria, Goldberg (2006) afirma que as construções incluem todos os níveis da gramática. Nesse sentido, a autora entende que construção também são os exemplares estocados na mente. Com isso, a construção integra uma forma — pertencente a qualquer nível gramatical — unida a um sentido ou uma função que pode desempenhar papéis semânticos ou pragmáticos.

No entendimento de Bybee (2010), construções são pareamentos de forma e significado, sendo que este inclui a pragmática. Em sua interpretação, construções são configuradas em esquemas, parcialmente esquemáticos, apresentam tanto posições abertas quanto variados tipos de *slots* (preenchimentos). Infere-se daí que a definição de construção deve ser apreendida em diferentes níveis de complexidade e abstração. Nos termos de Goldberg (2013), as construções não são totalmente arbitrárias. Em outras palavras, as relações entre forma e significado são normalmente motivadas e, por isso, frequentemente, há padrões recorrentes na língua. A autora afiança ser a criatividade o critério competente para formar construções com *slots* abertos e, assim, reproduzir combinações nas construções.

A gramática é compreendida como uma rede de construções. Nessa visão, os *nós* (construções) se unem através de *links* e cada vez que surge um novo *nó*, automaticamente, há a readequação da rede e, assim, ocorre o surgimento de novas relações entre as construções.

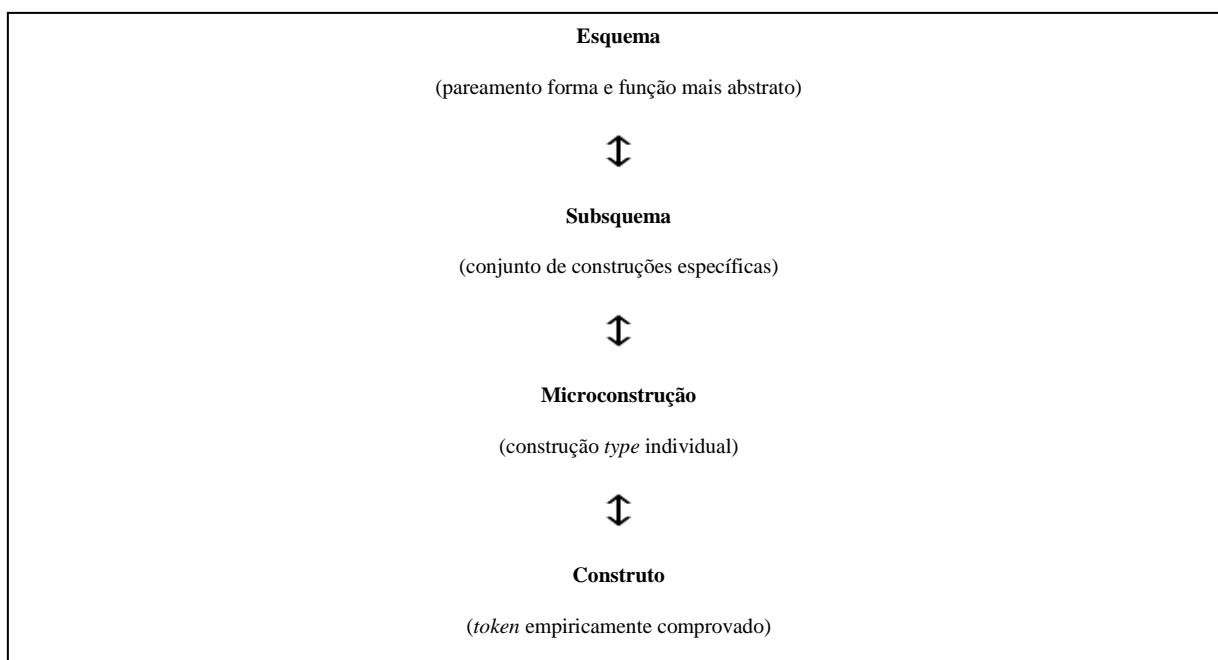
Para os autores,

Alguns *nós* da rede representam esquemas, outros subesquemas e outros tipos de microconstruções. Portanto, um *nó* possui conteúdo de forma e sentido (embora exista

variação de graus de complexidade e especificidade – alguns podem ser subespecificados) e links são possíveis em múltiplas direções diferentes entre semântica, pragmática, função discursiva, sintaxe, morfologia e fonologia de qualquer *nó*. Cada *nó* é unido em várias maneiras com outros *nós* na rede. (TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013, p. 51)<sup>6</sup>

Assim, o modelo de construcionalização proposto por Traugott e Trousdale (2013) considera a construção como a unidade básica da língua, e procura explorar como as novas construções surgem e desenvolvem diferentes funções. Nessa visão, a construção é vista como unidade de uso frequente em uma comunidade de fala e, portanto, institui um pareamento simbólico de forma e sentido. De acordo com os autores, qualquer elemento linguístico (morfema ou cláusula) pode ser considerado uma construção.

Conforme a LFCU, o uso linguístico gera as construções mais abstratas e novos usos podem ser gerados dos subsquemas ou esquema mais geral. Traugott & Trousdale (2013) propõem os seguintes níveis, tanto para explicar a relação entre uma construção mais abstrata e outra mais especificada numa dada sincronia, quanto para elucidar as mudanças linguísticas:



**Figura 1- Níveis da construção**

<sup>6</sup> Tradução nossa: —Some nodes in the network represent schemas, others subschemas, and others micro-constructional types. Therefore a node has form and meaning content (albeit of varying degrees of complexity and specificity—some may be underspecified) and links are possible in multiple different directions between the semantics, pragmatics, discourse function, syntax, morphology, and phonology of any node. Each node is linked in various ways to other nodes in the network. (TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013, p.51).

As mudanças precisam ser consideradas, tanto específica (micro) como esquemática (macro), pois as mudanças lexicais e gramaticais estão em um gradiente de conteúdo para o mais procedural, que precisam ser vistas como complementares, e não ortogonalmente, mas sim, precisam ser entendidas em termos de redes.

Na presente dissertação, os constructos são os dados com *agora*. A microconstrução é cada forma analisada, por exemplo, *por agora* e *até agora* são duas microconstruções. O subesquema que instacia essas duas microconstruções é  $[X \text{ agora}]$  e o esquema ou construção geral é  $[(X) \text{ agora} (Y)]$ .

Traugott e Trousdale (2013, p. 62) argumentam que pode haver mudanças construcionais de uma rede. Estas não criam novos “*nós*” (*type*) compartilhados por comunidade de usuários. Tais “*nós*” surgem apenas quando ocorre construcionalização. O crescimento da rede e o desenvolvimento de novos *types* (de famílias de construções) são fenômenos que são característicos da rede conceitual, que deriva de eventos de uso nos quais a abstração e a extensão de construções anteriores são típicas. Famílias de construções *type* podem ser reunidas (dentro/em) esquemas, às vezes em subesquemas. Algumas vezes, no entanto, subesquemas ou alguns de seus membros tornam-se obsoletos. *Links* na rede podem até ser quebrados. “Nós consideremos o crescimento a partir da perspectiva do ciclo de vida de construções, com particular atenção para a entrada em um esquema pelas margens, ficando na margem, e (tornando-se) “obsoleto” (pode ou não)”.

Um aspecto teórico-metodológico relevante e decorrente da proposição da escala contextual é a consideração da opacidade e da difusão, tanto semântica quanto funcional, como constitutivas do uso linguístico, como suas marcas indelévels. Assim, a falta de clareza, de definição do sentido ou do estatuto categorial de uma expressão linguística pode não residir na dificuldade ou na incapacidade do analista, mas, sim, na própria opacidade e difusão de contextos específicos (OLIVEIRA, 2015, p. 29).

A fim de compreender os processos de formação da rede construcional, é necessário enxergar a metáfora da gramática como rede desenvolvida tanto na LC (cf. FILMORE e BAKER, 2001, 2010), quantos nos modelos construcionais (cf. GOLDBERG, 1995, 2006), Croft (2001) e Langacker (2008). No cognitivismo, há o entendimento de que a língua é organizada da mesma forma que outros aspectos pertinentes à cognição (visão, habilidades

musicais etc.). Na perspectiva construcional, a língua é concebida como um inventário de construções e esse arrolamento constitui-se em um *continuum*, que parte de construções mais concretas para as mais abstratas (GOLDBERG, 1995, 2006, CROFT, 2001). Goldberg (1995, 2006, 2013) assevera essa conjectura ao afirmar que, tanto as construções frasais, quanto palavras e palavras parcialmente preenchidas estão relacionadas em uma rede na qual os *nós* são unidos por *links* de herança.

Em seu entendimento, Goldberg (1995, p. 67) afirma:

As construções formam uma rede e estão unidas por relações de herança que motivam muitas das propriedades de construções particulares. A rede de herança nos permite capturar generalizações através de construções e, ao mesmo tempo, subregularidades e exceções <sup>7</sup>

Nesse sentido, há a proposta de se incluir tanto os padrões linguísticos mais gerais, quanto as irregularidades linguísticas. Na sugestão de Goldberg, os links de herança revelam que as relações entre as construções podem ser parte arbitrárias, mas também parcialmente previsíveis.

A autora afirma existir quatro tipos fundamentais de links por herança, a saber, *links por polissemia*, *links por extensão metafórica*, *links por subparte* e *links por instanciação*.

- a) *Links por polissemia* – “capturam a natureza da relação semântica entre um sentido particular de uma construção e qualquer extensão deste sentido.”<sup>8</sup>
- b) *Links por subparte* – “este tipo de link surge quando uma construção é a subparte da propriedade de outra construção existente.”<sup>9</sup>
- c) *Links por instanciação* – “são consideradas quando uma construção específica é um caso especial de outra construção, isto é, um link por instanciação existe entre

---

<sup>7</sup> Tradução nossa: “constructions form a network and are linked by inheritance relations which motivate many of the properties of particular constructions. The inheritance network lets us capture generalizations across constructions while at the same time allowing for subregularities and exceptions.”

<sup>8</sup> Polysemy links capture the nature of the semantic relations between a particular sense of a construction and any extensions from this sense (GOLDBERG, 1995, p. 75).

<sup>9</sup> A subpart link is posited when one construction is a proper subpart of another construction and exists independently (GOLDBERG, 1995, p. 78).

construções se uma das construções é uma versão de outra mais especificamente plena.”<sup>10</sup>

- d) *Links por extensão metafórica* – quando duas construções se relacionam através de um mapeamento metafórico, um link de extensão metafórica é colocado entre eles.<sup>11</sup>

Concordamos, portanto, com Goldberg em relação à atuação dos links por herança segundo a qual beneficia o alargamento da visão construcional no que tange a constituição das formas e a sua reorganização como rede, ampliando, assim, a aceção de seus exemplares centrais e a propagação dos membros mais afastados.

### 1.3 Contexto

Um fator que tem tido relevância nos estudos funcionalistas é a atenção prioritária ao contexto. De modo geral, contextos podem ser entendidos como a natureza da interação comunicativa e incluem-se, portanto, as suas modalidades (orais ou escritas) nessa atividade e os atores participantes, conforme proposto por Traugott e Dasher (2005) e Bybee (2010). Assim, padrões de uso linguístico se iniciam a partir das pressões (inter) subjetivas exercidas no discurso, tais como crenças, valores, atitudes, opinião, sugestão, seja tanto por parte do locutor (subjetivização), como por parte do convencimento do interlocutor (intersubjetivização), estabelecendo-se o gradiente *objetividade > subjetividade > intersubjetividade*, envolvendo uma reanálise dos significados pragmáticos que surgem no contexto de negociação de sentido entre falante e interlocutor.

Este gradiente decorre de motivações pragmáticas, conforme a proposta de Traugott (1999), reafirmada em Traugott e Dasher (2002), de um modelo denominado *Teoria da Inferência Sugerida para a Mudança Semântica* (TISMS), segundo o qual os casos de mudança semântica podem ser tratados de forma unificada como em determinadas situações em que uma dada forma codificadora de um dado significado passaria a ser polissêmica, e, conseqüentemente, a codificar novos significados relacionados ou motivados ao significado

---

<sup>10</sup>are posited when a particular construction is a special case of another construction; that is, an instance link exists between constructions iff one construction is a more fully specified version of the other (GOLDBERG, 1995, p. 79).

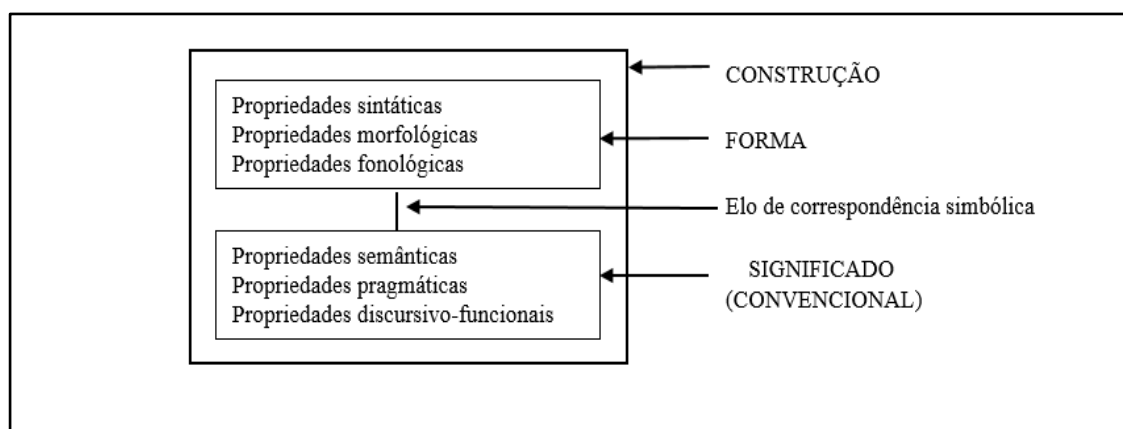
<sup>11</sup>When two constructions are found to be related by a metaphorical mapping, a metaphorical extension link is posited between them (GOLDBERG, 1995, p. 81).

anterior. Para Traugott e Dasher (2002, p. 11), uma “mudança semântica não pode ser estudada sem se recorrer a uma teoria de polissemia, por conta da natureza da mudança”. Assim, de acordo com a TISMS, a coexistência de significados associados à mesma forma é motivada pela mudança semântica via polissemia, e a grande força motivadora de tal processo é de ordem pragmática. Sob tal proposição, um processo de mudança desse tipo se daria quando uma *inferência apenas sugerida* em um evento de fala (contexto) específico passasse por um processo de generalização até que se tornasse uma referência convencionalizada.

Considerando a aplicação da TISMS aos níveis da construção (vide Figura 1), há o que podemos chamar de “semelhanças de família”, ou seja, as construções formam, em diferentes níveis, “*nós*”, que se interligam, incorporando conhecimento sociolinguístico e estilístico (TROUSDALE, 2008c) por parte do usuário.

Neste sentido, ao exercer as habilidades comunicativas, um usuário é capaz de interpretar os múltiplos sentidos construídos em um contexto particular de tal forma que as nuances contextuais são estabelecidas como um aparato metodológico na perspectiva construcional por exercer a motivação pragmática.

Croft (2001) e Croft & Cruise (2004) sugerem que a abordagem construcional da gramática seja representada de acordo com a figura (2), seguinte.



**Figura 2 - Propriedades de forma e sentido da construção**

Como podemos observar na figura (2), o modelo procura captar todos os níveis de uso de determinada construção, através da análise das propriedades formais e das propriedades referenciais. No modelo proposto por Croft (2001), denominado Gramática de Construções Radicais, o conceito de construção equivale ao pareamento de estruturas simbólicas e as

definições categoriais de gramática dependem do contexto em uso. Oliveira (2014) assume, juntamente com Croft (2001) e Croft & Cruise (2004), que o contexto seja considerado nas dimensões da forma (sintaxe, fonologia e morfologia) e do sentido (semântica, discurso e pragmática). Com esse entendimento, o contexto oferece aportes que dão conta não só dos casos de polissemia e variação, mas também dos mecanismos relacionados à mudança gramatical. Desse modo, a correlação *forma* ↔ *função* assume características condizentes com a abordagem construcional.

T&T (2013, p. 196) concebem o *contexto* como cotexto amplamente interpretado como o entorno linguístico, em que se incluem sintaxe, morfologia, semântica, fonologia, inferências pragmáticas, modalidades (orais ou escritas) e contextos sociolinguísticos e discursivos mais abrangentes.<sup>12</sup>

Os autores acreditam que uma explicação ideal de contexto deva considerar os seguintes fatores:

- a) O fluxo linear da fala e da escrita (eixo de combinação, relações sintagmáticas e a indexabilidade);
- b) As alternativas disponíveis (eixo de similaridade, escolha, paradigmaticidade e iconicidade);
- c) As mudanças sistêmicas e mais gerais que afetam os *nós* e os *links* da rede linguística.

#### 1.4 Gêneros Textuais

A dissertação, conforme já adiantamos, propõe analisar os padrões construcionais com *agora* em periódicos jornalísticos e verificar se há fatores que estimulem determinados empregos dessas construções em favor de outros. A fim de lograr êxito no que tange à compreensão dos gêneros empregados nesta pesquisa, faz-se necessário lançar mão de algumas considerações a respeito da definição e abrangência dos gêneros textuais.

---

<sup>12</sup>“By ‘context’ we mean linguistic co-text broadly construed as linguistic environment, including syntax, morphology, phonology, semantics, pragmatic inference, mode (written/spoken), and sometimes wider discourse and sociolinguistic contexts”. Traugott & Trousdale (2013, p.196).



De acordo com Bahktin (1997, p. 280),

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana, o que não contradiz a unidade nacional de uma língua. A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana.

A atividade comunicativa, nos termos de Bahktin, é intrínseca no relacionamento entre o homem e a língua. Em qualquer período da história, a linguagem é fruto da interação humana com o meio vivido e se desenvolve, inclusive, nos moldes dos avanços tecnológicos. Em sua obra, Bahktin define os gêneros como *enunciados relativamente estáveis que estão vinculados a situações típicas da comunicação social*. Essa associação de gêneros com enunciados existe porque o discurso, disposto em algum tipo de gênero, só pode ser produzido no formato de enunciados reais. Para o autor, existe uma modulação discursiva a depender do enunciado e do gênero escolhido. Assim, a língua é moldada a partir do formato do gênero a qual está submetida.

Marcuschi (2008, p. 154), em posição semelhante à de Bahktin, postula que qualquer manifestação verbal só é proferida através de textos realizados em algum tipo de gênero. Em outras palavras, a produção textual — seja na modalidade oral, seja na modalidade escrita — é a realização linguística com objetivos específicos em situações reais particulares. Com isso, os gêneros textuais operam, de acordo com o contexto, funções comunicativas que tencionam atender aos anseios das atividades humanas.

De forma sistemática, abaixo há alguns termos que devem ser ressaltados para uma melhor compreensão da leitura:

- a. *Tipo Textual*: designa uma espécie de construção teórica definida pela natureza linguística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, estilo). Os tipos textuais reúnem categorias conhecidas como: narração, argumentação, exposição, descrição e injunção.
- b. *Gênero Textual*: são os textos encontrados no cotidiano e que apresentam padrões sócio-comunicativos e estabilidade nas formas textuais (orais ou escritas). De variedade rica, tem-se *bilhete, telefonema, reportagem, romance*, entre outros.

c. *Domínio Discursivo*: são as práticas discursivas nas quais identificamos um conjunto de gêneros textuais. Os discursos jurídicos, religiosos e jornalísticos são alguns destes exemplos.

Faz-se mister ressaltar que, no domínio do discursivo jornalístico, há vários tipos de gêneros englobados e que, por isso, os textos alocados nesta esfera produzem contextos e situações para as práticas sócio-discursivas características (MARCUSCHI, 2008, p. 193).

A título de exemplificação, vejamos o quadro (1), formulado pelo autor:

DOMÍNIO DISCURSIVO	MODALIDADES DE USO DA LÍNGUA	
	ESCRITA	ORALIDADE
Jornalístico	Editoriais, notícias, reportagens, nota social, comentários, opinião, entrevistas jornalísticas, cartas do leitor, cartas ao leitor, etc.	Entrevistas jornalísticas, entrevistas televisivas, notícias de rádio, notícias de tv, reportagens ao vivo, debates, boletim do tempo, etc.

Quadro 1 - Modalidades oral/escrita Fonte: Marcuschi (2008, p. 195)

Nesta dissertação, escolhemos, para a caracterização do *corpus*, dois gêneros textuais encontrados no domínio discursivo jornalístico: *notícia* e *reportagem* e com o suporte virtual, já que todas as amostras colhidas da Biblioteca Nacional foram digitalizadas.

É importante ressaltar que, durante o período selecionado para a pesquisa, os gêneros jornalísticos não possuíam características limítrofes tais quais as apresentadas nos jornais atuais; de maneira gradativa, os meios de comunicação sofreram adaptações a fim de acompanhar os avanços tecnológicos. Por causa disso, o *lead*<sup>13</sup>, diferentemente dos dias atuais, não é plenamente encontrado no primeiro parágrafo do texto. Então, podemos conceituar a *notícia* como uma estrutura textual em que se dá mais atenção ao relato de algum acontecimento de modo que a informação esteja atualizada. Por causa disso, este gênero é mais encontrado em jornais diários do que em revistas semanais e mensais. Lage (1998) afirma que “a notícia só é notícia se trazer informação”. Nesse sentido, o autor concebe este gênero como um repositório de informações e, neste caso, as estratégias argumentativas não

---

<sup>13</sup> Lead: estrutura discursiva que visa responder às seguintes perguntas: o quê?, quando?, como? Por quê? Quem? e onde?

seriam incluídas. Nos textos pesquisados para esta dissertação, percebemos que o *lead* é diluído entre os parágrafos.

Já a *reportagem* é caracterizada pela atenção especial dispensada ao fato e isso pode demandar um espaço maior no veículo. Nos termos de Marques de Melo (1985, p. 65), a *reportagem* amplia o relato de um acontecimento francamente retratado nos meios de comunicação. Neste sentido, a *reportagem* possui como característica a contextualização de assuntos, posto que cabe ao jornalista apresentar assuntos pertinentes ao espaço e tempo dos eventos, além de explicá-los. Em termos aristotélicos, a *reportagem*, enquanto gênero, estabelece um raciocínio dedutivo, além de apresentar os desdobramentos do assunto.

Em suma, como visto até aqui, a investigação sobre esses gêneros encontrados nos textos jornalísticos busca identificar as motivações discursivas no emprego das construções com *agora*. Conforme resume Lage (1987), a *reportagem* é um gênero com características próximas às do *artigo de opinião*, isto é, em ambos os gêneros encontramos traços subjetivos do autor. Em igual entendimento, Marcuschi (2002) considera a *reportagem* um gênero híbrido com nuances interpretativas. Para Dolz & Schneuwly (2004), o gênero *notícia* pertence à ordem do relatar, modalidade que tem a intenção de informar, de forma detalhada, os fatos ocorridos.

## 2 REVISÃO DA LITERATURA

A fim de apresentarmos as motivações para determinadas pesquisas, nesta seção, revisitaremos alguns trabalhos que contribuíram para os estudos acerca do *agora* classificado, canonicamente, como advérbio circunstanciador de tempo. Inicialmente, mostraremos o tratamento que as Gramáticas Normativas conferem ao assunto e, a seguir, as pesquisas funcionalistas que deram suporte a esta dissertação.

Sabemos que muitos trabalhos já foram feitos sobre o uso de adverbiais na língua portuguesa, como Martelotta (1994), Martelotta (2008) Castilho (2009), Moraes Pinto (2008) Machado (2012) Ilogti de Sá (2015), Costa Nunes (2014). Não pretendemos aqui fazer uma revisão exaustiva, mas apontar algumas das principais contribuições já dadas para a compreensão dessa classe de palavras. Para uma revisão mais detalhada acerca dos adverbiais apontamos, sobretudo, Rios de Oliveira e Cezario (2012) e Cezario et alii (2018).

### 2.1 O advérbio e as diferentes abordagens

No percurso dos estudos gramaticais, diferentes autores declararam que os advérbios são, em essência, modificadores ou denotadores de circunstância. Por exemplo, Cunha e Cintra (2014, p. 555) afirmam que, fundamentalmente, essa classe modifica verbos e certos advérbios de intensidade acrescentam outras funções que lhe são privativas e reforçam o sentido de um adjetivo, de um advérbio e até de uma oração. Vejamos os exemplos dos autores Cunha e Cintra (2014; ps. 555; 556):

- i. **Logo depois**, recomeçara a chover. (*O. Lins, FP, 63*)
- ii. *Antes de partir, teve uma derradeira conversa, **muito edificante e vasta**.* (*Guimarães Rosa, S. 346*)
- iii. *O homem caminhava **muito devagar*** (*S. de Mello Breyner Andresen, CE, 156.*)
- iv. **Possivelmente**, não haverá ceia este ano. (*V. Ferreira, A, 137*)

Já Bechara (2009) amplia essa concepção tradicional ao afirmar que os grupos de advérbios de tempo e lugar reforçam a sua função mediante o emprego de uma preposição.

Vejamos os exemplos selecionados pelo autor, (2009; p. 288):

- i. *Por agora, estão encerrados os trabalhos.*
- ii. *Desde cedo já havia compradores de ingressos.*
- iii. *As crianças de hoje contam com mais divertimento.*

De igual forma, alguns advérbios antecedem o transpositor **que** para marcar uma situação circunstancial e formam, de acordo com a Gramática Tradicional, as *locuções conjuntivas adverbiais*, isto é, por hipotaxe, tornam-se conjunções conforme é exemplificado nos exemplos abaixo (BECHARA, 2009, p. 288):

- i. *Agora que tudo serenou, podemos retornar.*
- ii. *Ainda que estude, terá de aperfeiçoar-se depois que se gradue.*
- iii. *Já que não me responde, sinto-me desobrigado de convidá-lo.*

De posse das classificações apresentadas pelos gramáticos, adotamos, nesta pesquisa, as definições de Cunha e Cintra (2014) no que concerne a avaliação funcional das construções com *agora* enquanto advérbio e as de Bechara (2009) nas construções [agora QUE], em que exercem relação textual e ligam porções textuais e/ ou períodos.

No âmbito dos estudos linguísticos, a tese de Martelotta (1994) demonstra que alguns advérbios como *aí*, *depois*, *logo* e *então* funcionam como operadores argumentativos e tendem a apresentar posições de ordenamento diferentes dos demais circunstanciadores.

Nesse trabalho, há a seguinte classificação feita pelo autor:

- a) *Circunstanciadores de tempo determinado* – Delimitam, com exatidão, o tempo de um evento. Tendem a exercer funções discursivas bem específicas como as de ênfase, focalização e topicalização ao apresentar a sequencialidade dos fatos e são marcados pelo traço [+ específico] nas narrativas e pelo traço [- específico] nas não narrativas. Exemplos colhidos pelo autor: *hoje, ontem, semana passada, às sete horas, quando ele chegou;*

- b) *Circunstanciadores de tempo indeterminado* – apresentam situações no percurso de um tempo. Não possuem rigidez de sequencialidade e referem-se a momentos não específicos, como em *sempre, geralmente, nunca, nunca mais, etc*;
- c) *Circunstanciadores iterativos* – denotam a repetição de uma mesma situação e tendem a ser topicalizados ou focalizados no discurso de fundo. Exemplos dados pelo autor são: *às vezes, duas vezes por semana, de vez em quando, etc*;
- d) *Circunstanciadores de simultaneidade* – são os itens que marcam a equivalência simultânea nas situações. São relacionados aos eventos de figura e ocorrem topicalizados ou focalizados antepostos ao verbo. O autor apresenta os seguintes exemplos: *enquanto isso, ao mesmo tempo, etc*;
- e) *Circunstanciadores delimitativos* – marcam o início ou o término de um evento no tempo. São exemplos expressões como *há três anos, até hoje, durante três meses, etc*;

O trabalho de Martelotta projeta um novo horizonte nos estudos direcionados aos circunstanciadores. Se, na visão tradicional, os advérbios eram reservados ao espectro temporal, através desta obra, tem-se a clara certificação de que esta classe se relaciona também ao texto, pois exerce funções que vão além da oração, retomando muitas vezes porções grandes do discurso.

Ilari (1990) afirma que os advérbios, especialmente os dêiticos, podem se relacionar com porções de unidades cujas dimensões podem ultrapassar a sentença. Segundo o autor, o item *agora* possui uma natureza linguística que lhe confere esta possibilidade, conforme (5) e (6):

(5) "Por enquanto não (têm esses problemas de juventude) porque ... as mais velhas estão entrando **agora** na adolescência."

(6) — **Agora que estão todos maiores**, cada um fica mais ou menos responsável por si.

— Já se cuidam

— de higiene, de trocar de roupa, todo esse negócio. Quer dizer, já é alguma coisa que eles fazem porque ....

— Ajuda demais, né?

— Já ajudam bem.

— **Agora**, tem sempre (...) numa família grande há sempre um com tarefa de supervisor ... por instinto, não é por obrigação.

Para o autor, em (5), o item *agora* se limita à predicação e isso significa que a ação se realiza no momento da enunciação. Já em (6), a primeira ocorrência é atrelada a uma perspectiva otimista, já na segunda amostra não há essa visão ao caso particular.

A partir da leitura de Martelotta (1994), percebemos a relação cotextual que os circunstanciadores podem exercer. Em sua pesquisa, o estudo da ordem provou ser um fator significativo para investigar a motivação de uso não temporal, além da referência a momentos sem exatidão cronológica. Por sua vez, Ilari (1990) identifica o emprego juntivo dos advérbios dêiticos, em especial o *agora*, e as possibilidades no uso externo das sentenças.

Em dissertação de Oliveira (2009) há a proposta de análise dos itens *agora, mas, e, e aí*, como conectores adversativos nas interações comunicativas em Natal (RN). A autora apresenta, a partir dos compêndios tradicionais, as definições de conjunções adversativas e, apoiada por Sacconi (1990, p. 267), alguns elementos que apresentam traços de adversidade e, constantemente, são confundidos por conjunções, sendo estes os elencados pelo autor: (*e, quando, agora, senão*).

Ao eleger o *corpus* do D&G (Natal) para a análise, a autora estipulou como objetivo buscar os itens mais recorrentes e, dentre eles, eleger os quatro elementos não reconhecidos como conectores adversativos nas gramáticas tradicionais. De posse dos recortes produzidos “relatos de opinião”, “narrativa de experiência pessoal”, “narrativa recontada”, “descrição de local” e “relato de procedimento”, a pesquisa tencionou realizar uma análise comparativa dos materiais, já que os participantes da pesquisa produziram os cinco textos nas modalidades oral e escrita.

Em relação ao estudo das conjunções, a pesquisadora recorre a Longhin (2003) no qual constatara a diversidade de conjunções adverbiais do latim clássico, as quais exprimiam, em diferentes graus e nuances, o fenômeno da oposição. O autor constatou a recorrência dos usuários nas classes adverbiais e prepositivas para suprir a falta de conjunções latinas, implementado, assim, o processo de gramaticalização.

Em sua pesquisa, Oliveira encontrou quatrocentas e dez ocorrências de construções adversativas, das quais setenta e cinco revelam usos não canônicos. Dos itens preferenciais, *mas, e, aí e agora* são os mais instanciados pelo usuário. Nas amostras encontradas, as construções com *agora* realizam movimentos nos enunciados e evoluem para o plano relacional, equivalente ao plano discursivo. Daí, o *agora* desempenha funções conectoras, cujo papel serve de elo entre as frases, proposições ou orações (OLIVEIRA, 2009, p. 83).

Seguem alguns dados extraídos do trabalho de Oliveira, em (7) e (8):

(7) *I: a informação é imediata... agora... uma coisa que me preocupa...hoje em dia na TV.. é ..os programas infantis principalmente... eu vejo que as crianças elas...assistem e copiam esses modelos da TV né.. (D&G, oral, p. 70)*

(8) *Isso pra criticar... outras não têm o mínimo interesse mesmo.. não querem saber de Jesus ... quanto mais de religião ... então elas usam esses tipos de escândalos essas coisas que acontecem pra criticar .. né criticam bastante ...agora... tem o outro lado que a gente vê assim nas pessoas não crentes .. (D&G, oral, p. 125)*

Em (7), o informante compartilha com o interlocutor ideias que se opõem à declaração inicial; começa declarando que a informação é imediata, mas contra-argumenta afirmando que os programas infantis influenciam o comportamento infantil. Já o padrão construcional em (8) é bem semelhante ao (7) e, conforme afirma Oliveira (2009), o item age num contexto, em seguida ocorre a pausa para o fluxo discursivo, porém aquela é preenchida pela informação de caráter oposto, demonstrando os traços adversativos. Outro fator da pesquisa é o apontamento de usos em relação à faixa etária. O uso do item *agora* como conector adversativo recebe maior adesão dos informantes na faixa de 18 a 20 anos, cujo grau de instrução corresponde aos concluintes do Ensino Médio. Com isso, infere-se que pessoas mais jovens e com mais estudos tendem a adotar formas mais novas e cognitivamente mais complexas.

No tocante ao tipo de discurso, nos *relatos de opinião*, o item *agora* foi o mais utilizado, seguido de *e*, *aí* e *mas*. A pesquisadora acredita que isso tenha ocorrido pelo fato de esse tipo de discurso ser mais complexo. Essa pressuposição vai de encontro ao pensamento meta-icônico de Givón (1979), o qual postula que contextos mais marcados atraem formas mais marcadas.

Ao submeter os itens selecionados à Teoria dos Protótipos, a pesquisa analisa o *continuum* de categorização dos conectores adversativos cuja classificação se aproxima do modelo-padrão. A orientação de análise é feita através dos seguintes critérios: (i) ratificar e ressaltar o valor contrastivo das informações; (ii) apresentar o alto índice de frequência; (iii) ocupar posição fixa; (iv) conectar termos; e (v) articular-se oracionalmente.

De acordo com o grau de prototipicidade, o item *mas* foi o detentor dos maiores traços agrupados (*mas*, *e*, *aí*, *agora*) e os demais itens ocuparam a segunda posição. Ao analisar os dados, há a constatação de que o perfil estrutural das orações iniciadas com o *agora* é efetuado por segmentos tópicos, geralmente após pausa.



De forma semelhante ao elemento prototípico, o item se apresenta após a informação básica, em uma posição fixa entre os dois segmentos, conforme (9).

(9) *Fica brincando.. aí a mãe .. aí a mãe.. aí quando eu passo ... mainha compra Pippas ... mainha compra ... mainha compra danone ... mainha compra ... mainha compra biscoito ... mainha compra ... **agora** adulto ... num compra... aí... é ruim ser/ é ruim de ser adulto ... é melhor ser criança mesmo.. (D&G, oral, p. 184)*

Já o *agora* contrastivo é possível também no início de perguntas, em situações nas quais o entrevistador retoma ou muda de assunto, em (10).

(10) *E: você gosta do futebol e tá dando sua opinião.. né... você deu do time ... **agora** o que você acha da violência no ... lá dentro .. a violência dos jogadores e a violência lá na arquibancada?  
I: eu acho errado .. (D&G, oral, p. 170)*

Ao investigar o perfil semântico do *agora*, desde a sua origem latina, a observação demonstrou que é sinônimo de *assim sendo, ora .... ora, mas*, entre outros. Os dados mostram que o *agora* figurou em diversos gêneros e assumiu posições variadas. Possivelmente, devido a sua origem, o *nunc* já exercia funções de conector adversativo, alternativo e conclusivo.

Oliveira (2009), ao abarcar as considerações de Martelotta (2004) e Duque (2002), afirma que as construções com *agora* seguem tendências semelhantes a outros advérbios que desempenham funções semelhantes, a saber, migram de dêitico espacial para temporal até assumir empregos de perfil pragmático-discursivo.

Em relação ao âmbito temporal da dêixis, foi constatado que as construções com o item realizam movimentos nos enunciados, e evoluem para uma posição relacional, direcionada ao plano discursivo. Observemos em (11):

(11) *Isso pra criticar ...outras não têm o mínimo interesse mesmo ... não querem saber de Jesus ... quanto mais de religião ... então elas usam esses tipos de escândalos essas coisas que acontecem pra criticar ... né... criticam bastante .. **agora** ... tem o outro lado que a gente vê assim nas pessoas não crentes ... (D&G, oral, p. 125)*

Neste exemplo, em (11), o termo opera em um contexto e, logo após, tem-se uma pausa para dar prosseguimento ao plano discursivo, em seguida, esta é preenchida pela informação oposta e isso revela os traços de conector adversativo. Ao exercer esses valores, o item age como elo a segmentos ou orações.

Em síntese, a investigação de Oliveira (2009) concentrou-se em buscar os conectores adversativos nos dados dos natalenses a partir dos elementos não canônicos. A análise geral dos conectores adversativos mais utilizados revelou a tendência de esses conectores apresentarem um passado adverbial, tal como o *agora*. Deduz-se que as mudanças sofridas pelo item são herdadas desde a sincronia latina, período em que termo já exercia diferentes funções. A trajetória de gramaticalização comprova uma abstralização significativa segundo o esquema *espaço* > (*tempo*) > *texto* proposto por Heine, Claudi e Hunnemeyer (1991).

Na esfera textual, conforme aponta a pesquisa de Risso (1993, p. 35-35), a distinção sintático-semântica de sua porção adverbial é feita em algumas propriedades que são inerentes ao seu papel circunstancial. Vejamos o exemplo:

(12) *.isso é do mal agora as pessoa que é:: é do bem .. é :: faz qualquer coisa ... brinca com a pessoa .. se a pessoa pedir .. brinca com a pessoa ... agora ... é:: se por exemplo ... se eu pedir a pessoa pra nu/ pra brincar e a pessoa num quiser ... brincar .. aí é mesmo que ... é do mal (D&G, oral, p. 189)*

A construção em (12), assinala a presença do item *agora* como articulador textual, notadamente destituído de nuances semânticas e sintáticas, sugerindo que o falante queira ganhar tempo e não perder o fluxo de fala. O elemento, que tradicionalmente possui propriedades dêiticas, tem as marcas referenciais diminuídas com o tempo e apresenta um nível maior de abstração e desempenha função marcadora discursiva.

Neste trabalho, estas literaturas contribuem para o entendimento de que, na visão construcional, as construções com *agora* possibilitam o emprego, no âmbito temporal, de simultaneidade, passado e futuro.

## 2.1 *Agora* como Conjunção Adversativa

Gryner (2008) investiga construções adversativas iniciadas com *agora* e as define como “a oposição entre duas unidades” (A e B) na sequência do discurso”. Nesse sentido, toda declaração presente na proposição A vai ser recuperada de forma oposta em B, conforme (13), exemplo extraído da autora.

(13) *Agora (não trabalho) em nada, porque eu estou desempregado. Agora (mas) eu estava trabalhando como... era auxiliar de advogado.*

Avaliando a oposição entre as duas sentenças: (A) não trabalho em nada; (B) estava trabalhando, era auxiliar de advogado, conforme (13), Gryner (2008) afirma que a unidade B estabelece uma quebra de expectativa constituída em A, ao fazer isso, o item *agora* avança no discurso.

A autora considera o uso catafórico de **agora** fundamentado pela premissa de que houve uma diminuição da referência temporal objetiva ao longo do tempo. Através dos mecanismos metonímicos, este item adquiriu novas funções, tais como marcadora discursiva e conector de contraste nos enunciados. Gryner observa a alta frequência do termo na oposição de fatos e o uso variável de **agora** vs **mas** nas estruturas contrastivas.

Então, Gryner e Ribeiro (2005) empreenderam um estudo semântico-pragmático de **agora** em variação com **mas** e verificaram que o *agora* reproduz a sequência “antes” – “depois”. A base da mudança seria a “oposição temporal inter-oracional é o estágio intermediário no *continuum agora-temporal — agora-discursivo*”.

No mesmo estudo, Gryner (2008) analisou a polaridade das orações contrastadas pelo elemento e observou que o marcador costuma figurar em contextos nos quais as polaridades são similares, em (14).

(14) — *Sempre um pouquinho de ciúme tem, mesmo aquele que diz que não tem (...) tem (afirmativo). Agora, o fundamental pro casal é (afirmativo) a confiança.*

É menos recorrente em orações com polaridades diferentes:

*Não tenho (negativo) ciúme não, não mesmo. Agora, existe (afirmativo) um certo limite, né?*

Conforme Ribeiro (2011), através do princípio funcionalista da marcação, Gryner explica o emprego do *agora* em estruturas não marcadas pela menor complexidade formal e cognitiva das orações. De igual forma, nesta dissertação, as construções com *agora* apresentam estruturas contrastivas e esvaziamento de uso temporal e evidencia-se, assim, a progressão textual. .

Em artigo de Duque (2009), há a afirmação de que “*das várias evidências que apontam para a caracterização conjunta do agora, uma delas é o fato de esse elemento poder*

*ser substituído por mas*”. Para isso, o autor agrupa algumas evidências que comprovem sua atuação conjunta: (i) o fato de poder ser substituído por *mas*; (ii) sua ocorrência em relação de contrastes entre orações simples e complexas; (iii) atribuição de relações semânticas ao *agora*: adversidade e concessão; (iv) auxilia no estabelecimento da relação entre segmentos coordenados; (v) marcar contraste entre positivo e negativo; e (vi) estabelece contraste entre expressões de significações opostas.

O autor concebe o *agora* conjuntivo quando o item integra algum tipo de relação de contraste entre orações simples ou complexas, isto é, o termo age no âmbito sintático e exerce funções conectivas, seja adversativas ou concessivas. No caso de sentido contrastivo, o *agora* é equivalente ao *mas*. Ao desempenhar função conectora concessiva, há a possibilidade de parafrasear “*apesar disso*”.

Já no artigo de Duque (2004), a pesquisa afirma que o *agora* conjuntivo com funções adversativas integra segmentos coordenados, os quais são orações em que há a marcação de contraste entre negativo e positivo e vice-versa, conforme (15) e (16):

(15) *A Dona Inês é legal pra caramba, não é? Ela trata todos iguais. Agora, a Dona Manoelina não. Ela trata você diferente. (PEUL/ Amostra 80/ Rosana/ 7 a 14/ 1ª a 4ª)*

(16) *: Ele faz muita casa lá, que não está certa, aí, – ele – e tem gente que não gosta. Agora, muita gente que gosta. (PEUL/ Amostra 80/ Carlos /15 a 29/ 5ª a 8ª)*

Os trabalhos de Duque (2004; 2009) constataam que as abrangências funcionais são possíveis em diversas modalidades de texto, isso comprova que a gramática de uma língua é moldável ao discurso. Além disso, o esquema elaborado por Heine, Claudi e Hunnemeyer (1991), a saber, *espaço > (tempo) > texto*, é verificável nos exemplos. Essas discussões e, conseqüentemente, seus resultados são benéficos para a presente dissertação, pois comprovam o emprego textual e a sua relação com o discurso.

## 2.2 *Agora* como Marcador Discursivo

Ao concentrar seus estudos na linguagem oral, Risso (1993) localizou um grupo de palavras e locuções envolvidas na articulação textual responsável por associar o fluxo informacional entre falantes. Dentre as palavras e locuções recorrentes, figuram *agora*, *então*,

*depois, aí, mas, bem, bom, enfim, finalmente*, os quais, segundo Risso, agem no encaminhamento dessas informações.

Em relação ao *agora*, Risso constatou que, ao relacionar porções textuais, este item “*não é desencadeado pela forma interrogativa “quando”, bem como não é “parafraseável por “atualmente” e “neste momento” e “não é passível de enquadrar-se como foco de orações clivadas”*” (p. 33). Contudo, a autora ressalva que, embora apresente a função marcadora discursiva, não há *perda total dos elos* com a equivalência de *agora* dêitico, pois, ainda que exista um “*esvaziamento semântico*”, “*há um componente essencialmente dêitico característico da significação dos advérbios, como unidade indicadora das coordenadas temporais da situação comunicativa*” (p. 53). Não há, portanto, perda de função e sim acréscimo de usos distintos.

Em relação ao arrolamento de função discursiva, Risso leva em consideração os tipos de articulação – intertópica e intratópica –, existentes. A autora salienta que “*o marcador promove a abertura de tópico ou o seu encaminhamento*”, e, de forma específica, age “*como operador de coesão no âmbito textual, agora se particulariza por sua condição de elemento não integrante da estrutura sentencial*”.

No que tange ao desempenho na abertura e encaminhamento de tópico, Risso efetua os seguintes apontamentos (p. 54 -56):

A propriedade remissiva do marcador no estabelecimento de relações do marcador no estabelecimento das relações internas no texto (...) *agora* é sempre pró-ativo: aponta para frente, direcionando a atenção para algo novo que está para ser informado”; A propriedade de refletir a instância de enunciação a partir de dados de natureza essencialmente pragmática, que traduzem o envolvimento do locutor com as estruturas ideacional e interpessoal de seu discurso”; “O marcador *agora* é também egocentrado: ele tem o seu foco fixado naquilo ou seja, o item sob investigação” tem seu foco fixado naquilo que o falante, ele próprio, está para dizer, mais do que naquilo que o ouvinte diz “.

As pesquisas de Risso demonstram que a função marcadora discursiva apresenta subfunções a partir do contexto utilizado. O sentido desvia-se do âmbito adverbial ao se verificar não ser mais possível a substituição por “neste momento”, logo, há outros empregos relacionados. Ao adotarmos as considerações desta autora, no âmbito construcional, podemos perceber a interação discursiva que os esquemas apresentam neste trabalho.

Em síntese, as pesquisas e leituras aqui apresentadas contribuíram para o entendimento de que as análises linguísticas devem incluir a investigação morfossintática, semântica, discursiva e contextual. Se antes, através dos aportes da Gramaticalização, as pesquisas privilegiaram o comportamento de um determinado item linguístico, a perspectiva construcionista adotada nesta dissertação propõe uma releitura dos mecanismos linguísticos evidenciados por aquele fenômeno da linguagem.

Em nossa análise, através da proposta construcionista, analisaremos os padrões de construção com *agora* constatados em jornais do século XIX. A investigação em textos escritos coletados de dois gêneros diferentes (entrevista e reportagem) nos permite inquirir as possíveis diferenças de comportamento linguístico das construções.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O objetivo central, neste trabalho, conforme já indicamos, é a investigação dos padrões construcionais compostos a partir dos constructos com *agora*, numa perspectiva construcionista, em material real de uso (jornais) e suas relações na rede linguística. Dessa forma, atendemos um dos principais pressupostos da LFCU, a análise a partir de situação comunicativa efetivada, ou seja, “situação de uso real de discurso”.

Primeiramente, lançamos mão de uma análise quali-quantitativa, comum aos estudos de base funcionalistas, em que, de um lado, verificamos as frequências de usos (*tokens*) do fenômeno linguístico investigado, e suas ocorrências em determinado contexto comunicativo; e, de outro lado, procuramos evidenciar as tendências de usos. Na sequência, investigamos os fatores semântico-pragmáticos, em que procuramos aplicar o controle de fatores de análise (ver na seção 4.2), e, após, interpretamos os resultados da amostra investigada. Por último, estabelecemos a rede linguística em que tais padrões se encontram, assim como estabelecemos os links entre eles.

Os parâmetros comumente associados à construção são os seguintes: *esquematicidade*, *produtividade* e *composicionalidade*. Assim, um parâmetro importante ao longo do quais construções podem variar é o seu grau de esquematicidade. Um exemplo de construção totalmente especificada é o substantivo *azul*, o qual tem uma forma especificada: *azul*: SN, já a construção com *agora*, [*agora* x], que contém apenas *slots* a serem preenchidos por vários elementos (*agora* VERBO; *agora* QUE. entre outros), é classificada como mais esquemática. Deste modo, a fixação de esquemas resulta de uma sucessão de passos e é, portanto, gradual. Para Trousdale (2014), construções gradualmente criadas tendem a serem procedurais (gramaticalização), e microconstruções instantaneamente criadas tendem a ser de conteúdo (lexicalização). Dessa forma, conforme a construção se convencionaliza (esquematicidade), um *link* simbólico é estabelecido.

O nosso estudo está concentrado em analisar os textos escritos oriundos da esfera jornalística e pertencentes aos gêneros “*notícia*” e “*reportagem*”, os quais apresentaram sequências tipológicas de caráter expositivo-argumentativo. Concebemos este tipo de tipologia como aquela em que há a apresentação de argumentos baseados na lógica, cuja estrutura deve ser constituída pela tese ou ideia central na qual deve constar o encadeamento

de porções textuais com a intenção de defender determinado ponto de vista ou assunto (GARCIA, 2010).

Escolhemos o século XIX por ser o período em que a imprensa fora inaugurada no país. O período concentra transformações significativas na realidade brasileira, sobretudo a fluminense. Este foi o momento do Romantismo, Belle Èpoque e das intervenções urbanas promovidas por Pereira Passos, cuja administração seguiu o molde da arquitetura francesa. Em suma, a organização do Brasil, de colônia a República, protagonizou as muitas páginas dos periódicos da então capital brasileira.

Assim, seguem três seções, a saber. A primeira, 3.1, apresentamos breve contextualização da história da imprensa na Colônia brasileira, em que oferecemos um panorama histórico do período aqui analisado. Em 3.2, delinearemos a caracterização da amostra que formam o corpus, com apresentação dos jornais analisados. E, na seção 3.3, elencamos os critérios de análise, que serviram de base para a caracterização dos padrões semântico-pragmáticos dos constructos analisados.

### 3.1 História da Imprensa na Colônia

Apesar de a imprensa ter sido introduzida por Gutemberg em meados de 1454 e em Portugal no ano de 1487, há evidências de que não havia interesse, por parte da Coroa, para o incentivo dessa atividade na colônia com receio de que, assim, houvesse a criação e divulgação de obras e notícias sobre o Brasil e, dessa forma, estimularia a cobiça de outros países acerca da colônia brasileira (MOLINA, 2015).

Nessa visão, não só a imprensa, mas também indústrias, universidades e outros segmentos não foram aqui instituídos por desinteresse do país lusitano. Por outro lado, pesquisadores como Melo (1972) acreditam que a chegada tardia da imprensa no Brasil se deu por diversos fatores, dentre eles, o lento desenvolvimento sociocultural da colônia provocado pela baixa renda da população da época.

Com o desembarque da família real no Brasil, em 1808, há o período de transição entre o estabelecimento da Imprensa Régia e a publicação do jornal oficial, a *Gazeta do Rio de Janeiro*. No entanto, por questões políticas, jornais de língua portuguesa, “escritos e impressos em Londres e em Paris se tornaram a principal fonte de informação para a minoria



alfabetizada do Brasil e de Portugal” (MOLINA, 2015, p. 9). Segundo Molina, durante anos, os periódicos brasileiros reportavam notícias do exterior advindas da agência de notícias francesa Havas, cujo trabalho estava submetido aos financiamentos do governo francês. Com isso, até a declaração da Independência, em 1822, todos os periódicos impressos no Brasil eram submetidos à censura, tal qual como ocorria em Portugal.

Dois fatores impediram a disseminação da imprensa brasileira desde o seu surgimento: a dependência dos subsídios estatais e a qualidade da educação brasileira no século XIX. Por ter a maioria da população iletrada, o Brasil não acompanhou a dispersão do jornalismo ocidental no período compreendido entre os séculos XIX e XX. Somente a partir da Revolução Industrial e a compreensão de que para a execução deste tipo de trabalho deveria ter mão de obra qualificada, compreendeu-se a necessidade na oferta de ensino obrigatório, universal e gratuito. Por causa disso, no Brasil, os jornais brasileiros da época eram, em grande parte, elitistas e os periódicos fluminenses populares possuíam um menor número de circulação se comparado aos grandes títulos (SODRÉ, 1996).

### 3.2 Amostra

Estabelecemos como amostra o acervo digital de cinco jornais que circularam, de forma contínua, durante o século XIX, a saber, *Correio Braziliense*, *O Patriota*, *Gazeta da Tarde*, *O Tempo* e *Aurora Fluminense*, cujos exemplares estão alocados no setor de obras raras da Biblioteca Nacional, e sua localização é verificada no sítio [www.memoria.bn](http://www.memoria.bn).

Selecionamos esses jornais porque foram justamente aqueles que apresentaram uma circulação contínua durante a existência do veículo; era comum, durante o período escolhido, o “desaparecimento” de um jornal, ou sua eventual substituição por outro título.

Os periódicos escolhidos são segmentados em editoriais — seções dos jornais — nomeadas a depender do perfil daquele veículo. Os gêneros em tela foram escolhidos porque cumprem, via de regra, com o papel do jornalismo: apresentar a informação e adaptá-la de acordo com o público atendido.

Assumimos a hipótese de que cada jornal era produzido de modo a atender um público específico, apesar de os leitores destes periódicos pertencerem a um perfil demográfico parecido: homens, em sua maioria, e integrantes de classes sociais com mais recursos. Dessa

forma, o material produzido, *notícias* e *reportagens*, sofreria um filtro pela instituição jornalística: as informações veiculadas atenderiam aos interesses desses leitores. Nossa pretensão é verificar se há diferenças no uso das construções nos diferentes jornais. Construções menos formais como [*agora* QUE], por exemplo, apareceriam em textos com teor menos conservador. Construções muito frequentes como [VERBO *agora*] apareceriam em todos os jornais. Para testar essa hipótese trabalhamos com os jornais apresentados a seguir.

### 3.2.1 Correio Braziliense ou Armazém Literário (1808-1822)

Primeiro jornal a circular no Brasil, meses antes de Portugal instituir a imprensa; com o intuito de se proteger da censura, este jornal era produzido em Londres e enviado mensalmente ao Brasil. Nas palavras de Molina (2015), o seu fundador, Hipólito José da Costa, foi o jornalista mais importante durante todo o período de sua circulação. O jornal, ao circular em Londres, buscava atender aos interesses dos comerciantes britânicos nas relações comerciais com Portugal e Brasil. Possuía quatro editorias: *Política, Comércio e Artes, Literatura e Ciências* e *Miscelânea*, seção cuja finalidade era comentar os últimos acontecimentos entre a Coroa e a colônia. De forma transparente, Hipólito era contra o emprego da força militar nas questões internas brasileiras, os desígnios da Coroa Portuguesa e o trabalho escravo. Com isso, seu público-leitor era constituído, no Brasil, de comerciantes brasileiros e portugueses, além dos apoiadores de um novo governo constitucionalista sem qualquer concentração nas mãos de um único governante. Já em Portugal, o periódico era consumido por políticos da Corte, comerciantes e a pequena parcela instruída da sociedade portuguesa.

### 3.2.2 O Patriota, Jornal Litterario, Político, Mercantil, etc. do Rio de Janeiro (1813-1814)

Nas palavras de Rizzini (1988), este periódico foi a melhor publicação literária desde época colonial até a Regência. Em suas páginas, o conhecimento científico da época teve protagonismo, além da divulgação de notícias sobre agricultura, literatura, arte, medicina,

botânica, zoologia, história, diplomacia e relato de viagens. Foi considerado o jornal da *intelligentsia* e a mais importante manifestação dos intelectuais da época recortada e, desde o primeiro número, solicitava a contribuição dos sábios brasileiros, incluindo o inconfidente mineiro Manuel Inácio da Silva Alvarenga.

A ideologia de *O Patriota* fora influenciada pelo Iluminismo francês e acreditava que o progresso viria da exploração adequada da agricultura através da utilização de técnicas não prejudiciais a terra (MOLINA, 2015).

### 3.2.3 A Aurora Fluminense (1827-1835)

Dirigido por Evaristo da Veiga, político associado ao partido moderador durante a Regência, o jornal tinha caráter liberal, defendia a abdicação do imperador e, por isso, estabeleceu oposição ideológica aos órgãos absolutistas e aos caramurus — grupo de conservadores integrado ao contingente português (MOLINA, 2015). Era favorável à gradual abolição da escravatura, a educação abrangente, a reforma agrária e a um forte poder legislativo. Nas palavras de Azevedo (1865), por ter um estilo expressivo e comedido, conferindo-lhe, assim, traços elegantes, a linguagem de *A Aurora Fluminense* destoava dos demais textos jornalísticos do período. Na época, havia jornais que empregavam o sarcasmo e um tom pejorativo em seus textos, comportamentos editoriais associados à segmentação sociocultural da época.

Durante o período em que circulou, o jornal foi o mais vendido e influente dentre os demais periódicos. O objetivo de suas páginas era a difusão das ideias políticas de seu principal dirigente e, dessa forma, influenciar politicamente a opinião de seus leitores, público simpático ao pensamento liberalista.

Em contrapartida, motivada pela opinião dos caramurus, havia forte pressão vinda da população e de pessoas ilustres, como Joaquim Nabuco, pelo retorno do imperador. Como temor deste acontecimento, o jornal modifica a própria linguagem e assume um tom agressivo (MOLINA, 2015).

Após alguns acontecimentos da década de 1830, como a abdicação do Imperador D. Pedro I e posterior morte, o país tem o rumo político tomado por incertezas, Evaristo da Veiga

torna-se conservador e o jornal passa a defender o federalismo por ser a ideia mais aceitável da época.

Devido a essa oscilação em sua linha editorial, Sodré (1996) afirma que *A Aurora Fluminense* não foi o melhor exemplo de ética jornalística, já que seu redator, após ser publicamente atacado por outras publicações, passou a reagir da mesma forma ao adotar uma linguagem rude.

Em nossa análise, percebemos que este jornal tende a ser informativo, porém, prioriza informações e notícias que tratem da relação do Brasil com outros países e tem uma vocação a ser contra a dominação e permanência portuguesa.

### 3.2.3.1 O Tempo: jornal político e literário (1832-1846)

Para Molina (2015), os periódicos circulantes após a Independência e, em seguida, no Período Regencial, foram relevantes para o rumo do país. Os textos da época questionavam os planejamentos para a nação e os impactos que trariam para a população brasileira. Após a Revolução do Porto, em 1820, a Corte já não impunha censura prévia nos jornais.

Neste cenário surge o jornal *O Tempo*, cujo propósito era informar aos leitores as decisões políticas do imperador e as eventuais falhas administrativas. Através de seção única *Interior*, reproduzia as notícias ocorridas na então capital, Rio de Janeiro, além das leis em sua integral decisão.

Por meio de seu redator, este jornal adotava uma linguagem agressiva com a finalidade de despertar o público-leitor para os malfeitos políticos e jurídicos da época. De acordo com Armitage (1837), sem exceção, os jornais do período eram inclinados aos traços pasquineiros e a ninguém poupavam de belicosas críticas.

O pesquisador Ciro Marcondes Filho (2000) elabora uma trajetória evolutiva do jornalismo que abrange cinco recortes temporais diferentes. Na concepção de Marcondes Filho (2000), os anos de 1789 a 1900 são compreendidos como a época de maior influência da literatura nos textos jornalísticos. Em sua visão,

É a época de ebulição do jornalismo político-literário, em que as páginas impressas funcionam como caixa acústica de ressonância, programas político-

partidários, plataformas de políticos, de todas as ideias. Época em que o jornal se profissionaliza: surge a redação como um setor específico [...] Nessa época do jornalismo literário, os fins econômicos vão para segundo plano. Os jornais são escritos com fins pedagógicos e de formação política. (MARCONDES FILHO, 2000, p. 11-12)

Na perspectiva deste autor, o jornalismo brasileiro inicia a transição de ideologia política, ainda muito presente, para fins literários. Por este motivo, jornais como *O Tempo*, apesar de assumir um viés ideológico rígido, alternam para a face literária de suas páginas, e inauguram, posteriormente, outros gêneros literários nos periódicos, a saber, a *crônica*, o *conto* e, por fim, o *folhetim*, em que se inaugura a principal divulgação da mescla jornalismo-literatura (GONÇALVES, 2013).

#### 3.2.3.2 Gazeta da Tarde (1880-1899)

Fundado pelo advogado e jornalista José Ferreira de Menezes, a linha editorial deste periódico era o combate à escravidão. Após a morte de seu fundador, o jornal é dirigido por José do Patrocínio, importante figura abolicionista e republicana do país.

De face noticiosa, jornal utilizava uma linguagem direta aos seus leitores: personalidades abolicionistas, políticos progressistas e a ainda diminuta fatia leitora da época. Composto pelas seções *Noticiário*, *Folhetim*, *Theatros* e anúncios publicitários, o periódico divulgava notícias dos jornais de outras localidades e línguas, além de traduzir, na seção *Folhetim*, romances, novelas e até mesmo o livro do jornalista e abolicionista norte-americano Frederick Douglass (PINTO, 2015).

### 3.3 Procedimentos de análise

Coletamos todos os enunciados com o elemento *agora*. Encontramos os seguintes números de dados para cada jornal analisado:

Jornais	O Patriota	Gazeta da Tarde	Aurora Fluminense	O Tempo	Correio Braziliense	Total
Nº de ocorrências de dados	38	18	42	56	122	276

**Figura 3 - Quantitativo de enunciados por jornais**

Gostaríamos de ressaltar que o número maior de dados no livro *Correio Braziliense* se deu porque esse foi o jornal (dentre os analisados) que teve maior tempo de circulação e portanto a amostra é maior. Além disso, neste jornal, há predomínio do gênero *reportagem* cujos textos costumam ser maiores do que as notícias.

Analisamos cada contexto para depois estabelecermos os padrões construcionais e suas funções. Verificamos que os padrões são instanciações da construção mais geral do esquema [(X) *agora* (Y)]. Constatamos que havia no século XIX 8 padrões ou subesquemas filhos desse esquema mais geral. São eles: [VERBO *agora*], [*agora* PREPOSIÇÃO], [*agora* (X) VERBO], [*agora* PERÍODO(S)], [*agora* QUE], [*agora* SUBSTANTIVO], [*agora* ADJETIVO] e [*agora* (X) ORAÇÃO].

Para compreender os usos desses padrões, analisamos os seguintes fatores:

a. Jornais

Coletamos e codificamos os dados dos seguintes jornais: *Correio Braziliense*, *O Patriota*, *Gazeta da Tarde*, *Aurora Fluminense* e *O Tempo*. Nosso objetivo foi ver a distribuição das construções em diferentes jornais.

b. Categoria gramatical

Verificamos o papel gramatical de cada dado encontrado para vermos que papéis cada padrão tende a ter. As categorias gramaticais encontradas foram as seguintes: advérbio, operador argumentativo, conjunção causal e conjunção adversativa.

c. Papel semântico-discursivo.

Verificamos os papéis de cada padrão construcional encontrado, a saber: modificador, organizador informacional, temporalidade, causalidade e adversalidade.

e Escopo da construção.

Procurando avaliar a influência do papel textual dos padrões construcionais, avaliamos o escopo amplo, aquele que atinge toda uma porção do texto que vai além da própria oração em que a construção está; e escopo focal, aquele que está direcionado a um sintagma, seja verbal ou nominal. Nossa hipótese é a de que as construções com funções adverbiais tendem a apresentar um escopo menor, ao passo que as construções mais discursivas apresentam um escopo mais amplo.

f Gênero textual

Trabalhos com dois gêneros: *notícias* e *reportagens*. Acreditamos que alguns dos padrões ocorram com maior frequência num desses gêneros.

No quadro (3), seguinte, resumimos os fatores de análise para cada padrão construcional encontrado:

<b>Jornais</b>	i <i>Correio Braziliense</i> ii <i>O Patriota</i> iii <i>A Aurora Fluminense</i> iv <i>Gazeta da Tarde</i> v <i>O Tempo</i>
<b>Categoria gramatical instanciada Jornal</b>	i Advérbio ii Conjunção adversativa iii Conjunção causal iv Operador argumentativo
<b>Papel semântico-discursivo</b>	i Modificador ii Temporalidade iii Organizador informacional iv adversalidade v causalidade
<b>Escopo da construção</b>	i Escopo focal ii Escopo amplo
<b>Gênero textual</b>	i Notícia ii reportagem

Quadro 2 - Fatores para análise

## 4 ANÁLISES DOS DADOS

Este capítulo tem o propósito de apresentar a análise dos dados com *agora* em periódicos jornalísticos do século XIX, sob uma perspectiva construcionista. Observamos todos os dados com *agora*, verificamos a forma e a função dos contextos em que aparece para depois chegarmos a uma conclusão sobre os padrões construcionais existentes no português com esse item. Desde já, podemos apontar para a existência de significativa produtividade de alguns dos padrões.

Após a análise dos dados, chegamos a conclusão de que o padrão construcional [(X) *agora* (Y)], é o padrão mais abstrato, do qual se instanciaram os padrões construcionais mais específicos.

Temos como objetivo maior descrever as formas e as funções dos esquemas construcionais (aqui chamados de padrões construcionais), ou seja, os subesquemas, com o item *agora* em diferentes jornais do século XIX. Para darmos conta da forma e da função, analisamos uma série de fatores, cujos resultados são apresentados a seguir.

Os resultados e a análise dos dados, abaixo, serão apresentados da seguinte forma:

- (i) breve discussão do fator analisado; (ii) resultados e análise dos dados.

### 4.1 Padrões construcionais

Foram encontradas 276 ocorrências de construção com *agora*. Com base na análise desses constructos, evidenciam-se oito padrões construcionais, quais sejam:

#### (1) [VERBO *agora*]

- (1) (...) E com effeito, qual outro seria o meu propósito? Lembrar-se há alguém do desejo do lucro? Não seria facil mostrar que este jámais podia ser o meu alvo? (...) Por muito sensível que eu seja a este sentimento tão natural, eu seria loucamente presumido, se ousasse confiar de meu tenue saber tão vantajoso resultado. O fim por que me tem guiado tanto, he clara e unicamente o querer satisfazer aos veros que tomei por epigraphe. Não **entrarei agora** na sincera condução de meus defeitos: vale mais emenda-los que publica-los. O tempo he sempre o melhor Mestre, e os proprios erros são uteis a quem delles sabe aproveitar para evita-los."

(Jornal *O Patriota*, seção "Política" – 1813)



Neste subesquema, percebe-se maior produtividade no emprego adverbial, uma vez que o uso prototípico dos advérbios, tal como um modificador, mantém-se aqui. No exemplo, o verbo “entrar” tem o sentido de movimento, logo, denota uma ação modificada pelo elemento *agora*, o qual pontualiza a ação verbal.

(2) [*agora* VERBO]

(2) "(..) Era hum problema, se no Brazil podia haver hum Jornal. Pessoas se acreditado saber, mas de hum genio melancolico, avultando as dificuldades, que carregarião sobre o Redactor, accusavão altamente a sua temeridade, a que dava mais pezo a authoridade de quem as pronunciava. Costumado porém a ceder sómente á rezão e á experiencia, eu julguei que o verdadeiro modo de resolver o problema, era pôr-me em prova, e confiar da minha queda o meu desengano. Eu annunciei a empresa, e entre pragas e agouros de huma parte, e elogios e estímulos de outra, caminhei constante ao meu fito. Tenho consummado a carreira, e he facil **agora estabelecer** hum argumento vitorioso(..)"

(Jornal O Patriota, seção “Política” – 1813)

Também aqui a função de adverbial circunstancial se mantém. Porém, como a relação é feita com o verbo “*estabelecer*” que não é de movimento, diferentemente do exemplo do padrão anterior. Apesar de indicar um tempo, neste exemplo tempo não é pontuado.

(3) [PREPOSIÇÃO *agora*]

(3)"(..) E qual tem sido a acção dos passado ministerios sobre semelhantes potentados eleitoraes? Temos vistos ministerios, que teem sido a expressão de violentos partidos, transigirem inteiramente com taes potentados eleitoraes, e para elles porem todos os favores, todas as attenções, e até mesmo o cerramento dos olhos sobre crimes, que por semelhante maneira ficão dentro das muralhas dos partidos! O que **até agora** temos visto, é nada recusar-se, absolutamente nada, a esses potentados, que por seu turno torturão a esses cidadãos fracos ou pobres para lhes alcançar quasi sempre o avesso do seu sentir. E tudo isto não é macular a mais Santa das funcções populares?..."

(Jornal O Tempo, seção “Interior” – 1832)

Ao observarmos o exemplo acima, é possível depreender a construção formada por [PREPOSIÇÃO *agora*], que estabelece uma locução prepositiva (adverbial) circunstancial. Neste caso, a temporalidade do elemento *agora* é reforçada pela ideia de “limite” temporal, e permite uma leitura atélica do enunciado, que é reforçado pelo verbo “ter”, ou seja, uma ação ainda a ser finalizada. Dessa forma, comparando com os dois subesquemas até aqui analisados, [VERBO *agora*] e [*agora* VERBO], somado ao subesquema [PREPOSIÇÃO *agora*], é perceptível certa relação hierárquica entre os três subesquemas, relação esta de modificação, característica das construções adverbiais, ou seja, de circunstância.

Procuramos representar, abaixo, os três subesquemas a partir de uma rede construcional, que denominamos, neste primeiro momento, de “construção circunstancial”.

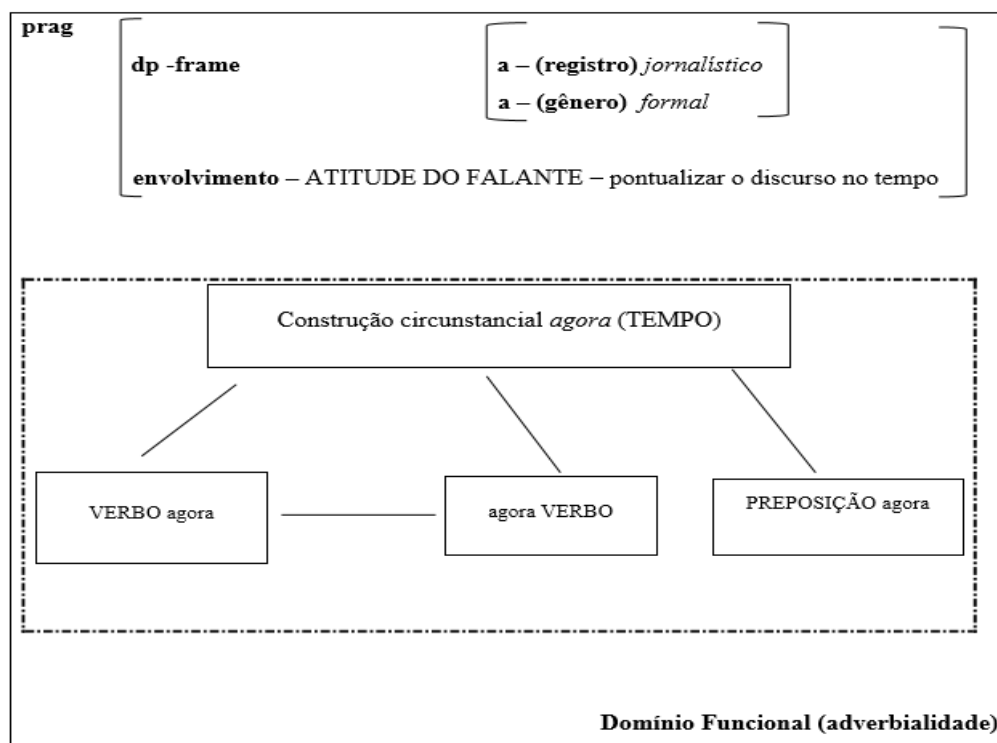


Figura 4 - Subesquemas construcionais (construção circunstancial adverbial)

A representação, acima, foi elaborada a partir das ideias de Machado e Vieira e Wiedemer (2018 a sair), em que temos a representação da construção [circunstanciadora *agora* TEMPO], que licencia três subesquemas construcionais: [VERBO *agora*], [*agora* VERBO], [PREPOSIÇÃO *agora*]. Tais subesquemas (representados no quadrado pontilhado) contêm apenas *slots* a serem preenchidos por vários elementos. Por sua vez, os subesquemas podem ser relacionados em nível hierárquico por semelhança, o que resulta na configuração como uma construção mais esquemática [circunstanciadora *agora* TEMPO]. Dessa forma, subesquemas diferentes permitem a leitura de circunstância de tempo.

Além da representação da construção, que está indicada pelo quadrado pontilhado, a representação apresentada na figura 4 captura as nuances pragmáticas, ou seja, a enunciação, que está indicada pelo (dp) – *padrão discursivo*. Este, por sua vez, apresenta *atributos* (a, no esquema), neste caso, *jornalístico* e *formal*, que está inserido em um cenário discursivo, em

que o falante tem por objetivo pontualizar o discurso no tempo, ou seja, o padrão discursivo da ocorrência dessa construção se dá em contexto jornalístico e de escrita formal. Por fim, a representação aponta para o domínio funcional da adverbialidade.

Com base em Garcia (2010), adotamos a nomenclatura *circunstância* (do latim *circum*, o que está em torno ou em redor) como “a condição particular que acompanha um fato, o acidente que o atenua ou agrava”. Para a retórica, este termo é compreendido como a própria ação (o quê?), a pessoa (quem?), o lugar (onde?), o tempo (quando?), a causa (por quê?), o modo (como?), e os meios (com quê?). Dentro da esfera sintática, outras circunstâncias são incluídas, como as relações de oposição, condição, finalidade, consequência, dentre outras.

Dando sequência à apresentação dos subesquemas, abaixo, têm-se os exemplos formados por [*agora* ADJETIVO], em (04) e por [*agora* SUBSTANTIVO], em (05), conforme se observa.

#### (4) [*agora* ADJETIVO]

(4) " O projecto de ley para suspender a liberdade da imprensa foi approved na Camara dos Pares, por uma maioria de 136 votos, contra 74; porém com algumas alteraçoes. Os jornaes, **agóra existentes**, são izentos de sua operação, e a duração desta medida se limita até o fim da sessão seguinte."

(Jornal Correio Braziliense, seção Miscellanea – 1808)

#### (5) [*agora* SUBSTANTIVO]

(5) "Havendo dicto no nosso N<sup>o</sup>. Passado, que a successão da corôa de França, depois do irmão e sobrinho do actual Rey, passa a Fernando VII, **agora Rey de Hespanha**; julgamos proprio dar aqui o seguinte extracto de uma gazeta Franceza (..) sobre o mesmo assumpto."

(Jornal Correio Braziliense, seção Miscellanea – 1808)

Considerando os dois usos acima (04) e (05), primeiramente, fica evidente que as construções exemplificadas não são modificadoras de verbos, função típica de uma construção adverbial, conforme se pode observar nos subesquemas anteriores (01) a (03), e passa a atuar somente como marcador temporal, indicando a pontualidade apenas, seja ela, de simultaneidade, anterioridade, posterioridade ou futuro imediato.

Porém, apesar de um indicar determinada temporalidade, em comparação aos subsquemas anteriores (01) a (03), aqui a temporalidade é feita a partir do enunciado, conforme podemos observar em (04). O enunciado é iniciado por “*O projecto de ley para suspender a liberdade da imprensa foi aprovado na Camara dos Pares, por uma maioria de 136 votos, contra 74; porém com algumas alteraçoes.*”, em que temos a apresentação do fato, a aprovação do projeto de lei de suspensão a liberdade, em que temos uma ação concluída em determinado momento do discurso, e na sequência, observa-se sua consequência, em “*Os jornaes, **agóra existentes**, são izentos de sua operação, e a duração desta medida se limita até o fim da sessão seguinte.*”, que é indicado pelo elemento *agora* na segunda parte do enunciado.

Sobre isso, Neves (2011) discorre sobre os advérbios temporais que não possuem relação cronológica, isto é, a ampliação temporal é não cronológica. Dentre eles, o *agora* apresenta essas possibilidades ao fazer referências temporais do passado e futuro. Essa mesma construção pode ser observada em (05), em que temos o enunciado “*Havendo dicto no nosso N.º. Passado, que a successão da corôa de França, depois do irmão e sobrinho do actual Rey,*”, que apresenta um contexto histórico em determinado tempo passado, que é comparado com o tempo atual, “*passa a Fernando VII, **agora Rey de Hespanha**; julgamos proprio dar aqui o seguinte extracto de uma gazeta Franceza (..) sobre o mesmo assumpto.*”.

Em (05) fica mais clara a relação de comparação temporal passado (ação concluída) e a consequência da ação, que é marcada pelo elemento “*agora*”, sendo reforçada pelo verbo “passar”. De acordo com os resultados de Jordão (2017), o verbo *passar* denota características aspectuais, sendo possível sua utilização em diferentes construções, desde verbo pleno, indicando movimento concreto, como em outros subsquemas indicando movimento metafórico ou ainda ser utilizado como auxiliar.

Comparando os cinco subsquemas até aqui apresentados, temos os subsquemas (01), (02) e (03), como construções circunstanciais que pontualizam o tempo, mas modificando um elemento, ou seja, atuando como advérbios. Já, nos subsquemas (04) e (05), temos a ação pontualizada temporal, porém, conforme observamos nos exemplos, a comparação temporal é feita a partir do elemento *agora*, em que temos a comparação de tempos, que não necessariamente cronológicos, mas localizados em algum momento do discurso. Sobre isso, vale retomar as palavras de Traugott & Trousdale (2013), que apontam que os múltiplos significados disponíveis em uma rede irradiam de um protótipo ou “significado central como

extensões". Além disso, a organização de unidades linguísticas convencionais dentro de redes e conjuntos está intimamente relacionada ao uso da língua, tanto a moldando, quanto sendo moldada por ela (LANGACKER, 2008).

Podemos representar a questão da comparação temporal, que vamos denominar de “comparação temporal enunciativa”, em que temos de um lado o objeto de discurso localizado no tempo, o elemento *agora* como marcador do tempo em comparação ao anterior, e a segunda parte do enunciado, conforme representado no quadro seguinte,

Ação localizada em um determinado tempo	Localização do tempo e comparação entre as ações	Consequência da ação
" O projecto de ley para suspender a liberdade da imprensa foi aprovado na Camara dos Pares, por uma maioria de 136 votos, contra 74; porém com algumas alterações.	Os jornaes, <b>agóra existentes</b>	<i>saõ izentos de sua operação, e a duração desta medida se limita até o fim da sessão seguinte."</i>
" <i>Havendo dicto no nosso N.º. Passado, que a successão da corôa de França, depois do irmão e sobrinho do actual Rey, passa a Fernando VII,</i>	<b>agora Rey de Hespanha;</b>	<i>judgamos proprio dar aqui o seguinte extracto de uma gazeta Franceza (..) sobre o mesmo assumpto."</i>

Quadro 3 - Comparação temporal enunciativa

Conforme percebemos até aqui, os usos da construção com *agora* são produtivos e apresentam uma vasta gradualidade semântica. Aqui é importante destacar a questão da gradualidade semântica entre os subesquemas, em que um subesquema passa de um a outro gradualmente ou se apresenta até mesmo como elemento de características híbridas, evidenciando a dificuldade de enquadrá-lo unicamente em uma ou outra construção. Tendo em vista essa gradualidade, as categorias e unidades de linguagem são variáveis e formam gradiente em vez de categorias fortemente delimitadas (BYBEE, 2013).

A noção de comparação temporal que apontamos nos subesquemas (04) e (05), em que denominamos de “comparação temporal enunciativa”, pode ser observada também no subesquema (06), porém em porções textuais maiores e sem a necessidade de ocorrer

relacionada à um substantivo ou adjetivo, como os exemplos anteriores. Diferentemente, aqui, em (06), a construção [agora], além de exercer a ideia de comparação entre as porções textuais, conforme se observa, no exemplo, ajuda na transição textual dos enunciados, criando uma relação de coerência entre as duas partes.

**(6) [agora PERÍODO (S)]**

(6) Exército e Polícia - "O soldado Manoel Raymundo Rosa, da 7ª Companhia do 1º Batalhão de fuzileiros, e o qual, como os leitores sabem, travou luta no dia 7 do corrente mês, com um punhado de urbanos, continúa em estado grave. Pouco se dá por sua vida. Está em tratamento no Hospital Militar. **Agora**, pedimos licença para perguntar? Sabemos que o commandante do 1º de fuzileiros, narrou por escripto ao Ministro da Guerra o acontecido, e remetteu-lhe o respectivo corpo de delicto."

(Jornal *Gazeta da Tarde* – seção "Noticiário" – 1880)

Aqui, a construção [agora PERÍODO(S)] não é modificadora de uma oração, mas se refere a uma porção maior do enunciado. Há uma espécie de apontamento catafórico para marcar o que vem a seguir no discurso.

Podemos observar no quadro, seguinte, a representação de (06), em que observamos, na primeira ação, a ocorrência de um relato "*Exército e Polícia - "O soldado Manoel Raymundo Rosa, da 7ª Companhia do 1º Batalhão de fuzileiros, e o qual, como os leitores sabem, travou luta no dia 7 do corrente mês, com um punhado de urbanos, continúa em estado grave. Pouco se dá por sua vida. Está em tratamento no Hospital Militar."*, o elemento *agora*, seguido de questionamento "*, pedimos licença para perguntar? Sabemos que o commandante do 1º de fuzileiros, narrou por escripto ao Ministro da Guerra o acontecido, e remetteu-lhe o respectivo corpo de delicto."*, na segunda parte do enunciado.

Ação localizada em um determinado tempo	Localização do tempo e comparação entre as ações	Consequência da ação
<i>Exército e Policia - "O soldado Manoel Raymundo Rosa, da 7ª Companhia do 1º Batalhão de fuzileiros, e o qual, como os leitores sabem, travou luta no dia 7 do corrente mês, com um punhado de urbanos, continúa em estado grave. Pouco se dá por sua vida. Está em tratamento no Hospital Militar.</i>	<b>Agora</b>	<i>pedimos licença para perguntar? Sabemos que o commandante do 1º de fuzileiros, narrou por escripto ao Ministro da Guerra o acontecido, e remetteu-lhe o respectivo corpo de delicto."</i>

Quadro 4 - Comparação das estruturas temporais

A noção de articulação textual/transição textual, conforme vimos nos subesquemas, acima, (05) e (06), também pode ser percebido nos demais subesquemas, (07) e (08), cada qual com características morfossintáticas específicas. Em (07), o subsquema [*agora* (X) ORAÇÃO], a porção textual inicial é feita a partir do referente “franceses”, em “*Os Francezes não destruíram o Governo papal, para darem aos Romanos um Governo livre e independente, antes fizeram de Roma, uma colônia da França:*”, seguida da construção do tópico discursivo “*logo a ingerência daquelles estrangeiros, foi directamente prejudicial aos Romanos. Poderiam os Francezes, durante a sua dominação, manter melhor policia, supprimir os salteadores, abrir estradas, fazer aqueductos, &c. &c. mas ninguém dirá que taes beneficos fossem equivalente compensação á perca da independencia nacional: reduzindo um povo livre a todos os inconvenientes de ser colonia.*” Na sequência, o elemento “*agora*” é utilizado para marcar a transição textual localizada no tempo. Isso é reforçado pelo pronome dêitico “*elles não derogam a nossa regra, merecem serem justificados*”, que constrói uma referência com a porção textual anterior.

(7) [*agora* (X) ORAÇÃO]

(7) "Os Francezes não destruíram o Governo papal, para darem aos Romanos um Governo livre e independente, antes fizeram de Roma, uma colônia da França: logo a ingerência daquelles estrangeiros, foi directamente prejudicial aos Romanos. Poderiam os Francezes, durante a sua dominação, manter melhor policia, supprimir os salteadores, abrir estradas, fazer aqueductos, &c. &c. mas ninguém dirá que taes beneficos fossem equivalente compensação á perca da independencia nacional: reduzindo um povo livre a todos os inconvenientes de ser colonia. **Agóra**, quanto aos descuidos, ou culpas do Governo Papal, **elles não derogam a nossa regra, merecem serem justificados**: mas nisto voltamos outra vez á nossa proposição, que os povos devem cuidar de

remediar por si mesmos os males de sua nação; isto mesmo he admitirmos, que póde haver, e de facto há males provenientes dos Governos ainda os mais legítimos, mas o que dizemos he, que, se, em taes circumstancias os povos esperarem taes remedios de alguma potencia estrangeira, esta trará mais males do que se esperam de bems. E aonde está a negativa desta proposição ao exemplo de Roma: e da Hollanda, que o Escriptor accrescenta?

(Jornal *Correio Braziliense*, seção Miscellanea – 1808)

Já em (08), o elemento “agora” em um esquema bastante produtivo da língua portuguesa, a construção com “que”, passa a desempenhar a função de subordinar uma oração a outra, além da noção de transição textual entre as partes dos textos.

### (8) Construção [agora QUE]

(8) *"Noventa contos de reis de mais ou de menos não são objecto para desprezar: não he o Brasil tão rico! Agora que se entra em lide judicial sobre a arbitraria commissão dos 48 pezos, que o Sr. José Silvestre Rebello julgou dever tirar pelo trabalho de dirigir a construção das Fragatas - Izabel, e Principe Imperial - fabricadas nos Estados Unidos, durante a sua missão diplomática naquelle paiz, convém apresentar ao publico alguma cousa que o esclareça sobre este importante negocio.(..)"*

(Jornal *Aurora Fluminense* – seção “Rio de Janeiro” – 1850)

Comparando os subesquemas de (04) a (08), podemos resumi-los no seguinte quadro, seguinte, abaixo. Conforme já ressaltamos nas análises, esses subesquemas possuem como característica comum a comparação entre ações de porções textuais, e o uso do elemento *agora* como localizador do tempo, a qual denominamos de “construção de comparação temporal enunciativa”.

Ação localizada em um Determinado tempo	Localização do tempo e comparação entre as ações	Consequência da ação
Porção textual	[agora SUBSTANTIVO] [agora ADJETIVO] [agora PERÍODO (S)] [agora ORAÇÃO] [agora QUE]	Porção textual

Quadro 5 - Comparação temporal das porções textuais



O que se percebe a partir da estrutura acima é que se aproxima, em certa medida, da rede construcional apresentada na Figura (1), pois, apesar de realizar a transição textual entre as partes, a construção assume características de conjunção ou operador textual. No entanto, ela mantém seu significado adverbial ao indicar a temporalidade, só que sequenciadora, não mais circunstanciadora. Aqui, não podemos confirmar a mudança, pois se trata de um estudo sincrônico, porém os diferentes subesquemas apontam para um caminho de mudança, hipótese a ser confirmada por outras pesquisas futuras.

A tabela (1) apresenta o quantitativo geral dos padrões construcionais e a distribuição dos dados totais e a porcentagem. Vejamos:

CONSTRUÇÃO	Nº	%
[VERBO <i>agora</i> ]	120	43,4
[ <i>agora</i> VERBO]	91	32,9
[PREPOSIÇÃO <i>agora</i> ]	38	13,7
[ <i>agora</i> (X) ORAÇÃO]	10	3,6
[ <i>agora</i> QUE]	8	2,8
[ <i>agora</i> ADJETIVO]	5	1,8
[ <i>agora</i> SUBSTANTIVO]	2	0,7
[ <i>agora</i> PERÍODO(S)]	2	0,7
<b>TOTAL</b>	<b>276</b>	<b>100</b>

Tabela 1 - Microconstruções com *agora*

Podemos observar que o maior número de ocorrências está na construção do tipo [VERBO *agora*] e corresponde ao total de 43% das amostras encontradas. Em seguida, a construção [*agora* (X) VERBO] ocupa, em número de ocorrências, a segunda posição de construções mais empregadas e representa (32,9%) do total encontrado. A construção [PREPOSIÇÃO *agora*] tem expressivo número nos textos pesquisados (13,7% do total), ao passo que as demais construções são realizadas em menor quantidade e contribuem com (3,6%), (2,8%), (1,8) e (0,7%), respectivamente.

Vale ressaltar que classificamos como X qualquer item lexical ou sentença que possa figurar ou não na construção, podendo até mesmo iniciar ou finalizar a estrutura oracional. No padrão construcional (4), [*agora* (X) ORAÇÃO], exemplificado acima, consideramos os elementos *quanto aos descuidos, ou culpas do Governo Papal* como X e *eles não derogam a nossa regra, merecem serem justificados* como parte integrante da construção.

Além disso, ao observarmos os resultados da tabela, acima, destacamos, na cor verde, os padrões mais produtivos; e na cor cinza, os menos produtivos, o que confirma as duas construções acima, desenvolvidas, sendo os subesquemas (01), (02) e (03) como “construção circunstanciadora (*agora* TEMPO)”, e os subesquemas (04), (05), (06), (07) e (08) como “construção de comparação temporal enunciativa”, este representado abaixo.

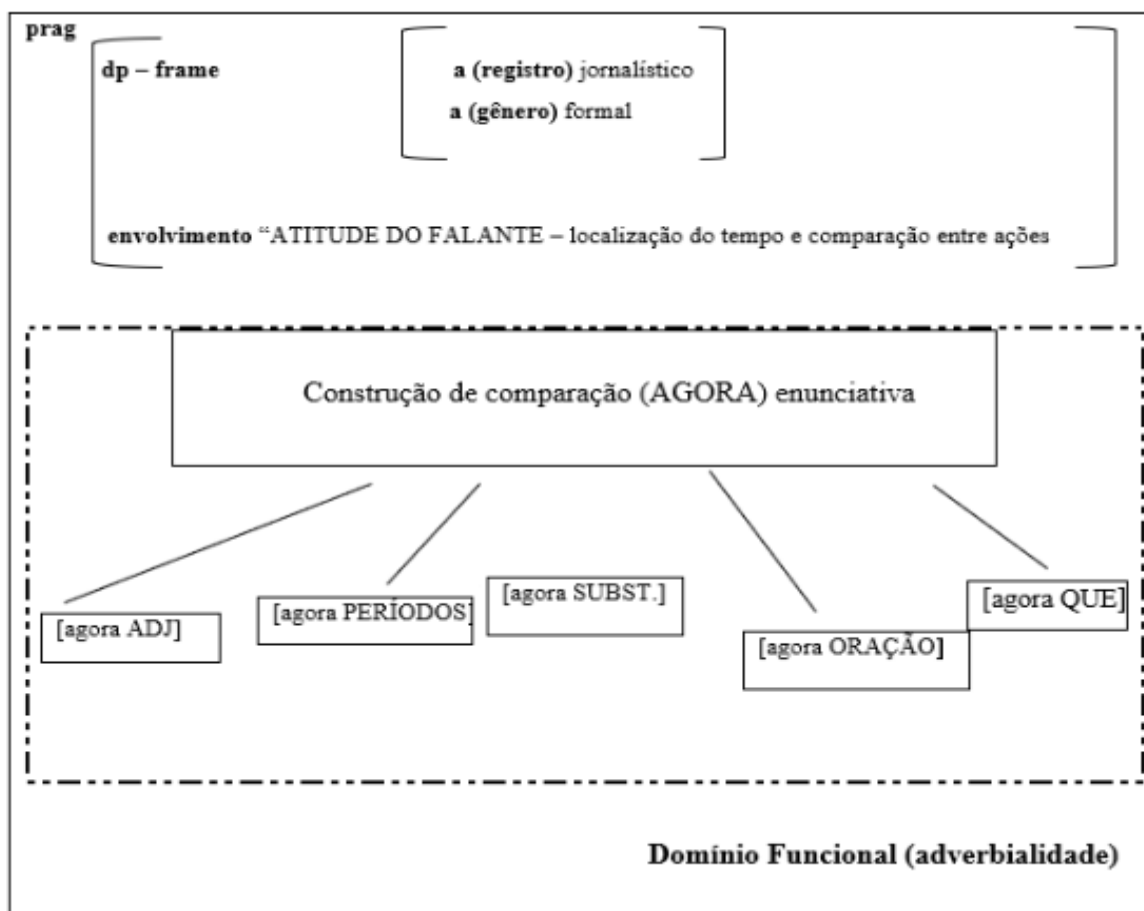


Figura 5 - Subesquemas construcionais (construção temporal enunciativa)

Na figura acima, temos a representação da construção [comparação AGORA enunciativa], que licencia cinco subesquemas construcionais: [*agora* ADJETIVO], [*agora*

SUBSTANTIVO], [*agora* PERÍODO(S)], [*agora* QUE], [*agora* (X) ORAÇÃO], que contêm apenas *slots* a serem preenchidos por vários elementos. Tais subesquemas estão representados pelo quadrado pontilhado e estão relacionados em nível hierárquico por semelhança, o que resulta na configuração como uma construção mais esquemática [comparação AGORA enunciativa]. Dessa forma, subesquemas diferentes permitem a leitura de comparação. Porém, diferentemente da primeira representação [construção circunstanciadora AGORA TEMPO], aqui o falante tem por objetivo localizar o tempo na comparação de ações. Por fim, a representação aponta para o domínio funcional mais amplo da adverbialidade.

É importante salientar que a adverbialidade, neste caso, não é igual a representada na primeira figura. Tomamos por base Garcia (2010, ps. 76 e 77). Aqui, Othon Garcia afirma que todos, exceto o *sujeito* e a *ação*, assumem uma forma gramatical de adjuntos adverbiais ou de oração adverbial.

Após oferecermos um panorama dos subesquemas construcionais, em que encontramos dois esquemas mais abstratos, passamos a análise dos fatores, com o objetivo de elucidar a metodologia que selecionamos para a apreciação.

Na sequência, nossa análise obedecerá ao seguinte ordenamento, primeiramente, apresentação da hipótese e explicação do fator controlado, e em segundo, a análise e interpretação dos resultados, conforme elucidados no capítulo de procedimentos metodológicos (p. 53).

Os cruzamentos dos fatores padrões construcionais com fatores como categoria gramatical e papéis semântico-pragmáticos nos ajudaram a chegar às conclusões sobre as redes apresentadas nesta seção. Ou seja, só pudemos chegar a estas conclusões depois da análise de todos os fatores e cruzamentos, mas optamos por apresentar logo as redes para enfatizar a visão construcionista aqui adotada.

## 4.2 Jornais

Verificamos os padrões construcionais empregados em cada jornal selecionado. Queremos saber se haveria padrões mais ou menos frequentes em cada jornal da época. A depender da linha editorial do jornal, alguns padrões construcionais poderiam não ser empregados. Temos a hipótese de que a escolha de certos padrões está relacionada com o fato de os jornais terem públicos diferentes e específicos.

CONSTRUÇÃO	Jornais									
	O Patriota		Gazeta da Tarde		Aurora Fluminense		O Tempo		Correio Braziliense	
[VERBO agora]	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
	11	28	7	38,8	19	45,2	23	41	60	48,7
[agora (x) VERBO]	16	42,1	7	18,4	15	35,7	17	30,3	36	29,2
[PREPOSIÇÃO agora]	8	21	2	11	4	9,5	13	23,2	12	9,7
[agora (x) ORAÇÃO]	-	-	-	-	1	2,3	-	-	9	7,31
[agora QUE]	1	2,63	1	5,5	2	4,7	2	3,57	2	1,6
[agora (x) ADJ.]	1	2,63	-	-	1	2,3	1	1,7	2	1,6
[agora (x) SUBST.]	1	2,63	-	-	-	-	-	-	1	0,8
[agora PERÍODO(S)]	-	-	1	50	-	-	-	-	1	0,8
TOTAL	38	100	18	100	42	100	56	100	122	100

Tabela 2 - Relação entre padrões construcionais e jornais do século XIX

O padrão [VERBO *agora*] apresentou o maior quantitativo de dados no jornal *Correio Braziliense* (48,7%); neste jornal, o padrão [*agora* (X) VERBO] também apresentou mais dados, ao contrário do periódico *Gazeta da Tarde* (18,4%), em que também se observa a menor recorrência do padrão [PREPOSIÇÃO *agora*]; o padrão [*agora* (X) ORAÇÃO] só foi possível nos jornais *Correio Braziliense* e *A Aurora Fluminense*; o padrão [*agora* QUE] foi encontrado em todos os jornais, porém, em dados menores; em seguida, o padrão [*agora* (X) ADJETIVO] só não apresentou dados no jornal *Gazeta da Tarde*, nos demais, ocorreu em poucas ocorrências (2,63%), (2,3%), (1,7%) e (1,6%). Tanto os padrões [*agora* (X) SUBSTANTIVO] quanto [*agora* PERÍODO (S)] ocorreram em apenas dois jornais cada.

### O Patriota

Este jornal foi o primeiro periódico literário, político e mercantilista, apresentou mais construções do tipo [*agora* (X) VERBO], em que o elemento *agora* antecede o verbo, em seguida, há mais ocorrências do tipo [VERBO *agora*] e, na terceira posição, encontramos a

construção [PREPOSIÇÃO *agora*], não há construção [*agora* (X) ORAÇÃO], há somente uma ocorrência dos tipos [*agora* (X) ADJETIVO] e [*agora* (X) SUBSTANTIVO] e apenas uma do tipo [*agora* QUE].

Esse resultado reforça nossa hipótese de dois esquemas abstratos, um mais prototípico, e outro mais adverbial. Conforme visto acima, o esquema abstrato mais prototípico abrange as construções em que há a manutenção de uso adverbial e, no esquema abstrato menos prototípico, as construções tendem a apresentar deslizamentos circunstanciais. Portanto, neste trabalho, estes resultados confirmam a ideia de gradualidade dos dois esquemas mais abstratos. Vejamos os exemplos.

#### [VERBO *agora*]:

(9) " (...) A Patria nunca entreteve a esperança de lançar os Francezes além do Tejo, ou do Douro. Não se tratava de defender o Tejo, mas o Tamisa. Fortificar nossas costas, e inundar o paiz, julgámos nós então como medidas militares para firmar a nossa segurança. Quão differente **he agora** a scena ! (..)"

#### [PREPOSIÇÃO *agora*]:

(10) " (..) X. A Nação, havendo de fixar os subsidios necessarios ao Estado, considerará do seu dever positivo fixar pela lista civil as sommas necessarias ao esplendor, independencia e manutenção do Seu Augusto Soberano e Real Familia, com a mais generosa extensão, que permittir o actual estado das finanças do Reino, em consequencia da qual disposição, a nação tomará sobre si o manejo e administração dos fundos nacionaes, incluidos todos aquelles, que **até agora** tem sido considerados como direitos fiscaes, e rendas de terras, que serão pagas ao Ministro da Fazenda, para os fins estabelecidos pelo Parlamento. (..)"

#### [*agora* (X) VERBO]

(11) " (..) Em Latim o nome do Rio de Janeiro adjectivado só se diz *Fluminensis*. Talvez poderia ficar o substantivo *Flumina*, ou *Flumia*, ou ainda *Fluma*, e em fim como os Portugueses sempre gostarão, e com razão, de passar o *u* dos Latinos para *o*, melhor ficaria o bello nome *Floma*. Assim como **agora** huns sabios **deverião preparar**, e dirigir o novo Mapa com suas ratificaçoens geograficas, ou huma Geografia Braziliense, o que tudo seria estimado, e os buscado; outros lhe deverião ter promptos os nomes, para se porem para sempre; e por conseguinte, que levam a marca de bom sens."

No exemplo (9), a construção [VERBO *agora*] é, categoricamente, identificada com uso adverbial, visto que faz referência a uma circunstância temporal. No exemplo seguinte, em (10), na construção [PREPOSIÇÃO *agora*], percebe-se a localização circunstancial de

tempo para o momento anterior ao da menção do fato, isto é, o subesquema refere-se ao período do discurso. Mesma situação percebida no dado (11), em que a construção [*agora* (X) ORAÇÃO] modifica a perífrase verbal e ainda remete ao momento da enunciação. Neste exemplo, o tipo de informação veiculado pela notícia demonstra o direcionamento do público-leitor: culto e conhecedor das ciências geográfica e linguística, Novamente, reiteramos a constatação de que estes dados comprovam o esquema da construção circunstancial adverbial.

### [*agora* (X) ADJETIVO]

(12) "Hos Rumes no dia de hoje são senhores de todos os portos, e luas, que há nas praias do Sino Arabico, chamado nestas partes Estreito d'Amem: quam damnosa e prejudicial nos seja esta vizinhança a meu ver há pouco que determinar, porque sómente com estarem quedos nos farão tanta guerra, e porão em tanto gasto, que nam será muito de nos porem em termos de leixar a terra, visto como se não pode representar falta e necessidade, que qua nam haja para as couzas de serviço d'El Rey, e bem da Republica, de modo, Senhor, que armar quatro fustas nam há possibilidade, pois para pagar soldos, ou mantimentos, já somos desenganados, pelo qual a gente anda como pasmada, e fora de si, e daqui a virem cahir em extrema desesperação ha muito pouco, ho que me faz muitas vezes conjecturar na grande força, e espantoza desprovidencia dos Portuguezes, os quaes em espaço de 40 annos poderão esgotar as riquezas innumeraveis da Índia, as quaes parecião sobrepujarem as forças dos humanos em muitos mundos, sem nos ficar, nam digo já em que nos possamos suster alguns annos, mas magoa e dor de tamanha desventura, o que certamente com muita razão devia de ser contado entre os sete milagres do mundo; este mal já **agora irremediável** a meu fraco juízo deva de nacer dos bons regimentos, e dos más officiaes que a esta terra vem (...)"

### [*agora* (X) SUBSTANTIVO]

(13) " As confusas, e mal seguras noções, que a nossa Corte havia acerca das terras e mares, que seguem da Bahia de Todos os Santos para o S. até a rio da *Prata*; o incrível ardor dos nossos grandes Reis no prosseguimento das novas descobertas, que tanto illustrarão o nome Portuguez, dilatando o vasto campo dos conhecimentos humanos; este espirito indagador, que passando do immortal D. Henrique, parecia fazer parte da rica herança dos nossos Reinantes; **agora** na Pessoa do Senhor D. João III. (...)"

### [*agora* QUE]

(14) "(...) Assim commerciavamos nos tempos, em que fomos senhores dos generos e manufacturas da Asia, assim que vinhão pelo Cabo da Boa Esperança; e tambem há cousa de meio seculo para cá, em quanto vinha muito ouro das Minas, e valião os generos da America; **mas agora que** vem cada vez menos, e os generos abaterão na estimação e valor, pelos que correm no commercio, produzidos em outras Colonias novas, necessariamente havemos de fazer hum commercio, como mostrarei na fórma seguinte."

No exemplo (12), a construção [*agora* ADJETIVO] exerce um emprego adverbial: modifica o adjetivo “irremediável” e o advérbio “mal”. Note que, mais uma vez, a correspondência temporal é equivalente ao momento da enunciação. Percebamos que, neste

periódico, o jornalista escreve em primeira pessoa e não como a instituição “jornal”. Ao fazer isso, nitidamente se percebem as impressões pessoais e os juízos de valor conferidos aos portugueses residentes na exploração da Índia. De igual modo notamos esta aplicação no exemplo (13) com um acréscimo sintático: há, claramente, a modificação do sintagma identificado como [SUBSTANTIVO] da construção, característica não atribuída aos advérbios. Acreditamos que estes deslizamentos sintáticos foram possíveis pela proposta editorial do veículo e pelo texto, de caráter informativo, utilizado. O padrão [*agora* QUE], nas amostras, é mais um exemplo que foge dos compêndios tradicionais de classificação adverbial. É uma relação que demonstra causalidade entre as estruturas oracionais, visto que a constituição argumental focaliza o fato de haver escassez na oferta de alimentos e, por isso, o escritor disserta favoravelmente à necessidade em se estabelecer relações comerciais. Note que o jornal se apresenta como “político, literário e mercantilista”, logo, as tratativas que cumprem a estreitar este cunho serão mais comedidas, formais e elitistas. Porém, fica claro, no exemplo, a comparação de ações temporais, o que reforça nossa análise do subsesquema.

### **Jornal Gazeta da Tarde**

O jornal *Gazeta da Tarde*, de faceta abolicionista, embora tivesse um viés progressista, conservou o uso mais canônico das construções, isto é, as poucas construções encontradas demonstram que houve predileção em se fazer uso adverbial. 50% das construções mais recorrentes (7 ocorrências) equivalem a construção [*agora* (X) VERBO], em que o uso só foi identificado como advérbio.

#### **[VERBO *agora*]**

(15) " Sob o título - Primeira victima do nosso serodio entusiasmo pelo rande épico - lê-se no *Diario Illustrado* de Lisboa: Já tínhamos os biscoutos, os lenços, as polkas e ate os bancos de três pés; **começaram agora**, infelizmente, os sem pés nem cabeça, ou os loucos a Camões. Com o competente officio do commensario d primeira divisão e o indispensável attestado dos Drs. Avellar e Firmo dos Santos, foi esta tarde conduzido para Rilhafoles .(.)"

#### **[PREPOSIÇÃO *agora*]**

(16) " No domingo, 11 do corrente, houve um assassinato em Itapecerica, São Paulo. Retirando-se para o seu sitio o cidadão Francisco Xavier de Salles, em companhia de seu filho Prudente e mais dois amigos,

encontraram-se com o seu afillhado e antigo protegido Custodio Vaz Soares, que vinha armado com uma espingarda de dois canos, a qual trocando algumas palavras com seu padrinho, disparou sobre elle um tiro, deixando-o mortalmente ferido, depois, ameaçando os companheiros do infeliz Salles, poude fugir, sem que **até agora** fosse preso."

### [*agora* (X) VERBO]

(17) " O Brazil tem a fabrica de ferro de Ipanema. Desta fabrica dizem-se maravilhas. Do seu ferro cousas nunca sonhadas. Ao Ipanema já foi o Imperador: já foram ministros presidentes de conselho, presidente de provincias, profissionaes, sabios, negociantes, jornalistas, toda a arca de Noé da civilisação. Pois bem quando o Brazil precisa de ferro, não vae ao Ipanema, manda que venha da Europa. Assim é que **agora mandou** pagar a somma de 3,7773 libras sterlinas pelo ferro encommendado a fabrica Le Creusot, em França. O Brazil? Um grande paiz!"

Na construção [VERBO *agora*] percebe-se o uso prototípico de advérbio: modifica o verbo e denota a circunstância de tempo marcada pela menção a um fato retirado do jornal *Diario Illustrado de Lisboa*. Neste caso, a construção é correspondente ao tempo correlato ao escritor/usuário e não ao do momento do evento. Na amostra seguinte (16), a construção [PREPOSIÇÃO *agora*] confirma, mais uma vez, a nossa proposta de rede construcional. O apontamento temporal está atrelado ao momento do discurso produzido e não corresponde ao período do fato mencionado. De igual modo, a construção [*agora* (X) VERBO] é empregada no exemplo (17). Na notícia, menciona-se uma fábrica de ferros que o país possuía em Ipanema. No entanto, o jornalista informa acerca das costumeiras encomendas que os mandatários brasileiros faziam à França, inclusive uma de vultosa soma. Para demarcar estes fatos mencionados ao tempo, o jornalista, com certa ironia, emprega a construção para exemplificar o tempo do discurso, como uma situação recorrente no Brasil. Neste exemplo de notícia, nota-se o posicionamento progressista da linha editorial da "Gazeta da Tarde" em que, após o recorte informativo, o jornalista instiga o leitor a elaborar a visão crítica que o jornal tem em relação aos governantes do país na época da publicação.

### [*agora* PERÍODO(S)]

(18) Exército e Policia - "O soldado Manoel Raymundo Rosa, da 7ª Companhia do 1º Batalhão de fuzileiros, e o qual, como os leitores sabem, travou luta no dia 7 do corrente mês, com um punhado de urbanos, continúa em estado grave. Pouco se dá por sua vida. Está em tratamento no Hospital Militar. **Agora**, pedimos licença para



perguntar? Abriu-se já o inquérito a respeito dessa luta? Sabemos que o commandante do 1º de fuzileiros, narrou por escripto ao Ministro da Guerra o acontecido, e remetteu-lhe o respectivo corpo de delicto."

A única construção com função de operador argumentativo corresponde, em seu contexto de uso, a um desempenho discursivo-pragmático da construção: há uma clara intenção de fomentar uma investigação e de alertar os leitores para este mesmo tema topicalizado, isto é, investigar o crime é tão importante quanto informar o fato. No exemplo, a construção de valor argumental reflete a postura questionadora do jornal ante a instituição militar brasileira. Aqui, mais uma vez, o exemplo confirma o esquema prototípico da construção gramatical e/ou lexical.

### [*agora* QUE]

(19) "(..) Pela delicadeza do assumpto, é de crer que tenha o ministério posto sob o segredo o negocio e em segredo também as instrucções que deve já ter enviado aquelle seu dellegado nas bandas do Prata. Mas **agora que** já está tudo divulgado é necessario e de alta prudencia que as publique, pois que não pôdem ser senão muito patrioticas, visto que á ninguem é dado pôr em duvida o *chauvinismo brasileiro* dos honrados conselheiros actuaes do Imperador, defensor do Brazil, tanto mais, quanto se acha á testa da governação o Sr. Saraiva, o ardente e resolutio misnistro da missão diplomática de 1864."

Neste exemplo, a construção [*agora* QUE], de valor conectivo de causalidade, é apresentada com o acréscimo da conjunção *mas*. Nesta microconstrução gerada, o *slot*, parcialmente preenchido pela conjunção adversativa, ainda mantém a relação lógica de causalidade e exprime os motivos opostos pelos quais a decisão de se publicar o assunto, considerado delicado, deve ser mantida. Esse encadeamento de raciocínio lógico foi possível porque a construção, notadamente empregada como uma conjunção, integrou as porções textuais de modo comparativo entre estas partes, de modo a confirmar a proposta de rede construcional temporal enunciativa.

### **Aurora Fluminense**

Neste periódico, tanto as construções [VERBO *agora*] e [*agora* (X) VERBO] têm expressivas presenças, seguida da construção [PREPOSIÇÃO *agora*]. Este quantitativo

mostra a inclinação em se utilizar construções mais prototípicas (advérbios). De todas as construções com *agora*, há apenas duas amostras que denotam causalidade.

### [VERBO *agora*]

(20) " Está funcionando no theatro Circo, á Rua do Lavradio, uma companhia de zarzuela, que reúne elementos para agradar e que infeliz com a peça que estréou, **começa agora** a conquistar o favor publico(..)"

### [PREPOSIÇÃO *agora*]

(21) "(..) - Os Emigrados Portuguezes, desde que vierão até hoje, tem sido sustentados com o producto das *quatro loterias*, que S.M.I. lhes concedeu, e com as sommas, adiantadas á conta pelo Thesoureiro e Escrivão dellas? He o que dezejamos saber do *Brasileiro Imparcial*, tão disvelado em ensinar os ignorantes. quanto ás transacções da Caixa de Londres, e pagamento do emprestimo Portuguez ao Marquez de Palmela, *com o que o Brasil nada tem*, segundo a opinião do Imparcial, nós admiramos a clareza e evidencia, em que elle poz hum negocio **até agora** tão complicado, e obscuro. (..)"

### [*agora* (X) VERBO]

(22) "(..) O Commandante das armas e seu filho entrarão na contenda como para apasigual-la, bem como o Sr. Major João de Deos, que puchou pela espada, diz o Constitucional Rio Grandense, *que não sabe para que*. Deu lugar a este escandalo huma antiga rixa entre membros influentes das duas irmandades: e **agora** a questão **versava** sobre a recusa que fazião os irmãos do SS. Sacramento de receberem nas suas alas o andor da Senhora, que por algum tempo esteve vacillante, e proximo a cahir por culpa de imprudentes, e falsos devotos, que tão mal zelão o decoro, e a decencia do culto. (..)"

Os padrões [VERBO *agora*], [PREPOSIÇÃO *agora*] e [*agora* (X) VERBO] correspondem, nos exemplos, ao uso adverbial da construção, emprego mais recorrente no jornal de face informativa e de linguagem mais comedida. As construções obedecem, assim, ao esquema abstrato prototípico destas construções. Em (20) há a modificação verbal empregada na notícia sobre uma peça teatral criada para entreter os habitantes da capital brasileira de então. Em (21), a construção [PREPOSIÇÃO *agora*] denota a circunstância temporal de um pagamento que o Brasil fora obrigado a fazer e que, pelo emprego do subesquema, percebe-se que fora considerado, pela informação exibida, “complicado” e “obscuro”, o qual revela o direcionamento liberalista de “Aurora Fluminense”. No exemplo seguinte, a construção [*agora* (X) VERBO], possui o papel de atribuir papel circunstanciador do verbo “versar” e denota uma circunstância temporal. Em todos estes exemplos, o tempo não é correspondente ao *nunc 'hora* latino, mas sim ao tempo discursivo do usuário da língua.

### [*agora* (X) ORAÇÃO]

(23) " (...) A Lei *não podia prevêr* todas as cousas, tanto peor as d'esta natureza; e sendo certo que onde não há Lei prevalece a pratica, e esta seja não usarem os Brasileiros até hoje do predito instrumento, parece que o Supplicante não deve ser o singular, tanto mais arrojando-se a vestir hum negro captivo com trajes militares que por isso bem digno he de reprehensão, se não de maior castigo. Consta-me que já em outra occasião pertendêra elle usar do mencionado instrumento, e que se lhe não consentira; **agora**, porem, que tambem *entra na roda de certos capiões* d'esta terra (que desgraça !!) influido por elles e talvez muito de proposito, repetio a sua tentativa com maior arrojamento..."

Os dados mostram que essa construção denota a função conectiva de estruturas opostas. Nessa ocorrência, o *slot* teve o acréscimo de uma conjunção adversativa, fator que fortalece ainda mais a relação de contraste entre as estruturas da sentença. Neste contexto de uso, há a disposição argumental em face dos preceitos da lei e de suas práticas: surge a menção situacional de um escravo que tentou usar vestes militares, algo não permitido na época e que fora repreendido. A construção [*agora* (X) ORAÇÃO] inicia a sentença em que se menciona a consumação do fato e isso demonstra a oposição entre as sentenças. Sendo assim, os dados confirmam o esquema abstrato menos prototípico no exemplo coletado.

### [*agora* (X) ADJETIVO]

(24) " Estendo a indagação: *Parturiunt montes!* Que ridicularia, e tanta azafama! Huma cabeça perdida e tanta levandade! O juiz de paz Supplente de Nova Friburgo requisitou a força armada e ella veio subindo. Até aqui parece cumprir-se a Lei: notarei porem certa anomalia. Que assim fosse promptamente obedecido o officio do Juiz de paz pelo commandante local, he expresso, he louvavel; o Juiz de paz he quem responde pelo abuso. (...) Donde tal aceleração? Do governo? Não: muitos tempos ha que se tinha feito ver ao defunto ministerio que em rais do termo de Cantagallo, lá para S. José do Rio Preto, ha huma companhia de ladrões, postada áquem e além do Paraíba, os quaes estão alliviando a Cidade da escravatura e passando-a a vender em Minas, e tem assim passado centos de escravos, e o povo illudido na guarda da sua propriedade, na defeza da sua segurança; cazas tem sido violadas, e os ministros dormem, e hum officio não se terá feito para Minas, para de lá e de cá se dar caça aos ladrões; **agora tão expertos!**"

Neste exemplo, o tom crítico do jornal aos representantes jurídicos da época é constatado nesta notícia. O posicionamento ideológico do jornal é demonstrado pela observação contida na notícia: a presença de militares requisitada pelo juiz de Nova Friburgo almejava reestabelecer a paz perdida na capital devido à atuação de ladrões. No entanto, a pretensa calma não foi percebida em Minas porque houve a migração de bandidos para aquela região. A construção [*agora* (X) ADJETIVO] atribuiu ao jornalista o

descontentamento expresso pela informação; o esquema, inclusive, é típico de uso adverbial: modificador de um adjetivo.

### [*agora* QUE]

(25) "Noventa contos de reis de mais ou de menos não são objecto para desprezar: não he o Brasil tão rico! **Agora que** se entra em lide judicial sobre a arbitraria commissão dos 48U pezos, que o Sr. José Silvestre Rebello julgou dever tirar pelo trabalho de dirigir a construção das Fragatas - Izabel, e Principe Imperial - fabricadas nos Estados Unidos, durante a sua missão diplomática naquelle paiz, convém apresentar ao publico alguma cousa que o esclareça sobre este importante negocio(..)"

A construção [*agora* QUE] denota a relação causal sobre o empenho judicial na relação comercial de fabricação e venda de fragatas e a consequência exposta na sentença B: apresentar ao público o negócio tratado entre os países. Novamente, a informação veiculada no gênero *notícia* corresponde ao posicionamento ideológico do jornal: contrário às instituições absolutista da época e, por conseguinte, às decisões tomadas pelas entidades. Neste jornal, encontramos, então, dois exemplares dos esquemas prototípicos mais gramaticais, respectivamente.

### O Tempo

O periódico identifica-se como político e literário e tem nas construções [VERBO *agora* ], [PREPOSIÇÃO *agora*] e [*agora* (X) VERBO] a maior parte de suas ocorrências, formas que são mais conservadoras, no entanto, apresenta duas construções de causalidade.

### [VERBO *agora*]

(26) "Resta-nos ver **agora** se pensamos da mesma sorte acerca dos casos em que esses Cidadãos perdem os seus direitos."

### [PREPOSIÇÃO *agora*]

(27) "Pondo porem, **por agora**, de parte esse importante estabelecimento Typographico Nacional, observaremos que compreendendo o Diario do Rio de Janeiro tudo o que pela imprensa se publica até hoje de mais notavel no

commercio, (...) aos interesses domesticos dos habitantes da Capital do Imperio, abrange tão bem huma não pequena parte de Política, e até, será talvez, entre todos os jornaes que disso se occupão o que melhor satisfaça aos cariosos, ou professaes dessa parte da Sociedade Administrativa. (..)"

### [*agora* (X) VERBO]

(28) "Existem porem muitos cidadãos, que a isso terão direito, e não será perigoso conceder arbitrios em operaçoens de credito, quando se confie no cidadão que he encarregado de as executar. Tal confiança ´da força a huma Adminstração, força que não lhe podem dar, leis excepcionaes; e essa confiança está tanto no circulo de nossas instituçoens, que não ha Governo algum Representativo em que não sejam familiares esses arbitrios, ainda quando quisessemos negar os exemplos de nossa propria casa, ou asseverar que tinham elles sido constantemente honestos. **Agora direi** poucas palavras acerca do meio proposto para haver a quantia pedida. Vós podereis attender ás esprosoens de que me servi na proposição desse meio, mas permiti-me que eu ainda o reclame como o mais compativel com as garantias sociaes. Sem duvida a vossa prespicacia poderá sugerir outros muitos que a par deste offereção maiores vantagens na execução.(..)"

As construções [VERBO *agora*], [PREPOSIÇÃO *agora*] e [*agora* (X) VERBO] foram empregadas de modo adverbial nas proposições argumentais. Em (26) percebe-se a modificação verbal e o posicionamento editorial do jornal ao utilizar esta construção para instigar, nos leitores, os questionamentos acerca da perda de direitos. Em (27), da mesma forma, a construção [PREPOSIÇÃO *agora*] denota o uso circunstancial das tratativas realizadas pelo Diário do Rio de Janeiro e que favoreciam os habitantes da então capital brasileira. Porém, o exemplo (28) apresenta um acréscimo em seu uso: abre um tópico na estrutura argumental apresentada e expande a função da construção para o âmbito discursivo. Tem-se, portanto, o esquema abstrato das construções enunciativas.

### [*agora* QUE]

(29) "Na realidade, dias amargos, cremos, que passará o gabinete de 2 de fevereiro: uma camara hostil, e uma praça que se não aventurava a tractar com elle pelo considerar a cada passo morto, erão por sem duvida difficuldades para fazer acorbardar! A imprensa opposicionista repellia toda idéa de conciliação: - nós, ou vós - nos bradava ella. se porém o ministério em seu começo apresentava a conciliação como sua politica, se procurou tornar muitissimo significativa essa politica pelo acto da amnistia; se a queria então, que acabarão apenas algumas provincias do imperio de sahir de conflictos que tinham posto em fermentação todos os odios populares, e que muitos brasileiros se olhvão como os mais encarniçados inimigos, se a queria então, que existia sob a influencia da guerra civil; agora que o tempo tem já obliterado as manchas de tanto sangue derramado, **agora que** a viagem do Imperador desvaneece tantos odios, e espalhou tantos beneficios nessas mesmas provincias, que finalmente se acha extincta essa guerra de quasi dez anos (..)"

Os usos destas construções exprimem a motivação argumental: houve tantas guerras e derramamento de sangue que foi declarada extinta. Nesse contexto de uso, as proposições de causalidade foram dispostas de modo a empenhar mais peso argumentativo na sentença de causa em detrimento da consequência.

## Correio Braziliense ou Armazém Literário

Este foi o primeiro jornal a circular no Brasil, era explicitamente um defensor das ideias liberais e abolicionistas. Possuía a tendência de tecer críticas à Coroa de forma enfática. Neste periódico, há uma massiva quantidade de construções [VERBO *agora*] e [*agora* (X) VERBO], em que figure um item verbal na construção e uma quantidade significativa da construção [*agora* (X) ORAÇÃO], justamente a que expressa oposições de ideias.

### [VERBO *agora*]

(30) "(..) Já em outro tempo disse aquelle Spartiata; *Regiam potestaten circumscribere non est dissolvere, sed conservare*. As constantes perturbaçoens dos Governos do Oriente saõ, e devem ser, uma constante lição, para os amigos de um demasiado poder. As vantagens porém, que o Povo do Brazil pode, e tem direito de esperar, de ter la o seu Governo, serñam nullas, ou ao menos summamente diminutas, se o Soberano **emprehendesse agora** tomar posse á força d'armas, de todo o Territorio Americano, aque tem direito por parte da Princeza sua Mulher."

### [PREPOSIÇÃO *agora*]

(31) " A gazeta da Corte de hoje contem o seguinte artigo de Turquia. " O armistiscio entre a Russia, e a Porta ainda continña. Com tudo tem-se já dado ordens a todos os Governadores das Fronteiras para que sêjam activos nas suas preparaçoens. Todos os lugares fortificados ao longo das costas dos mares Egeo, Jonio, e Adriatico, devem ser reparados. O Quartel-General do Gran Vizir será mudado de Adrianopole para Sophia, porém o Estandarte de Mahomet ficará **por agora** em Adrianopole. Tem passado o Helesponto numerosos corpos de tropas vindos de Natolia. O Governador de Salonichi, Chosrew, Mahmed Pacha, e o bem conhecido Avan de Seres, Ismael Bey, recebêram ordens peremptorias para se apromptar, e marchar; presume-se que iraõ primeiro contra os Levantados da Servia, que **até agora** naõ tem admitido as propostas de ajustes, que lhes fez a sublime Porta."

### [*agora* (X) VERBO]

(32) " D. Lourenço de Lima; que fôra Ministro da Corte de Portugal em Viena, em Londres, e ultimamente em Paris; diz-se que ficára em Bayona com o Imperador, para o aconselhar no que diz respeito a Portugal, (...). Mas voltando a D. Lourenço naõ posso deixar de dizer que talvez admirará, naõ a mim, mas a quem naõ o conhece, que um homem sempre empregado no serviço do Governo Portuguez, pertencente a uma das familias de Portugal que mais se incham com suas nobrezas e fidalguias, e que pessoalmente recebeu muitos favores da Corte de Portugal (...). Quando em 1806 os Francezes tentáram de invadir Portugal, o que certamente farñam se a guerra do Norte naõ obrigasse a Buonaparte a abandonar por entaõ o seu plano; mandava D. Lourenço certificar á Corte de Portugal, que naõ havia para que temer a invasaõ, que os Franceses lá naõ ãam: isto contra o que toda a Europa sabña; e ao ponto de crear friezas e desgostos entre as Cortes de Lisboa e Londres; **agora continuou** em dar os mesmos falso avizos, até que os Francezes chegáram a entrar Portugal, e assolar o Reyno, entaõ volta elle para lado do Oppressor de sua Patria, para ter a honra de ser seu Conselheiro."

As amostras [VERBO *agora*], [PREPOSIÇÃO *agora*] e [*agora* (X) VERBO] denotam o emprego adverbial através da relação com os itens lexicais presentes na sentença: verbo e preposição. A construção [VERBO *agora*] fora empregada para ilustrar o posicionamento do jornal, o qual afirmava serem nulas as chances do Brasil em desavenças políticas se o monarca da época decidisse intervir militarmente. No dado seguinte (31), as microconstruções geradas pelo esquema [PREPOSIÇÃO *agora*] colaboraram para localizar os leitores no evento temporal das informações trazidas, de cunho bélico, pelo *Correio Braziliense*. Em (32), a construção serviu para situar os leitores acerca da espionagem política, na visão do jornal, de D. Lourenço de Lima. Neste relato, o jornalista enfatizara os benefícios deste Ministro ao participar da corte portuguesa e, ainda assim, beneficiava a nação comandada por Buonaparte.

A presença destas construções conferiu o caráter temporal mais recente ao evento da enunciação e as construções do tipo [PREPOSIÇÃO *agora*] modificaram o verbo relacionado com a sentença e, dessa forma, afere o esquema abstrato circunstancial.

### [*agora* (X) ORAÇÃO]

(33) "(..) Depois disto, quem se atreverá a duvidar da sabia policia do Principe Regente de Portugal, em mudar a sua Côrte para o Brazil? **Até agora** podia imputar-se á ignorancia, ou estupidez, os esforços que algumas pessoas tem feito, (entre outros a população de Madrid) de acusar de indiscreta a viagem do Principe; **mas agora** se algum persiste em sustentar tal opiniaõ, deve ser somente por obstinaçaõ ou perversidade."

Nesta construção há uma variação de item presente no *slot*: a presença da conjunção *mas* reforça o caráter opositivo da estrutura argumental e se aloca no esquema abstrato mais gramatical da rede construcional enunciativa. Neste relato, o jornalista tece elogios ao príncipe regente por ter se deslocado ao Brasil e oferece um panorama desenhado pelo evento: muitos discordaram dessa atitude e a construção [*agora* (X) ORAÇÃO], através do acréscimo da conjunção adversativa, servira para enfatizar a atitude do monarca.

### [*agora* (X) ADJETIVO]

(34) " Começamos, neste N.º, a série dos documentos, que acompanharam a mensagem do Presidente, com a integra do tractado, que El Rey de Hespanha não quis ratificar. Estes papeis, posto que de data antiga, contém factos da maior importancia, na historia Americana; e por tanto serão cuidadosamente inseridos nesta collecçaõ.

Entre os documentos ultimamente apresentados ao Congresso, vem as contas das rendas e despezas dos Estados Unidos, materia de grande importancia sempre, e **agora** ainda mais interessante, por dar a saber o estado comparativo das rendas publicas desde 1815."

### [*agora* (X) SUBSTANTIVO]

(35) " Havendo dicto no nosso N°. Passado, que a successão da corôa de França, depois do irmão e sobrinho do actual Rey, passa a Fernando VII, **agora** Rey de Hespanha; julgamos proprio dar aqui o seguinte extracto de uma gazeta Franceza (..) sobre o mesmo assumpto."

### [*agora* QUE]

(36) "(...) Alem disso rogo a V.E. queira lembrar-se de que ha mais de um mez, desde que occupei Andujar; que este paiz tem sido saqueado por salteadores, e que não podemos tirar daqui senão escassos meios de subsistencia. As tropas não teriam ja mantimentos, se os soldados se não empregassem diariamente em colher trigo, e fazer o seu pão: mas agora que estão constantemente em armas na he possivel usar destes meios. "

As construções [*agora* (X) ADJETIVO] e [*agora* (X) SUBSTANTIVO] correspondem, nos dados, aos empregos unicamente adverbiais. A construção [*agora* QUE] apresenta a presença da conjunção **mas** no *slot*, além de conferir traços de contrastividade, reforça o emprego conector da construção, já que sua função é correlacionar estruturas oracionais, inserindo-se, nessa forma, no esquema abstrato de caráter das construções comparativas.

## 4.2. Categoria gramatical

Analizamos cada dado, observando a categoria gramatical do padrão construcional. Nossa hipótese é que cada padrão deve exercer preferencialmente um papel gramatical na língua.

Classificamos os dados segundos as funções exercidas pelos padrões construcionais, a saber:

**Advérbio:** quando o padrão exerce uma função adverbial temporal na oração. Exemplo:



(37) " - Portaria, ao Juiz da Alfandega, para que informe com urgencia sobre a pratica **até agora** seguida na conducção de generos, ou mercadorias de huns para outros lugares dentro do Porto; e o modo de se providenciar convenientemente á fim de se tomar huma medida geral á similhante respeito."

*O Tempo*

**Conjunção Adversativa:** quando a construção com *agora* se relaciona com as porções textuais – frases, orações ou os parágrafos. Neste caso, não há valor adverbial e sim constatação de contraste entre porções do texto.

(38) "(...) Quem nisso teria muito a perder seria a Corte do Rio-de-Janeiro, se tivesse de ir tomar por força, e com immensas despesas, essas colonias perdidas, que devíam servir de compensação ao Infante D. Sebastião. Se porém o mesmo povo de Buenos–Ayres deseja esse arrançamento, como meio de firmar a sua independencia, e pôr fim á guerra; então dizemos, que se tal proposição fizesse a Côte do Rio-de-Janeiro, não só era mui justa, mas até a julgamos liberal para com a Hespanha; porque em fim nisto se não propõem outra cousa senão, que as colonias de La Plata, que a corôa de Hespanha tem ja perdido, se dem a um Infante dessa mesma Hespanha, como he D. Sebastião, como indemnização do que se deve. **Agora** se os de Buenos-Ayres convem nisso ou não, he outra questão á parte; e que merece toda a contemplação do Gabinete do Brazil, posto que, pelo fica dicto, seja indifferente á Hespanha."

*Correio Braziliense*

**Conjunção Causal:** quando a construção com *agora* relaciona duas orações, sendo o evento de uma a causa do evento da outra:

(39) "Quando me resolvi a procurar o procurar de Fiscal da Freguezia do Sacramento, tive em vista a Lei, e a praxe seguida pelas outras Camaras do Imperio, em que se tem guardado aos Fiscaes a consideração que parece ser devida ás funcções importantes, que tem de exercer, e confiado em que a Lei seria aqui observada, não duvidei aceitar hum cargo, em que podia talvez ser util, e servir aos meus cidadãos; porém **agora que** a Camara Municipal, segundo à sua última resolução, parece ter formado acerca dos Fiscaes huma idéa diversa da que fixão a lei, o Regimento interno, e os exemplos, não me póde convir continuar em funcções, que se tornarão incompativeis com a Lei, e com as minhas forças.(..)"

*A Aurora Fluminense*

**Operador Argumentativo:** ao exercer esta função, o padrão gramatical relaciona-se com o texto de modo a estabelecer a progressão textual, através da abertura de tópico, encaminhamento de assunto ou introdução de novo assunto.

(40) " (..) Eu desejaria que fosse approvedo este regulamento: se o nobre deputado quer me ajudar, proponha, que eu muito me lisongeari em que se pratique na marinha. Este castigo é necessário no exercito. A multiplicidade dos processos faz com que estes desgraçados soffrão muito, ou, antes, faz com que sejam perdoados, mesmo antes de processados com tem acontecido, porque muitas circunstancias concorrem para que se prolonguem consideravelmente taes processo. **Fallarei agora** sobre os passaportes, seguindo a ordem dos apontamentos que tenho. Com effeito, Sr. Presidente, estabeleceu-se aqui uma barca de reboque de navios para os levar á barca e trazer para dentro. A secretaria reclamou seu direito, que era do passaporte; é a repartição da marinha quem fiscalisa acerca dos navios que entrão e sahem.(..)"

Nossa hipótese é a de que cada padrão tenha uma função gramatical prototípica, podendo exercer mais de uma função. Os padrões que exercem a função adverbial seriam mais antigos, serviram de base para a formação das demais construções. Há links formais e semânticos entre elas.

A tabela a seguir apresenta os resultados da relação entre padrões construcionais e funções gramaticais.

Padrão de Construção	CATEGORIA								TOTAL	
	Advérbio		Conjunção Adversativa		Operador Argumentativo		Conjunção Causal			
[VERBO agora]	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
[VERBO agora]	106	88,3	-	-	14	11,6	-	-	120	-
[agora (X) VERBO]	84	93,3	-	-	7	7,6	-	-	91	-
[PREPOSIÇÃO agora]	38	100	-	-	-	-	-	-	38	-
[agora (X) ORAÇÃO]	-	-	9	90	1	10	-	-	10	-
[agora QUE]	-	-	-	-	-	-	8	100	8	100%
[agora (X) ADJ.]	5	100	-	-	-	-	-	-	5	-
[agora (X) SUBST.]	2	100	-	-	-	-	-	-	2	-
[agora PERÍODO (S)]	-	-	1	50	1	50	-	-	2	-

Tabela 3 – Padrões construcionais e funções categoriais

A construção [VERBO *agora*], por exemplo, apresenta maior frequência como **advérbio** em detrimento da possibilidade funcional de **operador argumentativo**. Observa-se que a construção [PREPOSIÇÃO *agora*] só é possível sendo advérbio. A construção [*agora* (X) VERBO] ocorre em maior número como **advérbio** e em menor número como **operador argumentativo**. A construção [*agora* (X) ORAÇÃO] é possível tanto como **conjunção** quanto como **operador**, ainda que em quantidade menor. A construção [*agora* (X) ADJETIVO], pouco frequente, só apresenta uso adverbial. Da mesma forma acontece com a construção [*agora* (X) SUBSTANTIVO]. A construção [*agora* PERÍODO(S)], apesar de ser em pouca quantidade, só foi possível nas funções de **conjunção** e **operador** e, por fim, o padrão [*agora* QUE] só é possível como **conjunção causal** nas amostras encontradas. Esses dados legitimam a hipótese inicial deste trabalho de que formas diferentes de padrões construcionais devem ter comportamento sintático e discursivo diferente e pertencem, portanto, aos esquemas abstratos circunstanciais (no caso das construções cujos usos sejam gramaticais) e esquema de comparação enunciativa.

Seguem, abaixo, alguns exemplos:

[ Verbo (X) *agora* ] :

Categoria - Advérbio

(40) " **Desfructe agora** tambem a inculta America igual fortuna, e quando nos Seculos vindouros muitos Principes, e grandes Potentados disputarem á porfia a honra de Netos e Descendentes do primeiro Monarcha, que conduzido nos braços da inexoravel Providencia, veio felicitar o grande Paiz, que habitamos, reconheção: Que a gloria dos Conquistadores recebe dos estragos, que a acompanha, não pequenas sombras; (..)"

Jornal *O Patriota*

No exemplo acima, a construção, de forma clara, pertence à categoria advérbio, uma vez que o verbo *desfructe* é modificado pelo elemento *agora* e faz alusão ao tempo do enunciado utilizado no texto.

## Categoria/Função: Operador Argumentativo

(41) " Acreditação alguns ( e entre estes, homens a quem se não póde recusar boa-fé, e sinceras intenções) que melhor meio de se augmentar a população do Brasil e portanto a sua prosperidade, he a importação de colonos Europeos, e que neste caso, todos os sacrificios são poucos, tendo por alvo obter-se tão excellent resultado. Não se lembrão do grande princípio de Economia política - que a industria he mão fecunda de homens -, e que toda a arte de fazer crescer com rapido progresso a população de hum paiz, que offerece recursos naturaes, he proteger o desenvolvimento desses mesmos recursos e desviar tudo quanto lhe póde servir de impedimento. Eis o que se tem feito na America Unida, e o segredo da sua prosperidade não he outro. He certo que alli o paiz tem estado franco á emigração Europea; que se não attende para o que o estrangeiro praticou no Estado d'onde veio, não se olha ás razões políticas, ou quaesquer outras que o moverão a deixar a patria: fortes em suas instituições, na boa execução das leis, nos exemplos que dá toda a existencia de hum povo occupado, e trabalhador; elles não receião muito o contagio proveniente de individuos, que se perdem na massa da população americana, e que pela maior parte se corrigem de seus vicios, acomodando-se ao quadro que já está formado, e de que nada os convida a sahir. Assim não se póde, sem injustiça, dar aos Estados Unidos o nome de - *quilombo de todos os ladrões do mundo*; e antes lhe seria mais proprio o de - *caza de correcção*, e de *refugio commum*. Nós **perguntaremos agora** se as circunstancias do Brasil são por esta face iguaes ás dos Estados-Unidos; se temos as mesmas proporções para contarmos com identico resultado de toda a especie de emigração Europea, que venha para a nossa terra? (..)"

Jornal A Aurora Fluminense

Já nesse exemplo, o mesmo padrão de construção exerce o emprego de operador argumentativo, pois organiza as informações do texto, adiciona um fato novo ao relato e chama a atenção para o novo tópico acrescentado.

### [PREPOSIÇÃO *agora*]:

## Categoria: Advérbio:

(42) " Concordão similhantemente em estabelecer que os direitos chamados *Angarici* (privilegios e isenções de alcavalas) serão abolidos, logo que a commuidade em geral, ou individual, sujeita a elles, indemaisar os actuaes proprietarios; calculando o capital, ou no embolço de vinte annos do producto da taxa existente no periodo da liquidação; ou em falta disto, avaliando-o pelos livros das respectivas freguezias; bem entendido que os possuidores de terras de qualquer natureza, conservarão o mesmo poder e os mesmos direitos como dantes, em quanto respeita á cobrança de dividas, ou rendas, e isto da mesma maneira e fórma, com que **até agora** os tem gozado. (..)"

Jornal O Patriota

Nesse exemplo, a micro-construção [até agora] está relacionada ao tempo da enunciação discursiva e ainda modifica o verbo, logo, é classificada como advérbio.

(43) " (...) IV. As relações do Commercio serão restabelecidas **desde agora**, e favorecidas reciprocamente: com tudo as duas Altas partes Contratantes procurarão meios de lhe dar maior extensão."

Jornal *O Patriota*

Essa micro-construção [desde agora] modifica a locução verbal “serão restabelecidas” e seu uso é compatível com um adverbial.

(44) "Assim mesmo não deixaremos de fazer nossas observações sobre os actos do Governo sempre que podermos: algum dia a attenção aos negocios verdadeiramente publicos ajuisará do nosso trabalho. Occuparnos-hemos **por agora** com as instrucções dadas pelo Governo para execução do Codigo do processo, mandadas observar por Decreto de 13 de Desembro ultimo."

Jornal *O Tempo*

Esses dados apresentam trechos nos quais podemos afirmar, de modo assertivo, que essa construção apresenta três microconstruções em que a correlação sintática é condizente com o uso prototípico de advérbio. Por meio desse padrão [PREPOSIÇÃO *agora*] todas as ocorrências fizeram alusão ao espectro temporal.

**[agora (X) VERBO]:**

Categoria: Advérbio:

(45) " O governo francez tem-se occupado bastante com a instrucção publica. **Agora** o ministro da instrucção publica **nomeou** uma commissão encarregada de estudar as seguintes questões: decoração das escolas por meio de quadros, pinturas, mappas geographicos e desenhos; constituição de pequenas colleções artisticas. (...) "

Jornal *Gazeta da Tarde*

Categoria: Operador Argumentativo

(46) " Em hum P.S. do nosso numero antecedente corrigimos o equívoco que tivemos quando mencionamos no mesmo numero os artigos da Constituição, que se refferem ás emenda do Senado sobre o projeto de Reformas que passou na Camara Electiva. **Agora transcreveremos** os artigos a que se referem o mesmo P.S. Art. 49. As Senhoras do Senado começão e acabão ao mesmo tempo, que as da Camara dos Deputados. (...) " *Jornal O Tempo*

No exemplo (45), a construção [agora (X) VERBO] corresponde, de forma nítida, ao âmbito temporal da questão relatada, inclusive pelo fato de os itens exigidos (*agora* + verbo

**nomear**) remeterem ao tempo mais próximo do momento enunciativo. Por outro lado, na amostra (46) classificada como operador argumentativo, o tempo não é relacionado ao calendário e sim ao intento demarcado, principalmente, pelo tipo de verbo e a intenção demonstrada pela escrita: exercer alguma ação a partir do que foi proposto na construção.

### [agora (X) ORAÇÃO]:

Categoria: Conjunção Adversativa:

(47) "Os Francezes não destruíram o Governo papal, para darem aos Romanos um Governo livre e independente, antes fizeram de Roma, uma colônia da França: logo a ingerência daquelles estrangeiros, foi directamente prejudicial aos Romanos. Poderiam os Francezes, durante a sua dominação, manter melhor policia, supprimir os salteadores, abrir estradas, fazer aqueductos, &c. &c. Mas ninguém dirá que taes beneficos fossem equivalente compensação á perca da independencia nacional: reduzindo um povo livre a todos os inconvenientes de ser colonia. **Agóra**, quanto aos descuidos, ou culpas do Governo Papal, elles não derogam a nossa regra, merecem serem justificados: mas nisto voltamos outra vez á nossa proposição, que os povos devem cuidar de remediar por si mesmos os males de sua nação; isto mesmo he admitirmos, que póde haver, e de facto há males provenientes dos Governos ainda os mais legítimos, mas o que dizemos he, que, se, em taes circumstancias os povos esperarem taes remedios de alguma potencia estrangeira, esta trará mais males do que se esperam de bems. E aonde está a negativa desta proposição ao exemplo de Roma: e da Hollanda, que o Escriptor accrescenta?

*Jornal Correio Braziliense*

Categoria: Operador Argumentativo

(48) " Tendo assim exposto a minha opiniaõ sobre os procedimentos do Gen. Inglez, não he da minha intenção, que se entenda, que eu não desejo a cooperação dos Portuguezes com os Inglezes; pelo contrario; a uniaõ mais intima, entre estas duas nações, he essencialissima na presente crise, se não se unirem cordealmente, a causa commum padecerá infalivelmente; alem de que, os erros daquelle General não tem nada que fazer com o total da nação Ingleza, a qual tem desaprovado altamente o que este General fez em Portugal, e certamente em breve, o fará responder perante um Conselho de guerra. Mas **agora** voltemos os olhos para o que devíam os Representantes da nação Portuguesa haver feito em Londres, em ordem a remediar os males, que a convenção do Gen. Dalrymple tem occasionado; e de caminho direi, que havendo-me soado a pouca authoridade la do Porto, tinham deixado aos Deputados da Juncta Suprema, fallarei em geral da omisaõ de medidas, que se devíam haver tomado, que se julgar innocent, que se justifique, se he que pensa, que he cousa que valha a pena o cuidar na sua reputação."

*Jornal Correio Braziliense*

No exemplo (47), a construção [agora PERÍODO(S)] estabelece contraste em relação ao que fora dito na estrutura A: [“Os Francezes não destruíram o Governo papal (..) colonia.”]; a

partir desse padrão, ocorre a oposição e a distribuição dos fatores expostos na argumentação textual. Já em (48) há um “*chamamento de atenção*” por parte do escritor para a porção textual considerada mais importante e que merece protagonismo na escrita.

### [*agora* ADJETIVO]:

Categoria: Advérbio

(49) “*Sob Emendas ás Emendas da Commissão ao Projeto para melhoramento do Meio Circulante. O Art. 1º Seja substituido pelo seguinte. Art. 1º O Padrão Monetario do Imperio do Brasil he fixado na rasão de R\$ 300 rs. por oitava de ouro de 22 quilates: e em quanto não for determinada a inscripção, typo, e denominação das moédas, serão as Nacionaes actualmente existentes, e as Estrangeiras, recebidas nas Estações Publicas na rasão agora fixada.*”

Jornal *O Tempo*

Este padrão de construção modifica o item “fixar” na forma nominal de adjetivo, logo, é prototípico de uso adverbial.

### [*agora* SUBSTANTIVO]:

Categoria: Advérbio

(50) " Havendo dicto no nosso N°. Passado, que a successão da corôa de França, depois do irmão e sobrinho do actual Rey, passa a Fernando VII, **agora** Rey de Hespanha; julgamos proprio dar aqui o seguinte extracto de uma gazeta Franceza (..) sobre o mesmo assumpto."

Jornal *Correio Braziliense*

Essa construção é relacionada ao tempo da enunciação, o fato é considerado a partir do tempo equivalente ao que Fernando VII é o rei da Espanha.

### Construção [*agora* PERÍODO(S)]:

Conjunção Adversativa:

(51) "Por outra parte, o hypocrita, que jurar como boa, essa constituiaõ, que reprova em seu coração, terá em premio de seu perjuro o ser considerado com o Hespanhol honrado. Nestes termos, se o Governo Constitucional quer tyrannizar as opinioens sob pena de exterminio, e perdimento de honras e bens, diremos, que tira as suas lições da passada Inquisiaõ e dos mesmos Godoyanos. **Agóra**, quanto a obedecer á Constituiçaõ, e ás leys

existentes, isso he cousa mui diversa; porque não sómente os Hespanhoes, mas até os estrangeiros, que vivem na Hespanha, lhe devem prestar obediencia. (..)"

Correio Braziliense

Categoria: Operador Argumentativo

(52) Exército e Policia - "O soldado Manoel Raymundo Rosa, da 7ª Companhia do 1º Batalhão de fuzileiros, e o qual, como os leitores sabem, travou luta no dia 7 do corrente mês, com um punhado de urbanos, continúa em estado grave. Pouco se dá por sua vida. Está em tratamento no Hospital Militar. **Agora**, pedimos licença para perguntar? Abriu-se já o inquérito a respeito dessa luta? Sabemos que o commandante do 1º de fuzileiros, narrou por escripto ao Ministro da Guerra o acontecido, e remetteu-lhe o respectivo corpo de delicto. Convém medidas e serão "

Jornal Gazeta da Tarde

A relação opositiva entre as cláusulas constituída a partir da construção [*agora* PERÍODO(S)] é no tocante à afirmação de que o Governo Constitucional agia de forma tirânica e ditatorial para o povo, segundo o escritor. Note que a relação de contraste é assinalada com as assertivas de que mesmo não sendo um governo democrático, o povo deve-lhe obediência. Na amostra (52), de forma pragmática, o escritor direciona o foco do texto para além do evento narrado; há uma intencionalidade em se apurar os fatos e trazer justiça ao soldado agredido.

[*agora* QUE]

Categoria: Conjunção Causal:

(53) "(..) Pela delicadeza do assumpto, é de crer que tenha o ministério posto sob o segredo o negocio e em segredo também as instrucções que deve já ter enviado aquelle seu dellegado nas bandas do Prata. **Mas agora que** já está tudo divulgado é necessario e de alta prudencia que as publique, pois que não pódem ser senão muito patrioticas, visto que á ninguem é dado pôr em duvida o *chauvinismo brasileiro* dos honrados conselheiros actuaes do Imperador, defensor do Brazil, tanto mais, quanto se acha á testa da governação o Sr. Saraiva, o ardente e resolutio ministro da missão diplomática de 1864."

Jornal Gazeta da Tarde

Nos dados coletados, essa construção exerce apenas a relação causal em comparação com outras porções do texto ou sentença. No início do período há a menção para um assunto que foi, durante um tempo, mantido em segredo devido à natureza do tema. Porém, a construção [*agora* QUE] inicia o tópico dando o motivo de tal explanação “tudo já havia sido divulgado” e não havia motivos para manter tal assunto em oculto.



#### 4.4 Papéis semântico-pragmáticos dos padrões construcionais

Aqui serão consideradas as funções semântico-pragmáticas que os padrões construcionais exercem nos textos, a saber:

a) **Modificador:** quando a construção pode modificar o verbo;

Ex.:

(54) " He muito louvavel a offerta do Sr. Medeiros, mas não vemos probabilidade de que chegue a effeito aquella proposta, porquanto o Sr. Conselheiro José Fortunato, que tão generoso se mostrou no tempo da Independencia, quando offereceu para as urgencias do Estado as joias da sua familia, bem que circunstancias particulares lhe não permitissem realisar esse donativo, **agora parece estar** de outro acordo, e não mostra ( que saibamos) dezejo de prestar para o Hospital, a caza que possui em Paquetá, sem dúvida a mais propria, que alli existe, para o fim indicado."

*Jornal A Aurora Fluminense*

b) **Temporalidade:** ocorre quando a construção localiza o tempo do evento:

Ex.:

(55) "Fundação da Santa Casa da Misericórdia: " Dizem o provedor e irmãos da Misericórdia na cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, partes do Brazil, que há 60 annos que tem feito casa com seu hospital para enfermos, sacristia e palratorio, e é uma das boas da costa e alguma faz vantagem notavel como sempre ter sua irmandade, guardando o compromisso, fazendo muitas esmolas, casando orphãs e dando suas ordinarias todos os sabbados conforme a possibilidade da terra. E, porquanto, **até agora** não tem provisão para ser Misericórdia, pede a Vossa Magestade lhe mande passar provisão para que aquella casa possa gozar de todos os privilegios e graças, honras e liberdades que têm e gozam ás casas desta cidade de Lisbôa, as da Villa de Setubal e as mais deste reino."

*Jornal Gazeta da Tarde*

c) **Organizador Informacional:** a partir da construção com função organizadora, o foco discursivo é disposto a fim de conferir progressão textual. Pode-se, portanto, através deste uso acrescentar informações ou modificar o rumo do assunto.

Ex.:

(56) "Existem porem muitos cidadãos, que a isso terão direito, e não será perigoso conceder arbitrios em operaçoens de credito, quando se confie no cidadão que he encarregado de as executar. Tal confiança ´da força huma Adminstração, força que não lhe podem dar, leis excepçionaes; e essa confiança está tanto no circulo de nossas instituçoens, que não ha Governo algum Representativo em que não sejam familiares esses arbitrios, ainda quando quisessemos negar os exemplos de nossa propria casa, ou asseverar que tinham elles sido constantemente honestos. **Agora direi** poucas palavras acerca do meio proposto para haver a quantia pedida."

Vós podereis attender ás espressoens de que me servi na proposição desse meio, mas permiti-me que eu ainda o reclame como o mais compativel com as garantias sociaes. Sem duvida a vossa prespicacia poderá sugerir outros muitos que a par deste offereção maiores vantagens na execução(..)"

Jornal *O Tempo*

c) **Causalidade:** ocorre quando a construção desempenha junção causal;

Ex.:

(57) "Quando me resolvi a procurar o procurar de Fiscal da Freguezia do Sacramento, tive em vista a Lei, e a praxe seguida pelas outras Camaras do Imperio, em que se tem guardado aos Fiscaes a consideração que parece ser devida ás funcções importantes, que tem de exercer, e confiado em que a Lei seria aqui observada, não duvidei aceitar hum cargo, em que podia talvez ser util, e servir aos meus cidadãos; porém **agora que** a Camara Municipal, segundo à sua última resolução, parece ter formado acerca dos Fiscaes huma idéa diversa da que fixão a lei, o Regimento interno, e os exemplos, não me pôde convir continuar em funcções, que se tornarão incompativeis com a Lei, e com as minhas forças(..)"

Jornal *A Aurora Fluminense*

d) **Oposição:** ao articular orações, a construção estabelece junção de valor oposto, um valor adversativo.

Ex.:

(58) "(..) As cortes pelo artigo 131 pódem dar ordens ao exercito: **agóra**, como o exercito he uma parte essencial dos meio, que tem o poder executivo, para pôr as leys em vigor, ésta ingerencia do poder legislativo deve tender directamente para a subversaõ do poder executivo." Resposta: O Senhor Ca Costa levanta um falso testemunho á Constituição, a qual no dicto artigo só diz, 'IIª faculdade das Cortes; dar ordens aos dictos exercitos. (...)'"

Jornal *Correio Braziliense*

Nossa hipótese é que os padrões exercem papéis semântico-pragmáticos diferentes em termos de frequência. A análise desse fator também nos auxiliou a pensar nas redes apresentadas no início deste capítulo. As construções [VERBO *agora*], [*agora* (X) VERBO] e [PREPOSIÇÃO *agora*] apresentaram empregos adverbiais e os dados, em sua maioria, respeitaram os papéis semânticos atinentes à rede de construções circunstanciais. De igual modo, as demais construções, relacionadas à rede de construções enunciativas, apresentaram integração entre orações, uma vez que se relacionaram com as estruturas de porções comparativas.

Construção	Papel Semântico										Total	
	Causalidade		Oposição		Modificador		Temporalidade (circunstanciador)		Organizador Inf.		Nº	%
[VERBO agora]	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	120	100
[VERBO agora]	-	-	-	-	104	86,6	2	1,6	14	11,6		
[agora (X) VERBO]	-	-	-	-	75	82,41	11	12,1	5	5,4	91	100
[PREP agora]	-	-	-	-	36	94,7	2	5,26	-	-	38	100
[agora (X) ORAÇÃO]	8	80	1	10	-	-	-	-	1	10	10	100
[agora QUE]	8	100	-	-	-	-	-	-	-	-	8	100
[agora (X) ADJ]	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5	100
[agora (X) SUBS.]	-	-	-	-	-	-	2	100	-	-	2	100
[agora PERÍODO (S)]	-	-	1	50	-	-	-	-	1	50	2	100

Tabela 4 - Padrões construcionais e seus papéis semântico-pragmáticos

A construção [VERBO *agora*], na maior parte das vezes (86,6%) desempenha a função de modificador, além de contribuir para a progressão textual do texto (11,6%); o papel semântico de temporalidade foi encontrado em menor quantidade nos textos pesquisados. A construção [PREPOSIÇÃO *agora*] apresentou o emprego de modificador em mais amostras do que a de temporalidade. De igual modo, a construção [*agora* (X) VERBO] apresentou mais exemplos desempenhando usos de modificadores, seguida da utilização circunstancial e até mesmo funções relacionadas ao texto. Por outro lado, a construção [*agora* (X) ORAÇÃO] não apresentou funções adverbiais. Já a construção [*agora* (X) ADJETIVO] desempenhou a função modificadora em todos os dados encontrados. Os exemplos da construção [*agora* (X) SUBSTANTIVO] desempenharam a função de temporalidade. Em relação aos papéis semânticos de conector de cláusulas (incluem-se os empregos opositivos e de causalidade) e da organização do texto, a construção [*agora* PERÍODO(S)] apresentou ambas as possibilidades, ao passo que a construção [*agora* QUE] teve seus exemplares contabilizados como operador de causalidade (100%). Dessa forma, mais uma vez, os dados confirmam o esquema abstrato circunstancial para as construções [VERBO *agora*], [PREPOSIÇÃO *agora*] e [*agora* (X) VERBO], ao passo que as demais construções corroboram a constatação do esquema abstrato de estruturas textuais enunciativas.

A seguir apresentamos uma exemplificação da relação entre padrões construcionais e seus papéis semântico-discursivos:

### [VERBO *agora*]

Modificador:

(59) "(...) Por outra via escrevi a V.A. do estado da terra, e do que foi no Peroaçu; o que **peço agora** a V.A. he, que me mande hir, porque já sou velho, e sei que não sou para esta terra. (...)"

*Jornal O Patriota*

Temporalidade:

(60) "(...) Se me disserem que o protesto ou representações eram inúteis, para salvar a Nação, respondo, que ao menos esse protesto serviria para mostrar, que elles cumpriram com o su dever se pudessem. Assim o **fez** o summo Pontifice **agora** em Roma e com aquella demonstração salvou o Sancto Padre a sua honra.

*Jornal Correio Braziliense*

Organizador Informacional:

(61) " Os Hespanhoes tem quasi toda a sua cavallaria composta de cavalos novos, nas acções os genraes são obrigados a cubrir os flancos com essa má cavallaria, porque a não tem melhor: ao primeiro fogo bem dirigido dos Francezes a cavallaria Hespanhola assusta-se; eis ahi o flanco descuberto, e o dia perdido; o general obrigado a destruir os que póde do inimigo, e tocar a retirada. esta he a historia succinta de quasi todas as batalhas da Hespanha; e a prova de que nos Hespanhoes não ha covardia he, que estes mesmos exercitos derrotados, logo que se pódem reunir, e tornar a formar, investem de novo com o inimigo, e com estas repetidas acções tem consguido o enfraquecido. Alem desta utilidade immediata tem os Hespanhoes outra, em atacar-se com o inimigo, e he o aprender a arte da guerra. Como se formáram os exercitos dos Estados Unidos, na guerra da independencia? Tendo multiplicados ataques com as tropas Inglezas, e sendo por ellas tantas vezes derrotados que por fim se acháram adestrados, e com um exercito tal que pôde obter o seu fim. Em breve, a defesa de duas praças, Saragoça, e Gerona, he um padrão ao valor dos Hespanhoes, que já se não derruba. **Examinemos agóra** a parte desta questão, a que mais particularmente nos propomos responder. E se a Hespanha for subjugada; em Portugal que resistencia ha que esperar? "

*Jornal Correio Braziliense*

Este padrão de construção apresentou estas três diferentes funções nos textos. No exemplo (59), a construção [VERBO *agora*] é um reforço ao pedido feito à autoridade, visto que o redator menciona a idade avançada e a ida para tal lugar deveria ser feita imediatamente; em (60) a construção relata a um fato ocorrido no momento da enunciação e no exemplo seguinte, (61), o padrão encaminha o leitor para um assunto desejado pelo jornalista: os entraves bélicos entre a Espanha e Portugal.

## [PREPOSIÇÃO *agora*]:

### Modificador

(62) "(..) X. A Nação, havendo de fixar os subsidios necessarios ao Estado, considerará do seu dever positivo fixar pela lista civil as sommas necessarias ao esplendor, independencia e manutenção do Seu Augusto Soberano e Real Familia, com a mais generosa extensão, que permittir o actual estado das finanças do Reino, em consequencia da qual disposição, a nação tomará sobre si o manejo e administração dos fundos nacionaes, incluidos todos aquelles, que **até agora** tem sido considerados como direitos fiscaes, e rendas de terras, que serão pagas ao Ministro da Fazenda, para os fins estabelecidos pelo Parlamento. (..)"

*Jornal O Patriota*

### Temporalidade:

(63) "Ho Viso-Rei (a) adoeceo de velhice, e das importunaçoens, e fadigas dos homens, estaria obra de seis mezes em huma cama purgando seus pecados, e por derradeiro aos 3 dias de Abril pagou á natureza a divida, que lhe todos devemos. Por seu falecimento foi alevantado por Governador da India Dom Estevão da Gama, o qual tanto que recebeo, e tomou posse dete perigozissimo, e tormentozo cargo, logo começou com muito cuidado, e presteza a prover em algumas cousas, as quaes pela doença do Viso-Rey jazião cubertas de mato, principalmente mandou concertar muito bem a armada, e fazer de novo galés e galeões, e depois disto despedio Embaixadores aos Reys e Senhores da terra firme, persuadindo-os a guardarem com elle as amizades, e alianças antigas, e como teve assentado, e quietos os corações dos Indios, começou a entender nas cousas de fazenda, e regimento da terra, ordenando que nam navegassem Chatias, para bem e proveito da fazenda del-Rey, e com estas obras, e outras desta calidade, passámos ho inverno. Desde o anno de 1539 **até agora** em toda ha India chamada Intra-Ganges foi a maior esterilidade, qual nunca os homens cuidavão de ver, maiormente no Reino de Bisnaga, onde he tirado a limpo, que das tres partes da gente serão mortas as duas de fome, e como inda este mal não bastava para vingança e castigo dos pecados do povo, sobreveo-lhe huma peste tam cruel, que foi cousa, segundo dizem, monstroza, em muitas partes se virão fazer obras irracionaes, e contra a natureza dos homens (..)"

*Jornal O Patriota*

Nos exemplos acima, o subesquema exerce funções distintas, porém o espectro temporal é relacionado ao momento da enunciação dos jornais: em (62), há a modificação verbal e o apontamento temporal para o que, até então, os direitos adquiridos estavam preservados e em (63) o subesquema desenha um cenário temporal (de 1539 até o momento enunciativo) sobre a mortandade ocorrida na Índia.

## [*agora* (X) VERBO]

### Modificador

(64) "(..) O Rei adherirá, com todo o seu poder, a toda a proposição conforme aos communs interesses dos Soberanos da Europa. Elle dezeja ardentemente que elles cheguem a hum estado de cousas, em que os tratados não sejam mais simplicies tregoaos - em que a força venha a ser a garantía da justiça, - em que cada hum voltando aos seus naturaes direitos, não seja atormentado em todos os pontos da sua existencia, pelo abuso do poder. Isto he, Senhor Duque, quanto estou encarregado de informar a V. Excellencia. Digne-se participa-lo a S. Magestade o Imperador. A Europa tem visto com assombro a longa resignação de huma nação distinta nos annaes da historia pelo seu brilhante valor, e pela sua nobre perseverança. **Agora guiado** pelos mais sagrados motivos, ninguem ha entre nós que não esteja determinado a sacrificar todas as consideraçoens aos grandes interesses do Throno, á patria, e á independencia da Europa: ninguem que não julgue felicidade morrer por esse nobre fim, e defendendo os seus lares."

### Temporalidade

(65) " - O *Courrier du Brésil* parece pouco satisfeito com a Camara proxima futura, porque segundo o seu calculo estatistico, *algumas classes* são ahi mal representadas, ou não tem especie alguma de representação. Mas por que razão não assistio o *Courrier* á redacção do nosso Codigo Politico, feita pelo Conselho d'Estado, para subministrar essa idéa de representação por classes? Já **agora** o mal he quasi sem remedio, embora fique a *marinha militar* privada de mandar também o seu Representante, como o *Courrier* tanto dezechava(..)"

Jornal Aurora Fluminense

### Organizador Informacional

(66) "Existem porem muitos cidadãos, que a isso terão direito, e não será perigoso conceder arbitrios em operaçoens de credito, quando se confie no cidadão que he encarregado de as executar. Tal confiança da força a huma Adminstração, força que não lhe podem dar, leis excepcionaes; e essa confiança está tanto no circulo de nossas instituicoens, que não ha Governo algum Representativo em que não sejam familiares esses arbitrios, ainda quando quisessemos negar os exemplos de nossa propria casa, ou asseverar que tinham elles sido constantemente honestos. **Agora direi** poucas palavras acerca do meio proposto para haver a quantia pedida. Vós podereis attender ás espreçoens de que me servi na proposição desse meio, mas permitti-me que eu ainda o reclame como o mais compativel com as garantias sociaes. Sem duvida a vossa prespicacia poderá sugerir outros muitos que a par deste offereção maiores vantagens na execução(..)"

Jornal O Tempo

No exemplo (64) a modificação verbal introduz o tópico discursivo em que há a afirmação acerca da participação de todos, incluindo, os nobres, em favor do reino. Em (65), o subesquema exerce funções típicas de advérbio ao oferecer um contraponto situacional no tempo em relação ao evento, porém, no exemplo (66), o padrão encaminha para um novo tópico do assunto relatado no jornal.

### [*agora* (X) ORAÇÃO]

### Oposição

(67) "(..) Ah, pobre Gomez Freire, tu enforcado, e tantos por enforcar! Mas, ainda que não queiramos por hora dizer tudo, sempre diremos uma palavra mais, em favor da justiça. Os mestres do enredo gritam em Portugal, emandam gritar contra o Brazil, pelos males, que se soffrem em Portugal. Ora, que parte boa ou má teve o Brazil em se enforcar Gomes Freire, e seus companheiros em desgraça? Quaes são os planos para o melhoramento de Portugal, que tem proposto a El Rey os Governadores do Reyno, e que não fôram aceitos? Quaes são os planos para o melhoramento de Portugal, que tem proposto a El Rey os Governadores do Reyno, e que não fôram aceitos? Quaes são os trabalhos dos Secretarios do Governo em Lisboa a favor do Reyno, que fossem desattendidos no Rio-de-Janeiro? Aonde estão os requirimentos dos povos, que ficáram indefiridos pelo

Soberano? **Agóra**, se os Governadores do Reyno, e seus Secretarios, não fazem o que devem; e se por isso se queixa o povo, e dessas queixas resultam descontentamentos; he tam injusto accusar o Brazil dessas omissoens e commissoens, como he machiavelico o dizer, que, para accomodar justos queixumes, se propóem mudar todas as bases do edificio social."

*Jornal Correio Braziliense*

## Organizador Informacional

(68)" Tendo assim exposto a minha opiniaõ sobre os procedimentos do Gen. Inglez, não he da minha intençaõ, que se entenda, que eu não desejo a cooperaçaõ dos Portuguezes com os Inglezes; pelo contrario; a uniaõ mais intima, entre estas duas naçoes, he essencialissima na presente crise, se não se unirem cordealmente, a causa commum padecerá infalivelmente; alem de que, os erros daquelle General não tem nada que fazer com o total da naçaõ Ingleza, a qual tem desapprovedo altamente o que este General fez em Portugal, e certamente em breve, o fará responder perante um Conselho de guerra. Mas **agora** voltemos os olhos para o que devâam os Representantes da naçaõ Portugueza haver feito em Londres, em ordem a remediar os males, que a convençaõ do Gen. Dalrymple tem occasionado; e de caminho direi, que havendo-me soado a pouca authoridade la do Porto, tinham deixado aos Deputados da Juncta Suprema, fallarei em geral da omissaõ de medidas, que se devâam haver tomado, que se julgar innocente, que se justifique, se he que pensa, que he cousa que valha a pena o cuidar na sua reputaçãõ."

*Jornal Correio Braziliense*

No exemplo (67), o subesquema estabelece relaçaõ de contraste entre os períodos ao abordar as queixas do povo em relaçaõ à inércia política dos governadores e secretários após ter elencado, em forma de questionamentos, as propostas de melhoramentos trazidas pelo povo que não foram atendidas. Já em (68), o subesquema acrescenta um tópico discursivo e direciona o leitor para o assunto que o escritor deseja abordar: as ações políticas que os representantes portugueses deveriam fazer.

## [*agora* (X) ADJETIVO]

## Modificador

(69) "Hos Rumes no dia de hoje sã senhores de tos os portos, e luares, que há nas praias do Sino Arabico, chamado nestas partes Estreito d'Amem: quam damnoza e prejudicial nos seja esta vizinhança a meu ver há pouco que determinar, porque sómente com estarem quedos nos farãõ tanta guerra, e porãõ em tanto gasto, que nam será muito de nos porem em termos de leixar a terra, visto como se não pode representar falta e necessidade, que qua nam haja para as couzas de serviço d'El Rey, e bem da Republica, de modo, Senhor, que armar quatro

fustas nam há possibilidade, pois para pagar soldos, ou mantimentos, já somos desenganados, pelo qual a gente anda como pasmada, e fora de si, e daqui a virem cair em extrema desesperação ha muito pouco, ho que me faz muitas vezes conjecturar na grande força, e espantoza desprovidencia dos Portuguezes, os quaes em espaço de 40 annos poderão esgotar as riquezas innumeraveis da Índia, as quaes parecião sobrepujarem as forças dos humanos em muitos mundos, sem nos ficar, nam digo já em que nos possamos suster alguns annos, mas magoa e dor de tamanha desventura, o que certamente com muita razão devia de ser contado entre os sete milagres do mundo; este mal já **agora irremediável** a meu fraco juízo deva de nacer dos bons regimentos, e dos máos officiaes que a esta terra vem (..)"

Jornal *O Patriota*

### [*agora* (X) SUBSTANTIVO.]

#### Temporalidade

(70) " Havendo dicto no nosso N°. Passado, que a successão da corôa de França, depois do irmão e sobrinho do actual Rey, passa a Fernando VII, **agora** Rey de Hespanha; julgamos proprio dar aqui o seguinte extracto de uma gazeta Franceza (..) sobre o mesmo assumpto."

Jornal *Correio Braziliense*

Esse padrão exerce, nos exemplos (69) e (70) funções típicas de um advérbio, sendo que no subesquema [*agora* ADJETIVO] há a modificação do adjetivo *mal* e isso demonstra um juízo de valor, e exemplifica, assim, a opinião do escritor; no subesquema [*agora* SUBSTANTIVO], a construção é utilizada um como circunstanciador temporal e faz menção ao atributo que Fernando VII tem no momento do enunciado, o qual contribui, mais uma vez, para a nossa proposta de rede construcional.

### [*agora* PERÍODO(S)]

#### Oposição

(71) "Por outra parte, o hypocrita, que jurar como boa, essa constituição, que reprova em seu coração, terá em premio de seu perjuro o ser considerado com o Hespanhol honrado. Nestes termos, se o Governo Constitucional quer tyrannizar as opinioens sob pena de exterminio, e perdimento de honras e bens, diremos, que tira as suas lições da passada Inquisição e dos mesmos Godoyanos. **Agóra**, quanto a obedecer á Constituição, e ás leys existentes, isso he cousa mui diversa; porque não sómente os Hespanhoes, mas até os estrangeiros, que vivem na Hespanha, lhe devem prestar obediencia. (..)"

Jornal *Correio Braziliense*



## Organizador Informativo

(72) Exército e Polícia - "O soldado Manoel Raymundo Rosa, da 7ª Companhia do 1º Batalhão de fuzileiros, e o qual, como os leitores sabem, travou luta no dia 7 do corrente mês, com um punhado de urbanos, continua em estado grave. Pouco se dá por sua vida. Está em tratamento no Hospital Militar. **Agora**, pedimos licença para perguntar? Sabemos que o comandante do 1º de fuzileiros, narrou por escrito ao Ministro da Guerra o acontecido, e remetteu-lhe o respectivo corpo de delicto."

*Jornal Gazeta da Tarde*

Nestes exemplos, a construção exerce funções textuais: em (71) demarca os contrastes entre as estruturas clausais e introduz um paralelo situacional em relação à constituição e leis portuguesas. Já em (72), a construção introduz um novo tópico na notícia a fim de provocar, no leitor, questionamentos acerca da situação e da instituição militar brasileira.

### [*agora QUE*]

## Causalidade

"(73) Noventa contos de reis de mais ou de menos não são objecto para desprezar: não he o Brasil tão rico! **Agora que** se entra em lide judicial sobre a arbitraria comissão dos 48U pezos, que o Sr. José Silvestre Rebello julgou dever tirar pelo trabalho de dirigir a construção das Fragatas - Izabel, e Principe Imperial - fabricadas nos Estados Unidos, durante a sua missão diplomática naquelle paiz, convém apresentar ao publico alguma cousa que o esclareça sobre este importante negocio(..)"

*Jornal Aurora Fluminense*

Neste exemplo, o subesquema introduz a oração em que se percebem os motivos pelos quais um entrave judicial foi provocado: os valores devidos aos Estados Unidos por causa de uma compra de navios.

Para reforçar os achados e confirmar nossas hipóteses, procuramos verificar se há alguma correlação entre os papéis apresentados e os jornais selecionados para a pesquisa. Cada jornal atende a um público específico e a nossa hipótese é a de que esta intenção comunicativa estimula o uso, visto que foi percebido, a partir dos dados, um tratamento das notícias de modo que o enfoque informativo atendesse ao público-leitor. Observemos a tabela seguinte:

JORNAIS											
Papéis semânticos	O Patriota		Gazeta da Tarde		Aurora Fluminense		O Tempo		Correio Braziliense		Total
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº
Adversativo	-	-	-	-	1	2,3	-	-	9	7,4	10
Causalidade	1	2,6	1	5,2	2	4,7	2	3,57	2	1,6	8
Temporalidade (circunstanciador)	4	10,5	-	-	2	4,7	5	8,9	17	14,0	28
Organizador Informacional	-	-	1	5,2	3	7,1	10	17,8	9	7,4	23
Modificador	33	86,8	17	89,4	34	80,9	39	69,6	84	69,4	207

Tabela 5 – Relação entre papéis semântico-pragmáticos e jornais

O papel semântico que mais ocorreu em todos os jornais foi o de modificador: 86,8% no *O Patriota*; 89,4% na *Gazeta da Tarde*; 80,9 % no *Aurora Fluminense*, 69,6% no jornal *O Tempo* e 69,4% no *Correio Braziliense*. Podemos dizer que esse é o uso semântico menos marcado.

O segundo papel semântico mais usado é aquele que indica tempo (circunstanciador de tempo), com 28 ocorrências do total de dados. Neste caso o jornal que mais usa esse papel semântico é o *Correio Braziliense*, com 17 dados. Acreditamos que esse emprego foi mais recorrente no jornal *Correio Braziliense* pelo seguinte fator: (i) a periodização de entrega. A pontualização do tempo é um dos fatores mais importantes no jornalismo, a informação deve prezar por este critério ao se dirigir ao público-leitor. Este jornal, através da figura de Hipólito José da Costa, não se furtara a se portar como o periódico que falava diretamente ao povo brasileiro sobre as mazelas causadas pela Coroa portuguesa no país. Só que apenas uma edição circulava por mês no país. Devido a isso, assumimos ser esta a necessidade que o escritor possuía ao demarcar o tempo enunciativo nos jornais.

As construções com papel de organizador informacional (23 dados em toda a amostra) foram mais usadas no Jornal *O tempo*, com 10 dados. O valor de adversidade e o de causalidade tiveram poucas ocorrências na mostra: 10 e 8 dados, respectivamente. O primeiro

foi praticamente só usado no Jornal *Correio Braziliense*, com 9 dados; e o segundo teve 1 ou 2 ocorrências em cada jornal.

Os dados mostram que o Jornal *Correio Braziliense*, periódico político, contra a Coroa e destinado aos comerciantes e brasileiros letrados, em geral, apresentou a maior parte dos subesquemas em todas as funções encontradas. Esse resultado pode ser devido ao gênero escolhido, pois o jornal *Aurora Fluminense*, de linha editorial parecida, teve quantidades menores de dados.

Embora não tenha havido diferenças tão acentuadas entre os jornais, a análise detalhada de todas as construções em diferentes jornais demonstra que os usos menos prototípicos têm tendências a ocorrer num ou noutro jornal, a depender da linha editorial. Já os papéis semânticos mais típicos na língua ocorrem com mais frequência em todos os jornais, pois são menos marcados.

#### 4.5 Escopo da construção

Nesse critério, a relação que o padrão construcional estabelece com as porções de texto será o fator preponderante de análise. Se um dado tipo de padrão construcional pode interagir com outras orações, além da que se encontra, maior será o seu escopo. Por outro lado, se atua apenas dentro de sua oração ou com um item, menor é o seu escopo.

Analizamos todos os dados, com o objetivo de verificar se o escopo de cada padrão é mais local ou se tem uma função maior, de ligação entre partes do texto.

Os padrões construcionais podem ter:

- a) Escopo maior – quando o padrão construcional está associado a orações ou parágrafos de modo a estabelecer a progressão textual.

Exemplo:

(74) " Eu disse no Correio passado (p. 251) que teria summo gosto em poder anunciar aos Portuguezes, que, achando-se elles com tres pessoas authorizadas, em Londres, um como Ministro do Principe Regente, e dous como Deputados da Juncta Suprema do Porto, seriam os interesses de Portugal mui bem defendidos; e que outros actos de patriotismo, se cuidaria em examinar as tençoens com que hia a Portugal o exercito Inglez, quem comandaria

em chefe, e em nome de que Nação; porque a falta de explicações neste caso seria funestas consequências. **Agóra** sou obrigado a dizer, que não sei que nada disto se fizesse; e sei que se omitiram outras diligências, que todos os Portuguezes tinham o direito de esperar, que se praticassem: por exemplo. Quando chegaram a Londres as notícias da victoria alcançada pelos Inglezes no Vimeiro não se fez nenhum elogio ás tropas Portuguezas, que compunham ellas sós a ala direita do exercito na Rolissa, e faziam parte da columna do centro e da esquerda; ao mesmo tempo que se prodigalizavam os mais desmedidos elogios até aos tambores Inglezes; isto nos despachos officiaes; e quanto aos jornaes publicos, e gazetas diarias, a maior parte delles asseverou."

*Jornal Correio Braziliense*

No exemplo, a construção [*agora* (X) VERBO] permitiu a inserção da opinião do redator, além da junção entre as partes sequenciais do texto, estabelecendo uma lógica na narrativa.

- b) Escopo menor- quando o padrão estabelece uma relação textual apenas com a estrutura em que está inserido.

Exemplo:

(75) "(..) Os liberaes pagão-se de pouco; acostumados a verem quasi sempre no Governo os inimigos da nossa Lei fundamental, e do povo; elles retribuem com effusão de coração, essa boa vontade, que se mostra, e não tratão de alienar com escriptos violentos, o espirito de quem **até agora** não manifestou ainda intenções perversas(..)"

*Jornal A Aurora Fluminense*

A construção [PREPOSIÇÃO *agora*] está restrita à sua própria oração, não tendo um alcance textual maior.

CONSTRUÇÃO	Escopo da Construção				TOTAL	
	Escopo Maior		Escopo Menor			
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
[VERBO <i>agora</i> ]	16	13,3	104	86,6	120	100
[ <i>agora</i> (X) VERBO]	10	19,7	81	89,01	91	100
[PREPOSIÇÃO <i>agora</i> ]	-	-	38	100	38	100
[ <i>agora</i> (X) ORAÇÃO]	8	80	2	20	10	100
[ <i>agora</i> QUE]	8	100	-	-	8	100
[ <i>agora</i> (X) ADJ.]	-	-	5	100	5	100
[ <i>agora</i> (X) SUBS.]	-	-	2	100	2	100
[ <i>agora</i> PERÍODO (S)]	2	100	-	-	2	100

Tabela 6 - Relação entre tipos de padrões construcionais e seus escopos

A construção [VERBO *agora*], em maior frequência de ocorrências, não apresenta escopo maior na maior parte das vezes. A construção [PREPOSIÇÃO *agora*] não apresentou escopo maior em nenhuma amostra; a construção [*agora* (X) VERBO] não permitiu este uso na maior parte das amostras colhidas, mas é possível este uso; a construção [*agora* (X) ORAÇÃO] apresentou mais quantidades de ocorrências exercendo uma função discursivo-pragmática num contexto maior; a construção [*agora* (X) ADJETIVO] não apresentou escopo grande, assim como a construção [*agora* (X) SUBSTANTIVO], todas as ocorrências da construção [*agora* PERÍODO (S)], bem como as da construção [*agora* QUE] exercem funções menos gramaticais e, portanto, mais discursivas.

Seguem alguns exemplos de construções com escopo maior:

**[VERBO *agora*]:**

(76) " Acreditação alguns ( e entre estes, homens a quem se não póde recusar boa-fé, e sinceras intenções) que melhor meio de se augmentar a população do Brasil e portanto a sua prosperidade, he a importação de colonos Europeos, e que neste caso, todos os sacrificios são poucos, tendo por alvo obter-se tão excellente resultado. Não de lembrão do grande princípio de Economia política - que a industria he mão fecunda de homens -, e que toda a arte de fazer crescer com rapido progresso a população de hum paiz, que offerece recursos naturaes, he proteger

o desenvolvimento desses mesmos recursos e desviar tudo quanto lhe póde servir de impedimento. Eis o que se tem feito na America Unida, e o segredo da sua prosperidade não he outro. He certo que alli o paiz tem estado franco á emigração Europea; que se não attende para o que o estrangeiro praticou no Estado d'onde veio, não se olha ás razões políticas, ou quaesquer outras que o moverão a deixar a patria: fortes em suas instituições, na boa execução das leis, nos exmplos que dá toda a existencia de hum povo occupado, e trabalhador; elles não receião muito o contagio proveniente de individuos, que se perdem na massa da população americana, e que pela mair parte se corrigem de seus vicios, acomodando-se ao quadro que já está formado, e de que nada os convida a sahir. Assim não se póde, sem injustiça, dar aos Estados Unidos o nome de - *quilombo de todos os ladrões do mundo*; e antes lhe seria mais proprio o de - *caza de correcção*, e de *refugio commum*. Nós **perguntaremos agora** se as circunstancias do Brasil são por esta face iguaes ás dos Estados-Unidos; se temos as mesmas proporções para contarmos com identico resultado de toda a especie de emigração Europea, que venha para a noss terra? (..)"

Jornal A Aurora Fluminense

Neste exemplo, a construção relaciona-se com porções maiores do que a parte em que está integrada. Essa relação com os períodos garante-lhe funções textuais de abertura de tópico discursivo. O tipo de verbo empregado reforça o caráter textual à construção.

#### [*agora* (X) VERBO]

(77) " Em hum P.S. do nosso numero antecedente corrigimos o equivoco que tivemos quando mencionamos no mesmo numero os artigos da Constituição, que se refferem ás emenda do Senado sobre o projeto de Reformas que passou na Camara Electiva. **Agora transcreveremos** os artigos a que se referem o mesmo P.S. Art. 49. As Senhoras do Senado começão e acabão ao mesmo tempo, que as da Camara dos Deputados. (..)"

Jornal O Tempo

#### [*agora* (X) ORAÇÃO]

(78) "(...) Quem nisso teria muito a perder sería a Corte do Rio-de-Janeiro, se tivesse de ir tomar por força, e com immensas despesas, essas colonias perdidas, que devíam servir de compensação ao Infante D. Sebastião. Se porém o mesmo povo de Buenos-Ayres deseja esse arrançamento, como meio de firmar a sua independencia, e pôr fim á guerra; entãõ dizemos, que se tal proposição fizesse a Côrte do Rio-de-Janeiro, não só éra mui justa, mas até a julgamos liberal para com a Hespanha; porque em fim nisto se não propõem outra cousa senãõ, que as colonias de La Plata, que a corõa de Hespanha tem ja perdido, se dem a um Infante dessa mesma Hespanha, como he D. Sebastião, como indemnização do que se deve. **Agora** se os de Buenos-Ayres convem nisso ou não, he outra questão á parte; e que merece toda a contemplação do Gabinete do Brazil, posto que, pelo fica dicto, seja indifferente á Hespanha."

Jornal Correio Braziliense

Nestes exemplos, as construções conferem relações discursivas ao texto, visto que os subesquemas [*agora* (X) VERBO] e [*agora* (X) ORAÇÃO] são responsáveis pela inserção de um novo tópico e pela contraposição de fatos, respectivamente. De forma específica o exemplo (77) é empregado de forma a beneficiar a progressão textual, uma vez que demarca o tópico a ser inserido no jornal.

### [*agora* PERÍODO (S)]

(79) "Por outra parte, o hypocrita, que jurar como boa, essa constituição, que reprova em seu coração, terá em premio de seu perjuro o ser considerado com o Hespanhol honrado. Nestes termos, se o Governo Constitucional quer tyrannizar as opinioens sob pena de exterminio, e perdimento de honras e bens, diremos, que tira as suas lições da passada Inquisição e dos mesmos Godoyanos. **Agóra**, quanto a obedecer á Constituiçãõ, e ás leys existentes, isso he cousa mui diversa; porque não sómente os Hespanhoes, mas até os estrangeiros, que vivem na Hespanha, lhe devem prestar obediencia. (..)"

Jornal *Correio Braziliense*

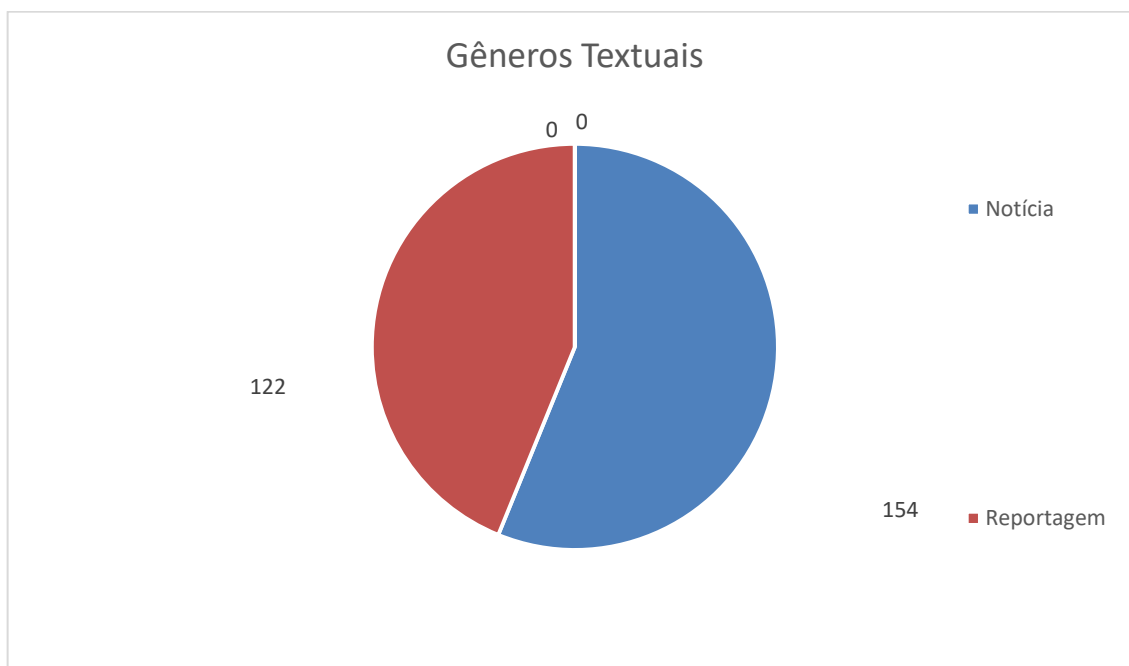
No exemplo, o texto relata conflitos entre a Espanha e os habitantes considerados desobedientes sob pena de retenção de bens e, até mesmo, condenação à morte. Nesse contexto de uso, a construção fora empregada para oferecer a oposição de fatos: tanto os espanhóis quanto os estrangeiros devem obedecer à constituição e às leis, ainda que o governo não considere as opiniões contrárias às decisões do estado. O subesquema apresentou o escopo amplo ao acrescentar este tópico discursivo na proposição de ideias.

## 4.6 Gêneros Textuais

Como delimitamos a pesquisa de acordo com o gênero textual, em cada jornal, intentamos verificar se há alguma particularidade no gênero selecionado que motive o uso ou não de um ou mais tipos de padrões construcionais.

Procuramos verificar se havia alguma tendência diferente no uso dos padrões construcionais em reportagens e notícias. O gênero *reportagem* é caracterizado por apresentar mais informações a respeito de alguém ou fatos, é mais detalhado e, por isso, maior em quantitativo de porções textuais. Já o gênero *notícia* é caracterizado pelo caráter objetivo da informação, trazendo, de forma breve, o *lead* ao leitor.

O gráfico 1 apresenta a totalidade de construções segmentadas pelos gêneros pesquisados:



**Gráfico (1): Construção e os gêneros textuais**

Neste trabalho, consideramos dois gêneros para coleta e análise: *notícia* e *reportagem*. Do jornal “Correio Braziliense” vieram todos os dados do gênero “reportagem” contribuindo com (44%) de todas as amostras. As demais ocorrências são oriundas do gênero “notícia” e integram (56%) do total das amostras coletadas.

Os dados mostram que a construção [VERBO *agora*] foi a mais exigida no gênero *notícia*, bem como em “reportagem” constituindo a metade (50%) do quantitativo das amostras. Já a construção [*agora* (X) VERBO] foi mais recorrente em notícias e apresentou (60,4%) do total coletado. A construção [PREPOSIÇÃO *agora*], prototípica para uso adverbial, teve o maior quantitativo apresentado em notícias; a construção [*agora* (X) ORAÇÃO] – desempenha função conectiva e de marcadora de discurso – foi coletada em maior número (90%) no gênero “reportagem”; a construção [*agora* QUE] – equivalente ao conector causal – foi mais recorrente em *notícia*; a construção [*agora* ADJETIVO] teve maior número em notícia e as construções [*agora* SUBSTANTIVO] e [*agora* PERÍODO (S)] foram encontradas em ambos os gêneros.

Os dados mostram que o contexto de uso pode explicar o emprego das construções a depender dos traços característicos do gênero selecionado. Notícias são gêneros jornalísticos mais enxutos, com a finalidade de informar o leitor. Já a reportagem confere uma sequência tipológica mesclada, em que



se pode denotar a presença de injunção, narração e argumentos. Nos dados coletados, somente a análise de gêneros não explicariam certos usos, deve, portanto, unir o tipo de jornal e, conseqüentemente, o público-leitor e a construção.

Na tabela a seguir podemos observar a distribuição dos padrões de acordo com os gêneros:

Construção	Gênero				Total	
	Notícia		Reportagem		Nº	%
	Nº	%	Nº	%		
[VERBO <i>agora</i> ]	60	50	60	50	120	100
[ <i>agora</i> (X) VERBO]	55	60,4	36	39,5	91	100
[PREPOSIÇÃO <i>agora</i> ]	26	68,4	12	31,5	38	100
[ <i>agora</i> (X) ORAÇÃO]	1	10	9	90	10	100
[ <i>agora</i> QUE]	6	75	2	25	8	100
[ <i>agora</i> ADJETIVO]	3	60	2	40	5	100
[ <i>agora</i> SUBSTANTIVO]	1	50	1	50	2	100
[ <i>agora</i> PERÍODO (S)]	1	1	1	50	2	100

Tabela 7 – Relação entre padrões construcionais e gêneros discursivos

Das amostras do gênero *reportagem*, estrutura típica em que há a tipologia narrativo-argumentativa, nota-se que a disposição textual segue uma estrutura cronológica e denota-se a mescla de argumento e narração dos fatos. Nestes dados, as construções do tipo [VERBO *agora*] são canonicamente adverbiais. O contexto de uso sugere que, nessa amostra, a construção venha a desempenhar usos mais adverbiais.

(80) " (...) Quando Portugal começou suas conquistas em Africa, não achava obstaculo mas sim apoio nas potencias Europeas, que olhavam para aquella como uma guerra de religião; e os Estados da Africa, divididos em mui pequenos principados, não eram capazes de fazer opposição efficaz aos projectos de conquistas parciaes dos Portuguezes, como he possível **aconteça agora** da parte das grandes confederaçoens Europeas, se ellas acharem ser do seu interesse dictar por meio da força, qual deva ser a conducta Politica de Portugal. As victorias da India fazem summa honra ao character militar Portugues daquelles heroes; mas a guerra da India pagava-se a si mesma; e no tempo presente não ha circumstancia, que justifique o parrellelo das duas epochas, tão essencialmente differentes. Aonde **acharaõ agóra** os Portuguezes outra India desocupada, em que empreguem o seu valor? Do momento em que dirigissem vistas ambiciosas para qualquer canto da terra, naçoens poderosas, forças Europeas e Americanas insuperaveis annihilariãem em um momento emprezas de similhante genero."

Jornal *Correio Braziliense*

(81) "(...) O militar de terra sempre tem relações de familia, e não gosta de ordinario de viver fora do seio de sua familia; o marinheiro não; o marinheiro que tem andado pelos mares está quase separado das relações de terra, e depois de velho prefere um asylo a uma familia que não tem muitas vezes. A religião vinha em nosso auxilio: a este respeito alguma coisa ja houve. Em todos os lugares, em todos os grandes portos, sempre ha uma Senhora

da Boa Viagem dos Navegantes. Nossa Senhora da Copa Cabana, etc.. Estes grandes sentimentos de religião não são estranhos ás grandes conveniencias sociaes; pelo contrario parece que não são instituidos senão para fazer a felicidade da sociedade. Alguma cousa tenho em plano a este respeito, mas não me **estenderei** sobre isso **agora**." Jornal *O Patriota*

Nessa amostra retirada do gênero *notícia*, a estrutura textual insere-se num padrão de argumentos, a construção [VERBO *agora*] fora empregada para conferir o uso prototípico de advérbio.

#### 4.7- Links entre as construções

Como todas essas construções têm por base o elemento *agora* e como sabemos que as construções estão relacionadas por algum link formal e/ou semântico-pragmático, procuramos verificar as relações entre os padrões construcionais.

A literatura demonstra que os advérbios são base para formação de conectivos e de marcadores discursivos (cf. Martelotta, 1994). Assim consideramos como o padrão [(X) *agora* (Y)] deve ter servido de base para a formação das demais construções.

Dela surgem padrões que tendem a ter valor de conectivo e os marcadores. Martelotta, Tavares e outros autores têm muitos trabalhos a respeito das mudanças ocorridas na direção advérbio> conectivo, advérbio > marcador. Como nosso trabalho não é diacrônico, não abordaremos aqui os passos das mudanças. Apenas iremos mostrar alguns como esses padrões construcionais se relacionam.

Gostaríamos de chamar a atenção para dois padrões que surgiram do padrão [(X) *agora* (Y)] e que têm já uso bastante independente dos demais padrões:

- a) [PREPOSIÇÃO *agora*]: O padrão é semi-esquemático e na posição [PREPOSIÇÃO] podem figurar as seguintes preposições:

[ATÉ AGORA]

- i. " Ainda que as vantagens que resultão á Nação da liberdade da imprensa sejaõ manifestas, com tudo como escrevo para um paiz, onde ella até aqui se não tem gozado, trabalharei um pouco para ellucidar a materia; o que porém não pode ser já; e me limitarei neste artigo a fazer ver simplesmente o interesse que nisso tem o Soberano, individualmante fallando, para que se veja que, se D. Rodrigo favorece, como eu supponho, a introdução da imprensa, mostra com isso a sua lealdade, e amor de seu Soberano. A maior parte das gazetas Inglezas asseverou, e se fez publicissimo; que o Ministro dos Negocios Estrangeiros e da guerra de S. A. o Principe Regente de Portugal, ao tempo de sua partida para o Brazil, occultára do Conhecimento do Soberano a marcha das tropas Francezas: disse-se mais, que elle o fizéra por querer atraíçoadamente entregallo aos seus inimigos. Eu declaro altamente, que não sei se isso he assim, senaõ; so repito o rumor, que se fez publico, e que

**até agora** ninguém contradisse; para nisso fundamentar o meu raciocínio; basta-me o rumor para que eu admita a possibilidade do caso."

*Jornal Correio Braziliense*

Neste exemplo, esta microconstrução tem valor semântico de “*até este momento*”, isto é, até o período da enunciação, não havia mudança de situação ou informação nova a acrescentar ao leitor. O escritor/jornalista relata que os jornais ingleses divulgavam a informação de que o ministro de guerra português, intencionalmente, não informara ao Rei de Portugal a vinda de tropas francesas para o país, na mesma época em que a família Real veio ao Brasil. E, conforme relatado na carta, a omissão deste ministro teve como único propósito entregar o reino de Portugal aos inimigos. Então, o escritor afirma não saber se o fato é verdadeiro, porém, mesmo assim reproduz os boatos surgidos da situação porque até aquele presente momento, ninguém o havia negado; daí o uso da micro-construção [até agora], em que se percebe a necessidade de se definir o tempo da ciência do fato.

- ii. "No domingo, 11 do corrente, houve um assassinato em Itapecerica, São Paulo. Retirando-se para o seu sitio o cidadão Francisco Xavier de Salles, em companhia de seu filho Prudente e mais dois amigos, encontraram-se com o seu afilhado e antigo protegido Custodio Vaz Soares, que vinha armado com uma espingarda de dois canos, a qual trocando algumas palavras com seu padrinho, disparou sobre elle um tiro, deixando-o mortalmente ferido, depois, ameaçando os companheiros do infeliz Salles, poudo fugir, sem que **até agora** fosse preso."

*Jornal Gazeta da Tarde*

De igual modo, em outro periódico, a micro-construção [até agora] fora empregada sem relação cronológica com o calendário, pois se percebe que o escritor utiliza a micro-construção para trazer um fato novo e não houve o apontamento temporal do momento em que o evento ocorreu, pelo contrário, a utilização da circunstanciação temporal levou em conta o período em que o crime foi narrado.

[POR AGORA]

- iii. " Não he cousa estranha a intervenção que o Conselheiro Gomes tem tido nos negocios de Portugal: especie de monstro em política, Secretário de Estado, referenciador da Constituição Portugueza, e por tanto Portuguez, elle he ao mesmo tempo Brasileiro, pela Lei, por outros cargos que occupa, e mais que tudo pelos sentimentos que nutre em sua alma, todos dignos de hum verdadeiro e leal patriota. Porém não he deste capitulo que pretendemos fallar hoje, nem mesmo attribuiremos **por agora** a faltas, e maus conselhos do bem conhecido as desgraças que Portugal tem soffrido e está soffrendo; os encomodos, e sacrificios correlativos, que tem pezado sobre o Brasil.(..)

" *Jornal A Aurora Fluminense*

No exemplo, o jornalista inicia a matéria noticiando a intervenção política que o Conselheiro Gomes tem feito em Portugal, cuja interferência repercutiu no Brasil. Em seguida, a micro-construção [por agora] é empregada com valor semântico de “*por enquanto*” no dado coletado.

(85) " Nossos leitores terão talvez notado de que nós não falemos em boatos de rusgas. Pedro Iº revoluçoens, este, mas posto que elles devem saber que nem as proximidades das eleiçoens, nem a direcção dos negocios publicos entre nãos de homens que sabem manejar grandes planos, e golpes de estado; nem o desespero de cidadãos contra authoridades que subordinão as leis á seus caprichos com a certeza da impunidade, fasem impossiveis taes boatos: com tudo nos presumimol-os dignos de despreso, e não querendo ser instrumento dos que com elles especulão julgamos não dever occupar-nos delles; deixando assim obrar **por agora** a natureza." *Jornal O Tempo*

Neste jornal, a micro-construção [por agora] possui o mesmo valor semântico de “*neste momento*” no exemplo selecionado, o qual leva em consideração o tempo da escrita.

[DESDE AGORA]

(86) III. “(..) S.M. Imperador das Russias reconhece por legitimas as Cortes geraes e extraordinarias, reunidas actualmente em Cadis; como também a Constituição que estas decretarão e sancionarão.  
IV. As relações do Commercio serão restabelecidas **desde agora**, e favorecidas reciprocamente: com tudo as duas Altas Partes Contratantes procurarão meios de lhe dar maior extensão.  
V. O presente tratado será ratificado, e as ratificações serão trocadas em S. Petersburg no termo de três mezes, contados desde o dia da assinatura, ou antes, se poder ser.  
Na fé do que nós abaixo assignados, em virtude de nossos plenos poderes, assignámos o presente tratado com o sello das nossa armas. Feito em Welsky-Lonky a 20 de Julho de 1812.

*Jornal O Patriota*

Neste exemplo, o jornal reproduz o acordo comercial entre a Corte portuguesa, suas colônias e o então império russo. No documento, a micro-construção [desde agora] estabelece a validade do tratado entre os países, isto é, o ofício e todas as tratativas terão validade a partir do momento em que o inventário for divulgado.

Conforme asseverado por Goldberg (1995, p. 67), as relações de herança motivam as propriedades de uma construção particular. Nesse entendimento, as informações extraídas advêm do

sentido central e, à medida que ocorre a extensão, uma construção diferente é formada estimulada pelo valor prototípico.

Com isso, essas microconstruções permitem o preenchimento dos *slots* com preposições que contenham a mesma carga semântica. Nos exemplos coletados, a construção [PREPOSIÇÃO ADVÉRBIO] é classificada como advérbio, embora apresente um deslizamento temporal não relacionado ao momento do ato, como originalmente era no latim, e sim da enunciação.

[[X] agora]	Relação com o tempo do enunciado; há inserção de nova informação sem mudança no fato.	Até agora
[[X] agora]	Relação com o tempo do enunciado; há simultaneidade cronológica.	Por agora
[[X] agora]	Relação com o tempo do enunciado; o apontamento temporal é feito a partir daquele fato, tem-se, então, um futuro imediato.	Desde agora

Quadro 6 - Esquema de microconstruções [PREPOSIÇÃO *agora*]

Nos exemplos demonstrados, percebe-se que, de acordo com os pressupostos cognitivo-funcionais, o usuário imprimiu habilidades cognitivas (cf. Bybee 2010) necessárias para utilizar a gramática da língua conforme a necessidade comunicativa. Tem-se, nos exemplos, o processo de memória rica, no qual estruturas e inferências são integradas ao enunciado e revelam a intenção do falante na utilização das preposições.

[*agora* QUE]: o padrão revela-se como padrão esquemático, é mais gramatical que a construção com valor adverbial, porém, pode haver a inserção de uma conjunção adversativa a depender do valor da porção textual:

(87) "(...) Mas se o nobre não póde cumprir com este dever; ao menos retire-se a sua casa, submerja-se na escuridão, comendo aquilo que tem mal adquirido; se não tem coragem de obrar aççoens boas ao menos não as sobre más, ao menos não aceite empregos, ao menos não goze da privança dos oppressores da Patria. Quero porém nisto ser bem entendido attaco aquelle homem, que não me parece cumprir o seu dever, não fallo da Classe: pelo contrário espéro, que os Nobres do Reyno, **agóra que** se lhe offerece a occasião, lavaraõ ésta nodoa,

com que um de seus collegas tem manchado o seu character. Eterna vergonha áquelle que poupar agora os seus esforços!"

*Jornal Correio Braziliense*

(88) "Noventa contos de reis de mais ou de menos não são objecto para desprezar: não he o Brasil tão rico! **Agora que** se entra em lide judicial sobre a arbitraria commissão dos 48U pezos, que o Sr. José Silvestre Rebello julgou dever tirar pelo trabalho de dirigir a construção das Fragatas - Izabel, e Principe Imperial - fabricadas nos Estados Unidos, durante a sua missão diplomática naquelle paiz, convém apresentar ao publico alguma cousa que o esclareça sobre este importante negocio(..)"

*Jorna A Aurora Fluminense*

No exemplo (87), a construção [*agora QUE*] inicia uma oração em que o motivo é explicitado por ser a ocasião oportuna para que os nobres do reino português mantenham a dignidade e honra ante a situação política portuguesa. Já em (88), a construção é empregada para revelar os motivos pelos quais havia desavenças financeiras acerca do valor referente a venda de navios fabricados nos Estados Unidos.

[[mas] agora que]

(89) " (..) O inimigo manifesta um plano regular nos seus ataques, e a nossa inacção lha da corragem. Eu creio, segundo tenho repetidas vezes suggerido a V. E., que não devemos perder tempo em começar as operaçoens offensivas, do contrario pode o fogo da insurreiçaõ espalhar-se do sul para as outras provincias, e as tropas regulares, que agora estão dispersas, podem fazer a sua juncçaõ com os rebeldes. (..) Alem disso rogo a V.E. queira lembrar-se de que ha mais de um mez, desde que occupei Andujar; que este paiz tem sido saqueado por salteadores, e que não podemos tirar daqui senaõ escassos meios de subsistencia. As tropas não teriam ja mantimentos, se os soldados se não empregassem diariamente em colher trigo, e fazer o seu paõ: **mas agora que** estão constantemente em armas nao he possivel usar destes meios. "

*Jornal Correio Braziliense*

(90) "(..) Assim commerciavamos nos tempos, em que fomos senhores dos generos e manufacturas da Asia, assim que vinhão pelo Cabo da Boa Esperança; e tambem há cousa de meio seculo para cá, em quanto vinha muito ouro das Minas, e valião os generos da America; **mas agora que** vem cada vez menos, e os generos abaterão na estimação e valor, pelos que correm no commercio, produzidos em outras Colonias novas, necessariamente havemos de fazer hum commercio, como mostrarei na fórma seguinte."

*Jornal Correio Braziliense*

Tanto os exemplos (89) e (90) apresentam a conjunção adversativa *mas* na construção. Essa inserção, além de apresentar os motivos, estabelece contraposição de situação ou ideia nos períodos. Em (89), o escritor narra a situação de guerra e a fome como consequência. O leitor é informado que os soldados faziam o próprio pão para que não sucumbissem a essa privação de alimentos, no entanto, devido aos embates, já não o faziam tanto. No exemplo (90), o escritor relata a escassez dos gêneros alimentícios devido a poucas viagens feitas entre o continente asiático e o seu país. A micro-

construção [[mas agora QUE] apresenta os motivos dessa diminuição e ainda contrapõe a situação de fartura apresentada.

[[porém] agora QUE]

(91) "Quando me resolvi a procurar o procurar de Fiscal da Freguezia do Sacramento, tive em vista a Lei, e a praxe seguida pelas outras Camaras do Imperio, em que se tem guardado aos Fiscaes a consideração que parece ser devida ás funcções importantes, que tem de exercer, e confiado em que a Lei seria aqui observada, não duvidei aceitar hum cargo, em que podia talvez ser util, e servir aos meus cidadãos; **porém agora que** a Camara Municipal, segundo à sua última resolução, parece ter formado acerca dos Fiscaes huma idéa diversa da que fixão a lei, o Regimento interno, e os exemplos, não me pôde convir continuar em funcções, que se tornarão incompativeis com a Lei, e com as minhas forças(..)"

Jornal A Aurora Fluminense

Neste exemplo, o *slot* é preenchido com a conjunção adversativa *porém*. Este uso, tal qual nos exemplos anteriores, apresenta os motivos e ainda contrapõe um fato. Essas microconstruções revelam as relações de herança que indicam causa e, daí, mantêm este sentido com o acréscimo do estabelecimento de valor oposto. Pode-se afirmar, então, que, nos periódicos pesquisados, a construção causal [agora QUE] motivou as construções de causa com acréscimo adversativo [[[X] agora QUE]. Conforme Bybee (2010), postulamos que a habilidade cognitiva de *chunking* foi o processo responsável pelo encadeamento da construção abstrata [X que] CONNECT, (cf. CEZARIO, 2015), em que X pode se configurar como um vocábulo de valor temporal.

[agora QUE]	Inicia a oração em que os motivos são demonstrados.	Agora que
[[[X] agora QUE]]	Inicia a oração em que tantos os motivos e a contraposição de ideias ou fatos são estabelecidos.	Mas agora que Porém agora que

Quadro 7- Esquema da construção [agora QUE]e micro-construção [[[X] agora QUE]

De acordo com Goldberg (1995, p.20), “as construções carregam significados”, ao partirmos desta afirmação, entendemos que haverá restrição de item lexical na construção de acréscimo, logo, o *slot* só poderá ser preenchido pelo elemento que tenha carga semântica de causa e, no caso da construção motivada [[(X) agora QUE]], a micro-construção será construída com itens adversativos.

Em relação à visão de rede, Goldberg (2003:219) sugere que “ a totalidade do nosso conhecimento de língua é capturada por uma rede de construções”. Esse entendimento encontra apoio em (T&T, 2013, p.9)<sup>14</sup>, os quais postulam ser crucial a compreensão de conceitos como *nós* e as ligações entre *nós*, “distância” entre os membros de uma família, agrupamentos de propriedades, graus de entrenchamento e acessibilidade da construção. Neste sentido, T&T (2013) concebem a rede construcional como uma associação de conceitos tanto de nível mais básico quanto de nível mais generalizado.

Sendo assim, pode-se afirmar que a organização de nosso conhecimento linguístico está estruturada em uma rede de construções, cuja representação funcional pode apresentar papéis semânticos, sintáticos e diferentes graus de esquematicidade nas construções. Se houver aumento de produtividade da construção, ocorre a expansão e, conseqüentemente, há a inserção de novos membros; os exemplares mais antigos podem se estabilizar ou, até mesmo, apresentar uma outra configuração.

Em nossa pesquisa, os dados foram alocados em dois esquemas abstratos, a saber, Construção Circunstancial, cujo domínio funcional apresenta caráter adverbial e Construção de Comparação Temporal Enunciativa, no qual as construções e microconstruções apresentam deslizamento funcionam, estabelecem relações comparativas entre as porções textuais e o tempo é não cronológico, isto é, não apresenta correlação com o calendário (NEVES; 2011).

Segue, abaixo, a nossa leitura de rede construcional do padrão abstrato inspirado no modelo de T&T (2003)

---

<sup>14</sup> Crucial to the idea of a network are such concepts as nodes and the links between nodes, ‘distance’ between members of a family, clusterings of properties, degrees of entrenchment and accessibility of a construction. [Tradução nossa].



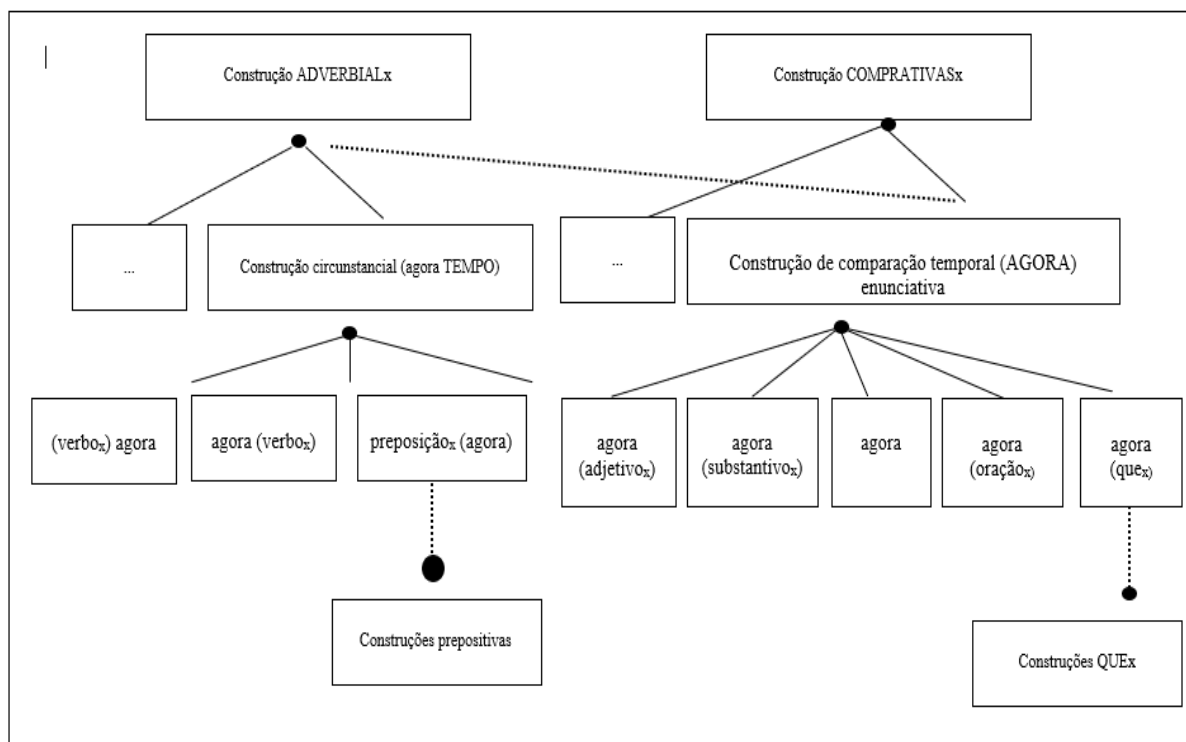


Figura 6 - Rede Construcional

Na representação, acima, procuramos evidenciar a rede construcional dos padrões (subesquemas) aqui estudados. Inicialmente, tem a representação das duas construções, [circunstanciadora *agora* TEMPO], que licencia três subesquemas construcionais: [VERBO *agora*], [*agora* VERBO], [PREPOSIÇÃO *agora*]; e a construção [comparação AGORA enunciativa], que licencia cinco subesquemas construcionais: [*agora* ADJETIVO], [*agora* SUBSTANTIVO], [*agora* PERÍODO(S)], [*agora* QUE], [*agora* (X) ORAÇÃO]; ambas as construções possuem apenas *slots* a serem preenchidos por vários elementos, ou seja, são mais esquemáticas. Conforme se observa ainda, na representação, ambas as construções estão relacionadas a outras construções, pois estão inseridas nas relações de hierarquia, em que os sentidos construcionais são compartilhados. Este é o caso da construção [comparação AGORA enunciativa], que participa da rede construcional das construções comparativas. Sobre isso, Goldberg (1995) salienta que, ao observamos as construções, deve-se ter em mente que uma construção remete a outras construções. Já a construção [circunstanciadora *agora* TEMPO] integra a rede construcional de domínio adverbial, pois compartilha, em nível ascendente, a construção adverbial, que possui o caráter circunstancial. Além disso, podemos relacionar as construções a outras construções: é o caso do subesquema [PREPOSIÇÃO *agora*], que está relacionado às construções prepositivas.

O princípio básico da construção gramatical é que nosso conhecimento é moldado e composto por uma rede taxonômica de construções, ou seja, pareamento de forma e significado (GOLDBERG, 1995), e nenhum nível de gramática é considerado autônomo.

O crescimento da rede e o desenvolvimento de novos *types* (de famílias de construções) são fenômenos que são característicos da rede conceitual, que deriva de eventos de uso nos quais a abstração e a extensão de construções anteriores são típicas. Famílias de construções *type* podem ser reunidas (dentro/em) esquemas, às vezes em subesquemas.

Em nossa proposta de rede, as construções circunstanciais com *agora* estão distribuídas nos esquemas [VERBO *agora*], [*agora* VERBO] e [PREPOSIÇÃO *agora*]. Identificamos que o esquema [PREPOSIÇÃO *agora*] apresentou aumento de produtividade e, por isso, a rede se expandiu e houve a inserção de três microconstruções, cuja representação está na próxima figura.

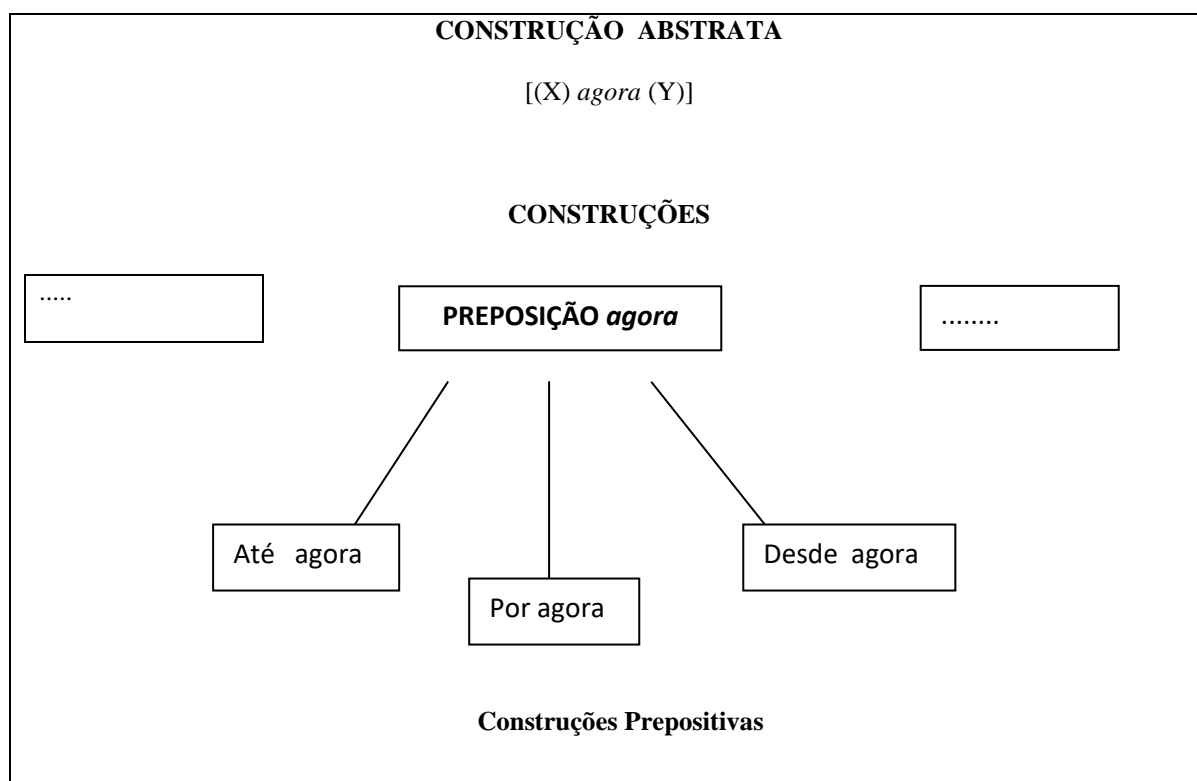


Figura 7 - Rede Construcional do esquema PREPOSIÇÃO *agora*

Percebamos que, nesta leitura de rede, o padrão abstrato [(X) *agora* (Y)] instancia o esquema [PREPOSIÇÃO *agora*], o qual licencia as construções prepositivas com *agora* e que, em nossos dados, a considerar o contexto discursivo-textual, começa a apresentar interação textual.

Nas amostras encontradas, o subesquema [PREPOSIÇÃO *agora*] possibilitou a relação intertextual com o tempo enunciativo do usuário da língua. Através deste mecanismo, foram possíveis usos diferentes para essas microconstruções temporais, como, por exemplo, [por *agora*] em que houve a manutenção canônica de *nunc' hora*. Nas demais microconstruções, houve um acréscimo de uso e de correlação temporal: [até *agora*] serviu para introduzir nova informação e [desde *agora*] apresentou um matiz temporal de futuro imediato.

Em relação ao esquema da rede de construções comparativas, percebemos que o padrão [*agora* QUE<sub>connect</sub>] gerou duas microconstruções, as quais estabelecem, num determinado contexto, traços semânticos de aproximação. Garcia (2010, p. 77) afirma que há um grupo de ideias analógicas ou de afinidade, verbos e nomes que se unem por similaridade (base metafórica), contiguidade ou causalidade (bases da metonímia e da sinédoque). Ao utilizar as palavras *causa* e *mãe*, o autor afirma que, apesar de essas palavras não serem sinônimas, num contexto específico, podem ter o mesmo sentido, já que ambas as palavras têm a ideia de *origem* como um traço em comum.

As porções textuais de causalidade podem ser empregadas de várias maneiras. Comumente, vemos os adjuntos ou orações adverbiais, porém, há estruturas que apresentam relação causal, por exemplo, “O trabalho é a fonte de toda a riqueza” (GARCIA, 2010:78) ou palavras que significam causa, origem ou motivo. Apresentamos, na figura abaixo, a nossa leitura de rede para o esquema [*agora* QUE]

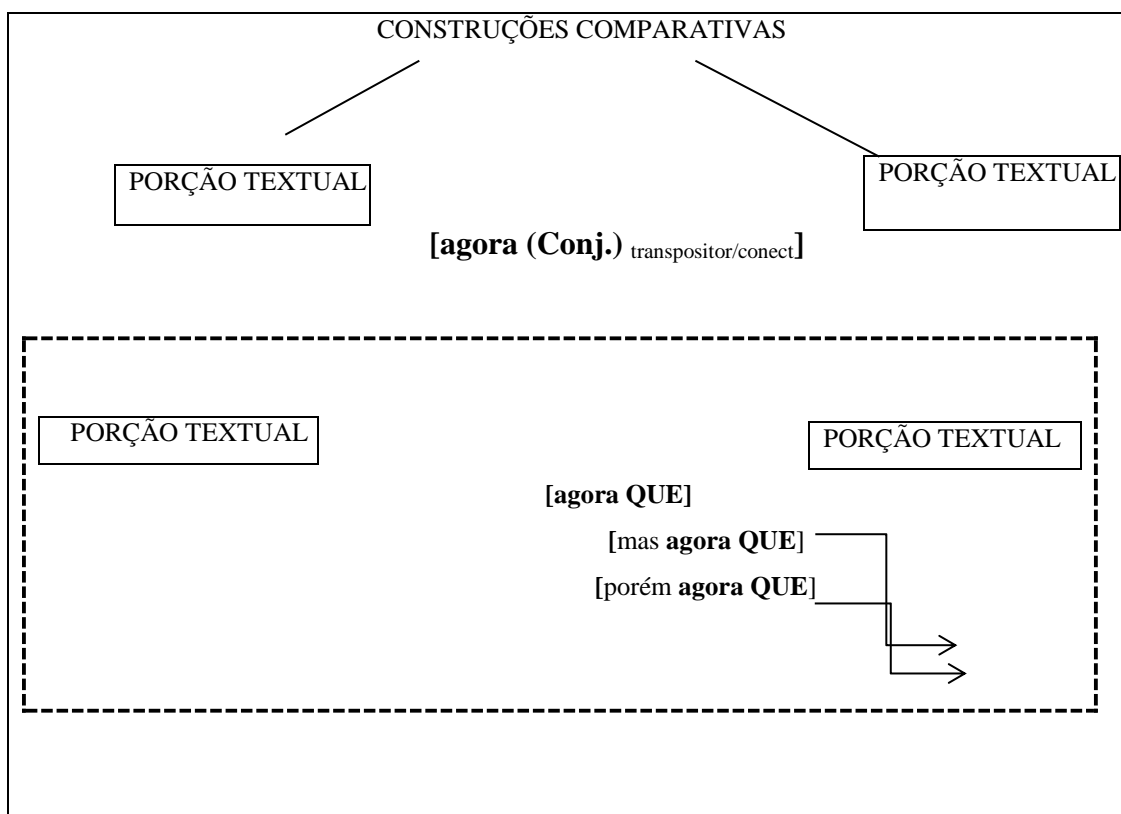


Figura 8 - Instanciação comparativa em construções com *agora*

Nessa proposta, o subesquema [*agora QUE*] promove integração entre porções textuais que demonstrem motivos ou causas de um determinado fato ou assunto. Essa sequenciação lógica fora possível porque, ao ser empregado como uma conjunção, o subesquema possibilitou ao usuário da língua o encadeamento porções textuais, que estão localizadas em um determinado tempo discursivo. Por sua vez, essa expansão de usos promove o aparecimento de nossos sentidos, como, das conjunções adversativas.

Para o melhor entendimento das modalidades de estruturas causais que o esquema [*agora QUE*] pode apresentar, é necessário compreender as relações entre as ideias dispostas nas porções textuais.

De acordo com Garcia (2010), através da associação entre ideias contidas em frases, orações e períodos, ou seja, porções textuais, pode-se mostrar, através do raciocínio silogístico, a relação de causa e consequência nas estruturas sintáticas comparativas, as quais não precisam ser, obrigatoriamente, orações subordinadas.

Note que, em nossa interpretação de rede para o esquema [*agora QUE*], a depender da porção textual, a modalidade causal poderá apresentar o acréscimo de oposição. Neste caso, houve a reconfiguração do *slot* com a inserção de itens lexicais configurados a esse propósito.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme apresentamos, na introdução deste trabalho, o objetivo dessa dissertação foi descrever e analisar dados instanciados pela construção abstrata [(X) *agora* (Y)] e seus papéis nos periódicos fluminenses do século XIX.

Após a análise de usos, verificamos que os dados se distribuía em 8 padrões ou subesquemas: (i) [VERBO *agora*]; (ii) [*agora* VERBO]; (iii) [PREPOSIÇÃO *agora*]; (iv) [*agora* ADJETIVO]; (v) [*agora* SUBSTANTIVO]; (vi) [*agora*]; (vii) [*agora* ORAÇÃO] e (viii) [*agora* QUE]. Apesar de esses diferentes subesquemas, a partir das propriedades sintático-pragmáticas analisadas, apresentarem papéis pragmáticos específicos, o que nos faz reuni-los em dois esquemas abstratos, denominados de: (i) construção circunstancial (*agora* TEMPO); e (ii) construção de comparação temporal enunciativa. Este apresenta atitude do falante a da localização do tempo e a comparação entre ações, e aquele sinaliza o tempo do evento.

A nossa investigação confirmou que as construções com *agora* possuem propriedades conectoras, tais como apresentadas nas construções [agora QUE] e [agora (X) ORAÇÃO]. Notamos que essas construções, além de exercerem a ideia de comparação entre os as porções textuais, ajudam na transição textual dos enunciados, criando uma relação de coerência entre as duas partes.

O trabalho demonstrou que a construção [*agora* QUE] tende a apresentar domínio de Conjunção Causal, uma vez que a própria configuração dessa construção [advérbio + QUE<sub>connect</sub>] é classificada como Locução Conjuntiva Causal (cf. BECHARA, 2009) e, bem como o comportamento das conjunções, integra porções textuais, apresenta relação de sentido entre essas partes do texto, além de expressar motivo ou razão através da construção. Esta construção licencia duas microconstruções: [**mas** agora QUE] e [**porém** agora QUE] em que ambos os itens inseridos nos *slots*, conjunções adversativas, iniciaram os motivos pelos quais as ideias opostas foram exibidas.

Em uma análise comparativa, percebemos que a construção [*agora* (X) ORAÇÃO] apresenta funções tanto de operador argumentativo quanto de conjunção adversativa. Essa realização de empregos foi possível devido aos seguintes fatores: tipos de jornal e de gênero textual, isto é, o contexto em que a construção fora utilizada foi determinante para essa

instanciação de uso. Além disso, o deslizamento funcional apresentado por esta construção permitiu a organização das informações no texto.

Identificamos que a construção [PREPOSIÇÃO *agora*], de face estritamente adverbial, gerou três microconstruções: [desde agora], [por agora], [até agora]. Em nossa análise, essas microconstruções apresentaram nuances temporais: a relação cronológica considerada na construção foi a do enunciado, além das seguintes particularidades: simultaneidade cronológica e futuro imediato para as construções [por agora] e [desde agora], respectivamente. Em hipótese a ser aventada futuramente, há a possibilidade de que essa construção [PREPOSIÇÃO *agora*], em virtude do âmbito discursivo-textual, apresente relação discursiva e, conseqüentemente, tenha diminuído o espectro temporal.

Já a construção [VERBO *agora*], a depender do tipo de jornal ou tipo de gênero, ou seja, de qual contexto de uso a construção estiver empregada, pode apresentar empregos adverbiais ou discursivos. Da mesma forma, ainda que esteja em menor quantidade, a construção [*agora* (X) VERBO] tende a apresentar as mesmas possibilidades de emprego.

A construção [*agora* PERÍODO(S)] apresentou, nos jornais pesquisados, a possibilidade de funcionar como conjunção adversativa ou operador argumentativo. O diferencial é que, enquanto conjunção, a construção apresentou trechos com oposição de ideias e como operador argumentativo houve direcionamento de tópico e/ou informação de acordo com a intenção pretendida.

Por fim, descrevemos os usos das construções [*agora* (X) ADJETIVO] e [*agora* (X) SUBSTANTIVO], que foram as menos frequentes nos jornais. Apresentam escopo textual bem pequeno e servem para dar destaque ao que é informado através do adjetivo e do substantivo.

Dessa forma, fundamentados sobretudo em Croft (2001) e Goldberg (1995.2006), apresentamos uma análise construcional para compreensão dos usos de construções com ‘*agora* existentes num dado período da língua portuguesa’. Assim, estabelecemos as propriedades encontradas nas construções geradas a partir de sua forma mais abstrata [(X) *agora* (Y)], no quadro 8, seguinte.

POLO	PROPRIEDADE	TRAÇOS
FORMA	Morfológica	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Apresenta significativa possibilidade de combinações de itens no <i>slot</i>;</li> <li>• Apresenta interação com outros itens lexicais não prototípicos dos adverbiais, como substantivo, adjetivo, preposição.</li> </ul>
	Sintática	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Como função conjunção, apresenta posição fixa na cláusula;</li> <li>• Apresentou diferentes papéis funcionais;</li> <li>• Ainda que apresente deslizamento funcional, o traço adverbial não é suprimido.</li> </ul>
	Fonológica	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Apresenta, através de <i>chunking</i>, encadeamento dos elementos.</li> </ul>
SIGNIFICADO	Pragmático	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sequência argumentativa no gênero <i>entrevista</i>;</li> <li>• Sequência narrativa no gênero <i>notícia</i>;</li> <li>• Esquema abstrato (1): pontualizar o tempo no discurso;</li> <li>• Esquema abstrato (2): localização do tempo e a comparação entre ações</li> </ul>
	Discursivo	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Progressão textual;</li> <li>• Função conectiva.</li> </ul>

Quadro 8 - Propriedades das construções com *agora*

Há diversos estudos sobre os usos de *agora* no português, como demonstramos no capítulo 3, mas nosso trabalho se destaca pela análise cognitivo-funcional de padrões em que *agora* figura. Usando uma abordagem construcionista, verificamos que era preciso ir além do estudo do item. Verificamos o esquema geral do qual os padrões construcionais ou subesquemas são gerados e estabelecemos os links semânticos e formais entre eles. Com isso, esperamos ter contribuído tanto para os estudos linguísticos no sentido de melhor compreendermos os links entre construções de mesma base, como para o aprofundamento do



estudo de certos aspectos gramaticais, semânticos e pragmáticos da língua portuguesa usada  
em jornais do século XIX.

## REFERÊNCIAS

- ARMITAGE, J. *História do Brasil*. Rio de Janeiro: J. Villeneuve, 1837.
- AZEVEDO, M.D.M. Origem e desenvolvimento da imprensa no Rio de Janeiro. *Revista do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil*. Rio de Janeiro, tomo XXVIII, parte II, 1965.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BECHARA, E. *Moderna Gramática do Português*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BISPO, E. B.; FURTADO DA CUNHA, M. A.; SILVA, J.R. *Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas*. In CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (orgs.). *Linguística centrada no uso*. Rio de Janeiro: Mauad X/FAPERJ, 2013, p. 13-39.
- BYBEE, J. *Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency*. In JOSEPH, B.; JANDA, R. (orgs.). *A handbook of historical linguistics*. Blackweel, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Frequency of Use and the Organization of Language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- CASTILHO, A.T. *Gramática do português culto falado no Brasil*. Org.: Mary Aizawa Kato, Milton do Nascimento. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.
- CEZARIO, M.M.C. et alii. OS advérbios: aspectos históricos e usos atuais. In: LOPES, C.R.S. *História do português brasileiro: mudança sintática das classes de palavra: perspectiva funcionalista*. 1. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2018. v. 1. 416 p.
- \_\_\_\_\_. ALONSO, K.S. *A dimensão do uso na gramaticalização de construções*. In: Mariangela Rios de Oliveira; Ivo do Rosário. (Org.). *Linguística centrada no uso: teoria e método*. 1ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015, v. 1, p. 63-73.
- CLERES, D.S. *Agora, virei um marcador discursivo: A multifuncionalidade do elemento agora em textos jornalísticos*. Monografia de Especialização em Língua Portuguesa. UERJ, 2016.
- COSTA NUNES, J. *Mente de antigamente*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014.
- CROFT, W. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- \_\_\_\_\_.; CRUISE, A. *Cognitive linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004
- CUNHA, M. A. F. Funcionalismo. In: MARTELLOTA, M. E. (Org.). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 157-176.
- DIEWALD, G.; BERGS, A. (eds.). *Constructions and Language Change*. Berlin: de Gruyter, 2008
- DOLZ, J. SCHNEUWLY, B. *Gêneros orais e escritos na escola*. Trad. Roxane Rojo e Gláís Sales cordeiro. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.
- FILLMORE, C.; BAKER, C F. FrameNet: Frame semantics meets the corpus. Poster session at The Linguistic Society of America, January, 2001.

\_\_\_\_\_ ; BAKER, C. (2010). A frames approach to semantic analysis. In: Heine, B. e Narrog, H. (Eds.). *The Oxford Handbook of Linguistic Analysis*. Oxford: Oxford University Press, p.313-339.

FRIED, M. *Constructions and constructs: mapping a shift between predication and attribution*. In: BERGS, A. & DIEWALDS, G. (Ed.). *Constructions and language change*. Berlin & New York: Mout de Gruyter, 2008, p. 47-79.

GARCIA, O. M. *Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar*. 27 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

GIVÓN, T. *On understanding grammar*. New York/San Francisco/London: Academic Press, 1979.

GOLDBERG, A. *A construction grammar approach to argument structure*. Chicago/ London: The University of Chicago Press, 1995.

\_\_\_\_\_. *Constructions: a new theoretical approach to language*. *Trends in Cognitive Sciences*, v. 7, p. 219-224, 2003.

\_\_\_\_\_. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GONÇALVES, M.C. O jornalismo literário no século XIX: a imprensa entre folhetins, crônicas e leitores. *XXVII Simpósio Nacional de História*, Natal, 2013.

GRYNER, H. *A Emergência das construções contrastivas introduzidas por agora*. In: VOTRE, S. & Roncarati, C. (Org.). *Anthony Julius Naro e a Linguística no Brasil: uma homenagem acadêmica*. Rio de Janeiro: 7Letras. (2008).

HAIMAN, J. *NATURAL SYNTAX. Iconicity and erosion*. Cambridge, Cambridge University Press, 1985.

HEINE, B; CLAUDI, U; HUNNEMEYER, F. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. *Variation, change and constructions in English*. *Cognitive Linguistics*. 22, 1, 2011. p. 1-23. Disponível em: [http://www.research.ed.ac.uk/portal/files/13028043/TROUSDALE\\_2011\\_Variation\\_CHANGE\\_and\\_Constructions\\_in\\_English.pdf](http://www.research.ed.ac.uk/portal/files/13028043/TROUSDALE_2011_Variation_CHANGE_and_Constructions_in_English.pdf)

HOFFNAGEL, J. C. *Entrevista: uma conversa controlada*. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

HOPPER, P. J. Emergent grammar. In: TOMASELLO, M. (Ed.). *The new psychology of language*. v. 1. Mahwah; New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1998, p. 155-176.

\_\_\_\_\_.; & TRAUGOTTE. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

ILARI, R. et alii. Considerações sobre a posição dos advérbios. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Gramática do português falado: a ordem*. Vol. I. São Paulo: Editora da UNICAMP/ FAPESP, 1990.

ILOGTI DE SÁ, E. C. *Aconteceu em 2015 e En 2015 il est arrivé: Ordenação dos Circunstanciais Temporais e Aspectuais no Português e no Francês* / Érika Cristine Ilogti de Sá. – Rio de Janeiro: UFRJ/ Faculdade de Letras, 2015.

- ILOGTI DE SÁ, E. C.; CEZARIO, M.M.; NUNES, J. Ordenação de advérbios temporais e aspectuais. *Transformar* (Itaperuna), V.1, p. 189-203, 2005.
- JORDÃO, G. M. J. *Construções com o verbo passar: mudança construcional em perspectiva funcional*. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Universidade Federal Fluminense, 2017.
- KEMMER, S.; BARLOW, M. (Eds.). *Usage-based models of language*. Stanford: CSLI Publications, 2000.
- LAGE, N. *Estrutura da notícia*. 2 ed. São Paulo: Ática, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Ideologia e Técnica da Notícia*. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.
- LANGACKER, R. W. *Cognitive Grammar: a basic introduction*. New York: Oxford University Press, 2008.
- LUCERO, M. V. P. Clases de partículas: preposición, conjunción y adverbio. In: BOSQUE, I.; DEMONTE, V. *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Madrid: Espasa, 2004.
- MACHADO, N.I.P. *As locuções adverbiais temporais e aspectuais nos séculos XVIII e XIX do português: um estudo da ordem*. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2012.
- MARCONDES FILHO, C. *Comunicação e jornalismo: a saga dos cães perdidos*. São Paulo: Hackers, 2000.
- MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Gêneros textuais: definição e funcionalidade*. In: DIONISIO, Ângela Paiva et alii (org). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 19-36.
- MARQUES DE MELO, J. *A opinião no jornalismo brasileiro*. São Paulo: Vozes, 1985.
- MARTELOTTA, M. *Os circunstanciadores temporais e sua ordenação - uma visão funcional*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994. Disponível em <http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/>
- \_\_\_\_\_.; (Org.). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2008a.
- MATHIESSEN, C. and S. THOMPSON. (1988) The Structure of Discourse and "Subordination". In: J. Haiman and S. Thompson. *Clause Combining in Grammar and Discourse*. Amsterdam: John Benjamins, p. 275-329.
- MIRANDA, N.S. (org.); SALOMÃO, M.M.M. (Org.) *Construções do Português do Brasil: da gramática ao discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. V. 01.389.
- MOLINA, M.M. *História dos Jornais no Brasil*. Vol. 1, Companhia das Letras, 2015.
- MORAES PINTO, D. *Gramaticalização e ordenação nos advérbios qualitativos e modalizadores em -mente*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008. Disponível em <http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/>
- OLIVEIRA, M. J. *Conectores adversativos na fala do natalense: uma análise funcionalista com implicações para o ensino*. Dissertação de mestrado. Natal, UFRN, 2009.
- PINTO, A.F.M. A Gazeta da Tarde e as peculiaridades do abolicionismo de Ferreira de Menezes e José do Patrocínio. *XXVIII Simpósio Nacional de História*. Florianópolis, 2015.

RIBEIRO, P.S. *A variação no uso dos marcadores explícitos e implícitos de contraste – mas, agora e zero – no português falado no Rio de Janeiro*. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro, UFRJ, 2011

\_\_\_\_\_. GRYNER, H. (2005). *Contraste Semântico-Pragmático e Marcadores Contrastivos*. Caderno do Congresso Nacional de Linguística e Filologia, da UERJ, Vol. IX.

RIOS DE OLIVEIRA, M.; BATORÉO, H. Construções com pronomes locativos (loc) do tipo LOCV e VLOC no PB e no PE: correspondências e distinções. *Linguística*, v. 30 (2), dezembro, p. 171-208, 2014.

\_\_\_\_\_; (Org.); CEZARIO, M.M.C. (Org.). *Adverbiais: aspectos gramaticais e pressões discursivas*. 1. Ed. Niterói; Editora da UFF, 2012 v. 1. 291p

RIZZINI, C. *O livro, o jornal e a tipografia no Brasil (1500-1822): com um breve estudo geral sobre a informação*. São Paulo: Imprensa Oficial, 1988.

ROSÁRIO, I. C. OLIVEIRA, M. R. *Funcionalismo e abordagem construcional da gramática*. Alfa, São Paulo, 60 (2): 233-259, 2016.

SACONNI, L. *Nossa gramática: teoria*. 14 ed. São Paulo: Atual, 1990.

SANKOFF, G. & P. BROWN (1976) *The origins of syntax in discourse: a case study of Tok Pisin relatives*. *Language*, 52:631-66.

SODRÉ, M. *Reinventando a cultura*. Petrópolis: Vozes, 1996.

TRAUGOTT, E. C. *The status of onset contexts in analysis of micro-changes*, in M. Kytö (ed.), *English Corpus Linguistics, Crossing Paths*, Amsterdam, Rodopi: 221-255. 2012.

\_\_\_\_\_; KÖNNIG, E. The semantics-pragmatics of grammaticalization revisited. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (Ed). *Approaches to grammaticalization*. v. I. (Focus on Theoretical and Methodological Issues). Amsterdam: John Benjamins, 1991. v. 1. p. 189-218.

\_\_\_\_\_; *From subjectification to intersubjectification*. Paper presented at the Workshop on Historical Linguistics, Vancouver, Canadá, 1999.

\_\_\_\_\_; DASHER, R. B. *Regularity in Semantic Change*. (Cambridge Studies in Linguistics 96) Cambridge: Cambridge University Press, p. 27- 34, 2002.

\_\_\_\_\_. Toward a coherent account of grammatical constructionalization. In: BARÐDAL, J. et al. (Ed.). *Diachronic construction grammar*. Amsterdam: John Benjamins, p.51-80. (Constructional Approaches to Language, 18), 2015.

\_\_\_\_\_. & TROUSDALE, G.(eds.). *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.